



CAMILA  
MARCIANO

Um  
coração  
por  
casal



Camila Marciano

*Um*



*por Casal*

**Dea**  
editora

**Copyright © CAMILA MARCIANO, 2019**  
**Copyright © 3DEA EDITORA, 2019**

|                      |                      |
|----------------------|----------------------|
| Editor               | Patrícia Azevedo     |
| Assistente Editorial | Larissa Araújo Mafra |
| Revisão              | Maciel Salles        |
| Ilustrador           | Dri K. K             |

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos, e sobre eles não emitem opinião.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão expressa da Editora, na pessoa de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Todos os direitos reservados à 3DEA Editora.  
[www.3deaeditora.com.br](http://www.3deaeditora.com.br)  
[contato@3dea.com.br](mailto:contato@3dea.com.br)

# *Sumário*

[Agradecimentos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

# *Agradecimentos*

A gente sempre acha que “câncer” só acontece com os outros. Quando tive ideia de escrever sobre um tema tão profundo quanto esse, achei que não encontraria ninguém do meu convívio que tivesse essa experiência para dividir comigo.

Ledo engano. E meu agradecimento vai justamente para essas pessoas, do grupo do WhatsApp, que tanto me ajudaram, mesmo sem saber para que, a construir essa narrativa. Gabriela, Lúcia, Poliana, Débora, Patrícia e todas as outras lindas que sempre me salvam.

Depois, quero agradecer à editora, 3DEA, que aceitou meu Dênis antes mesmo que fosse escrito, apostou na ideia e entendeu quando precisei de mais quinze dias para terminá-lo.

Quero agradecer ao meu marido, que chama este livro de “o livro do Câncer”, que me apresentou a um amigo, que conhece um amigo, que faz etanol caseiro; que está sempre me apoiando e comemorando as pequenas vitórias diárias comigo.

E, por fim, obrigada a você que deu uma chance a esse livro. Espero que tenha gostado e mal posso esperar para ouvir o que você tem a dizer sobre ele.

Com amor,  
Camila Marciano.

# Capítulo 1

Ele não podia perdê-la novamente. Dênis estava em pé, de frente para o guarda que regula visitantes no hospital, esperando a hora de poder entrar e dar um último beijo em Iracema, antes da mastectomia total, cirurgia mais importante de sua vida.

Inteiro uma bagunça. Não dormiu, não jantou, não comeu nem bebeu nada. Como se fosse caso de vida ou morte. Ele sentia que alguma coisa de ruim aconteceria. Seu coração não mente, nunca mentiu, e ele sempre foi homem de fé.

Foi autorizado a entrar quando começou o horário de visitas, oito horas em ponto. Cruzou os corredores aos trotes, perdeu o chapéu de cowboy no meio do caminho e não teve tempo de voltar para buscá-lo. Topou com Marina e pediu desculpas pelo encontrão.

Marina? A sua *ex-noiva*? A mulher que botou fogo em sua fazenda?

Parou no meio do corredor e deu meia-volta.

— Tá fazendo o que aqui? — Coincidências demais não são coincidências.

— Ué, vim contar para ela sobre o nosso filho! — Com a cara lisa, a maquiagem borrada para parecer cena dramática, Marina chacoalhava a mão, na cara dele, mostrando a aliança de noivado que ele deu um dia e já se arrependeu amargamente por tê-lo feito.

— Filho, Marina, que filho?

— O que eu vou ter com você!

— Como que a gente está grávido, se sempre foi de camisinha?! E você tem DIU, minha Nossa Senhora...

— É, meu bem — Marina tinha um humor perverso —, quando é para ser, Deus dá um jeito.

Sem pensar, partiu correndo até achar o quarto de Iracema.



De touquinha descartável, deitada na cama móvel, a sala estava cheia de médicos e enfermeiros. Seu Geraldo, o pai, segurava a mão de Iracema, desejando boa cirurgia, e os técnicos já tinham destravado as rodinhas de sua cama para levá-la até o centro cirúrgico.

— Cema... — Ele disse assim que entrou no quarto, pálido de medo — Cema...

— Agora não, cabra. — Seu Geraldo mandou e sequer o chamou pelo apelido de costume.

Iracema tinha os olhos tão cozidos de choro, tão tristes, que qualquer coisa que ele dissesse não faria sentido.

— Cema, por favor, amor, me perdoa. — Ele sequer sabia como explicar.

— Então é verdade? — Ela sussurrou, engolindo o choro, tão magoada que parecia ser o fim de sua linha.

— Não, anjo, pelo amor de Deus, é claro que não é!

— Você não terminou com ela como me disse?

— Não tinha o que terminar!

— Então você estava comigo ao mesmo tempo que estava com ela...

— Não! Não, Cema, ela te explicou tudo errado...

— Vá embora.

— Cema, por favor, me deixa explicar.

— Vá. — Ela mandou, num fiapo de voz, tão encolhida e pequena, deitada naquela cama. — Tirem ele daqui.

— Cema, amor, não faz isso comigo.

— Vamos! — O médico mandou que seus técnicos empurrassem a cama de Iracema até o centro cirúrgico e se virou para o cowboy: — Agora não é hora, por favor, nos dê licença.

Dênis deu espaço para a cama passar, mas seguiu ao lado, procurando o que dizer, perdido com a súbita aparição de Marina, a falsa notícia de bebê, o jeito como ela conseguiu acesso ao quarto de Iracema antes dele e o como ela resolveu contar para o amor de sua vida que está grávida.

— Cema, nós não estamos juntos. Desde que encontrei você, só vivo para você, só sei cuidar de você. Por favor, meu dengo... — A cama dobrou a esquina do corredor, em direção ao elevador, e ele continuou falando, por cima da voz do pai da moça, por cima da voz dos técnicos, por cima da voz de todo mundo, inclusive por cima das ameaças de chamar a segurança. — Cema, não entra na cirurgia de mal comigo, é pecado, me ouça, eu não sou esse cara que cê tá pensando, nunca fui.

— Se você não tirar ele daqui em cinco segundos, eu grito. — Ela ameaçou o técnico de enfermagem mais próximo.

Então, antes que a paciente fizesse um escândalo, dois seguranças chegaram e a porta do elevador se abriu.

## Capítulo 2

Iracema chegou em casa arrasada. Não havia mais espaços para otimismo, o diagnóstico era um só e bem pior do que ela esperava.

Abriu a porta de casa como se fosse a última vez. Envergonhada, com medo de morrer, sozinha. Seu noivo, desde o primeiro exame, não parava mais em casa. Emendava um plantão no outro. De vez em quando, se não estivesse muito cansado, se lembrava de perguntar sobre seu dia e sobre a bateria de exames. Na maioria das vezes, não — e olha que ele era médico.

Sentou-se no sofá e pediu, numa mensagem de texto, que ele voltasse para casa. Esperou que chegasse conforme prometera: no final do expediente.

Dormiu, cansada de tanto chorar e sozinha, e não o viu chegar. Só o percebeu no dia seguinte, pelo café, cheio de desculpas e uma lista imensa de afazeres.

Bebeu café sem pão o ouvindo falar de casos urgentes e bizarros do pronto-socorro. Sobre um tal congresso na Bahia, a namorada do Roberto, parceiro das peladas de sábado, e um curativo inovador feito com escamas de peixe para tratar pacientes que sofreram queimaduras graves.

Olhando-o tagarelar, ela tremia por baixo da mesa, uma mão cutucando a película das unhas da outra: *Será que sua nova condição vai caber em sua agenda apertada?*

— Eu tenho uma coisa para te contar — Ela o interrompeu quando ameaçou se levantar da mesa, sem tirar seu prato, cansada de ter que esperar pelo momento certo.

— O que foi?

— Senta, Gui, a coisa é séria.

Pelo olhar, só quem convive sabe identificar sentimentos sem falas, ele entendeu tudo.

— O nódulo não é benigno, não é? — Ele quis confirmar.

Iracema, sem coragem de falar “câncer” em voz alta, assentiu segurando o pranto.

— Sou jovem demais para ser viúvo.

Entre o choro contido e amedrontado, Iracema engasgou. Esperava ouvir tudo, qualquer coisa poderia sair de sua boca, mas nunca esperou que saísse isso.

— Viúvo? — Ela repetiu. — O médico disse que com o protocolo correto a chance de cura é de noventa por cento!

— É, mas sua mãe já teve câncer, não é? E ela não morreu disso?

— Morreu, mas sobreviveu a dois antes de ser levada pelo terceiro!

— Eu quero filhos. — Ele nunca fala seu nome. Nunca vai dizê-lo em voz alta porque o acha pobre e antiquado. — E tratamento contra câncer deixa a mulher infértil. Ainda mais na mama.

— O médico disse que...

— Eu sou médico, eu sei o que meu colega disse.

Clínico geral. Guilherme passa longe de oncologista.

— Bom — ele retomou, distante como se o diagnóstico fosse de um paciente desconhecido e não de sua própria noiva —, eu vou trabalhar.

— Gui — ela tentou, acostumada com a distância e a solidão —, por favor, não vá. Eu preciso de você.

— Mas o hospital também precisa.

Questão de prioridades. Iracema o viu encher uma mochila com mudas de roupas, bem mais que o normal, mas não disse nada com medo da resposta.

O viu partir sem adeus, num beijo rápido de “até logo”, e não controlou a angústia. Sozinha, ela pensou. Já devia estar acostumada.

O esperou por três dias inteiros. No quarto dia deu o braço a torcer e resolveu ligar.

— Não dá para continuar assim. — Ele respondeu quando finalmente atendeu, depois de vinte ligações perdidas.

— O que não dá para continuar?

— Com você desse jeito!

— Que jeito, Guilherme? Doente?

— Não — claro que não, imagine —, a doença é o de menos, o problema é que a minha vida está muito cheia, tô emendando um curso atrás do outro, minha vida tá uma loucura! Você sabe, não é?

— E todos os seus cursos são mais importantes do que a minha saúde?

— Não seja malcriada, somos adultos!

— Malcriada...

— Tô tentando conversar numa boa.

— Guilherme, você está abandonando a mulher que você jura amar no momento mais difícil da vida dela!

— Mas você vai ficar boa, amor! Eu acredito em você!

— Você só não quer ter o trabalho de me ajudar nisso, não é?

— Não é isso...

— Como não, Guilherme? Três dias fora de casa!

— É que com o seu histórico...

— Qual histórico? O fato de que minha mãe morreu aos sessenta anos depois de sobreviver a dois cânceres, me gerar e morrer no derradeiro?

— Você vai passar a vida no hospital. Olha como foi sofrida a vida da sua mãe... Eu... Eu só não quero isso pra mim! Olha, vamos fazer assim: você fica com o apartamento, vai precisar dele, e eu te ajudo no financiamento porque não quero te deixar na mão, tá?

— Para não ter trabalho você faz qualquer negócio, né?

— Seja razoável. Olha, eu tô tentando resolver esta questão da melhor forma possível para nós dois!

— Qual questão? Depois de cinco anos eu virei uma questão?! Ontem eu era o amor da sua vida e hoje eu virei questão?! Guilherme, que espécie de homem faz isso?

— Não dá para conversar com você. Olha, eu vou desligar, tá bom? Sábado eu passo aí e pego o restante das minhas coisas.

— Pode vir já, ou queimo tudo. Eu sei me virar, tenho trabalho, tenho

onde morar e gente que se importa comigo. Pode vir para a sua casa e fique com tudo, faço questão de sair daqui.

— Você está louca.

— Não sou eu quem prioriza agenda, Guilherme. Eu não estou louca e, mesmo se tivesse, ninguém pode tirar a minha razão. Eu tô doente, porra! Os próximos meses serão os piores meses da minha vida, eu vou perder cabelo, corro o risco de entrar na menopausa com trinta e um anos de idade, corro o risco de perder os seios, corro o risco de vida, Guilherme, de vida! E você está preocupado com o trabalho que isso vai gerar para você? Pois se eu morrer, aí de você se aparecer no meu enterro!

Não percebeu que o noivo desligara há muito. Que seu discurso foi para o vento e as paredes esmaecidas do apartamento que não é mais ninho de amor. Chorando para o telefone apagado, incrédula, perdida e envergonhada, sentiu o peito espremer em angústia e culpa.

Era o fim da linha para ela.

Fim da linha antes mesmo do começo.

## Capítulo 3

*São Paulo.*

Chegou na casa do pai, de Uber, trêmula, e agradeceu pela ajuda do motorista por ter tirado suas coisas do porta-malas.

Tocou a campainha e a vira-lata Princesa abanava o rabinho no portão. O pai veio logo em seguida. Um tipo de sertanejo bruto que chegou em São Paulo na década de setenta e que chamou o concreto por lar sem nunca ter se encaixado no asfalto. Sorriu de ver quem era e sorriu maior de ver mala e cuia.

— Minha filha — ele soltou o cadeado e a abraçou com candura —, saudades que eu estava de você!

— Papai — ela não podia mentir. Aquele baixinho era seu pai, o homem que cuidou e que cuidaria dela até o fim de seus dias —, Guilherme me deixou.

— ... — Não tinha fúria nem raiva no olhar dele. De algum jeito que Iracema não via, tinha certo alívio.

Ele poderia inventar um cordel inteiro com os vitupérios contra o tal doutorzinho.

Percebendo os olhos vermelhos e o bico involuntário, ele guardou para si os xingamentos e ofereceu braços de acalento.

— Podia ser pior. — Essa frase nunca serviu de consolo para ninguém, também não serviu para sua filha, mas foi a única que ele conseguiu dizer. — Podia ser depois de um filho no bucho.

Iracema não quis dizer o porquê. Não era novidade que o pai não gostasse de seu noivo, pelo contrário, ele nunca escondeu o desamor.

Mas também, se dissesse o motivo da separação, Guilherme, o noivo, não veria o sol nascer nunca mais.

Por isso, atendeu aos muxoxos de saudade de uma Princesa, que continuava abanando efusivamente seu rabinho esguio, para não ter que

continuar a conversa.

O pai, olhando o jeitinho da filha com sua cadelinha, não se convenceu. Conhecia sua menina. Iracema nunca foi boa de mentir. Olhou a pasta que ela trazia embaixo do braço, leu o nome do hospital e esperou, como quem espera a tempestade sem guarda-chuva, até que ela desse todo o carinho que Princesa merecia.

— Eu estava passando um café para comer com o bolo que o netinho de Dona Lúcia me trouxe. — Pegando a mala, ele indicou o caminho para o terraço com duas cadeiras de balanço, e, depois, para a sala. — Seu quartinho continua do mesmo jeito. Vamos trocar a cama para uma maior, tá bom?

— Não precisa. — Por que chorar logo agora? Entrava na casa do pai, arrumada e limpinha, cheia de enfeites da falecida esposa e sua mãe, e não continha o choro que brotava.

Viu seu pai colocar sua mala em seu antigo quarto e não teve coragem de se mover. O café estava na cozinha, no cômodo seguinte. Fosse num dia normal ela já teria se esticado para roubar um gole.

E o pai, que conhece a filha como ninguém, percebeu a paralisia.

— Tá doente, menina? — O pai cansou de esperar e perguntou logo.

— Por que tá perguntando? — Será que o tumor é tão grande que dá para ver por cima da blusa? Será que todo mundo que a vê, sabe?

— A pasta do hospital.

— Ah. — A abanou, envergonhada por não tê-la guardado junto com o resto das malas, mas não a abriu.

— Tá doente ou não tá? — Seu Geraldo não tem paciência para rodeios.

— Tô. — Quebrou. Cerrou o bico para que uma única sílaba lhe fugisse, sílaba o suficiente para atender ao pai, e se abraçou, no meio da sala, como se fosse sozinha no mundo.

— Tanto mistério. — Ele chegou perto, abraçou sua menina como se ainda fosse criança e tirou a pasta de sua mão não para abri-la, mas para que Iracema parasse de se importar tanto com isso.



— Eu não sei como contar isso para o senhor.

— Só abra a boca e fale.

— É a mesma doença de mamãe.

O pai não disse palavra. Homem do sertão não desperdiça água. Iracema escorria pelos braços do pai, chorando, finalmente se dando ao direito de chorar, de sentir pena de si mesma, de lamentar seu destino.

Mas Seu Geraldo sequer se movia.

Com os braços ao redor da filha, sentia o tremor do choro desesperado, as lágrimas molharem sua camisa, mas não foi capaz de dizer, nem chorar nada.

— E Guilherme te deixou por isso.

— Ah, papai...

— Ele é médico.

— Disse que não vai largar o trabalho para cuidar de mim.

— Ele te disse isso?!

— E disse que as chances de cura, para quem já teve caso na família, são mínimas.

— E por isso é melhor colocar logo outra no seu lugar, não é? — Se não conseguia chorar, conseguia se enfurecer. Sertão tem calor de sobra.

— Não sei, papai. — Ela tentou controlar o choro enquanto limpava os olhos nas mãos.

— Vou te pegar um lenço.

— Não, não precisa.

Foi para o próprio quarto, uma das duas portas fechadas na sala, e voltou com um lenço branco, bordado à mão, com as iniciais dele: GS.

— Os paninhos da mãe... — Ela sorriu entre as lágrimas.

— Guardei todos.

— Também guardei os meus.

— Vai fazer paninhos novos para mim quando for a sua vez? — Ele sorriu.

— Será que eu chego tão longe?

— Seu noivo é médico, mas não é vidente. As chances de cura são mínimas só para quem não tenta. Sua mãe venceu dois, só perdeu para o terceiro, e você ainda tem um longo chão pela frente..

— Guilherme disse que...

— Nessa casa, o nome desse moço não entra. O que o médico que te trata disse?

— Disse que foi diagnosticado cedo, então tenho noventa por cento de chance de remissão.

— Tudo isso e aquele moço acha que são chances mínimas? Ele não quis saber da trabalhadeira, isso sim.

Iracema não tinha ânimo para falar mal do noivo. Parte dela, caminhando para a cozinha atrás de seu pai, assistindo-o arrumar a mesa e colocar um par de xícaras bonitas com pires, ainda não acreditava que estava sozinha.

Não é que ela fosse uma moça doida para casar. Pelo contrário, por boa parte de sua vida consumiu romances em livros e filmes, entretanto não queria saber de ter alguém a tiracolo.

Mas, então, um dia, trabalhando no posto de saúde, brigou com o médico que mandava para casa, pela terceira vez, uma senhora com dores no ventre, e logo entendeu que a sua hora de amar também chegara.

O barulho do café caindo na xícara a trouxe de volta. Segurava o lençinho do pai numa mão, a outra agarrava a barra de seu vestido. A xícara foi presente seu, de Natal, em algum ano em que sua mãe ainda era viva. Dona Maria das Graças dizia que era xícara de novela, e Iracema sempre sorria ao se lembrar disso.

— Não vou brigar de te ver chorar. — Ele resmungou cortando um pedacinho do bolo da vizinha. — Mas se eu vir você falando com ele, vai apanhar feito moleca.

— Sim, papai.

— Você é mulher crescida, tem que saber o que é melhor.

Calou-se porque sabia que o pai tinha razão, embora não queria que

tivesse. Deu um gole, sem vontade, no café forte e doce, e sorriu para o bolo no pratinho.

— Dona Lúcia está querendo conquistar o senhor pela barriga, papai.

— Tá fazendo um ótimo trabalho. — Ele riu, levando a filha a rir também, limpou uma última lágrima no canto de seus olhos e perguntou o que queria perguntar desde que viu o nome do hospital: — É câncer de mama igual da Graça, não é?

— Quatro centímetros do lado direito.

## Capítulo 4

“Eu sou muito jovem para ser viúvo” — Ela lembra dele dizendo.

Depois da palavra “metástase”, os plantões de seu noivo esticavam para trinta e seis horas. Quarenta e oito. Se estava de folga do posto médico, inventava uma emergência, no meio da tarde, entre o filme e a pipoca, só para não ter que acompanhá-la no resto dos exames.

Iracema entrou na máquina de tomografia sem se mexer, entendendo o fim de seu noivado. Guilherme ainda não tinha dito, mas ela sabia. Por um lado, pensava, tentando se convencer, ele não seria capaz de abandoná-la naquele momento.

E, por outro lado, os fatos. Os plantões. As emergências. O trabalho extra no hospital municipal, o chope (chope! No mesmo horário da mamografia?) com os amigos.

Quando o mastologista deu o laudo final, com retorno para sexta-feira a fim de discutir protocolos, ela sabia qual seria a decisão do noivo.

Na hora, só pensou no pior. Estava sozinha. Abandonada, sem ninguém. Levando problemas para um pai que já enfrentou três cânceres com sua mãe. *É genético*, ela ouvia Guilherme falar como se fosse maldição. *Se sua mãe teve três, você vai ter também.*

Ela entendia que ele não queria passar a vida cuidando de uma enferma. Guardando suas coisas numa mala grande de viagem, deixando os livros, os DVDs, os enfeites, as memórias das viagens românticas e outros objetos de valor sentimental, ela se conformava em limpar as lágrimas.

Por isso, deitada em seu quartinho de solteira, sentindo o cheiro de guardado no lençol e edredom, ouvindo o respirar calmo da cadelinha que sempre gostou de dormir no tapetinho ao lado de sua cama, mas nunca em cima porque Dona Graça a colocava para fora, se convenceu a se sentir amada e protegida pela primeira vez em vai saber quanto tempo.

A segunda biópsia confirmava a suspeita médica. *Carcinoma*. Seus cabelos vão cair, suas sobrancelhas também. Vão lhe tirar o seio, a saúde, a vaidade. Vão lhe cortar tantas vezes, em nome de uma cura que ninguém sabe se virá, que ela só vai se acostumar com a dor.

Já passou por isso antes. Dona Graça cantava “Deus não dá o frio maior que o cobertor” toda vez que respirava entre um vômito e outro. Lembrava de sua mãe tentar cantar uma música antiga, bem antes do monopólio do rádio, bagagem na ida definitiva para São Paulo. Lembrava o canto de sua mãe, sem palavras, só som, e tentava respirar alívio outra vez.

O que vinha, no lugar da calma, era um choro triste. Não queria acordar seu pai no quarto ao lado, então se enfiou embaixo do cobertor, escondida de qualquer monstro que saísse do armário, e chorou.

Tentava se convencer de que Guilherme era um frouxo, um merda, um tipo de gente que não merece nem o ar que respira. Queria focar em si, na saúde, nos degraus que subiria de joelhos.

Mas só pensava na mágoa do abandono.

Chorou até dormir porque a mágoa não foi embora quando o cansaço veio. E, de manhã, nem se incomodou quando sentiu a bolinha quente, pretinha e rabuda, enfiada entre seu ventre e joelhos.

\*\*\*

O pai saía cedo de casa, todo dia de manhã, para comprar pão e umas frutinhas. Fazia questão de bater uma vitamina reforçada, bem densa e saborosa, cheia de banana e aveia, e era sempre, nos poucos dias em que morava com ele, o liquidificador quem lhe acordava.

Sexta-feira, no retorno ao médico, seu pai fez também um cuscuz, nordestino, sem esse monte de coisa que paulista coloca junto com a farinha de milho.

Esperou que ela saísse do quarto, chamada por cheiros de comida

fresquinha, e derramou um pinguinto de leite em cima de uma fatia de cuscuz, exatamente como Iracema comia quando era criança.

— Hoje é dia. — Ele sorriu puxando a cadeira para ela. — Tá preparada?

— Tô não. — E sorriu para o cuscuz no prato — O senhor tem que parar de madrugar, papai.

— Durmo cedo, perco o sono cedo também.

Mentira. Seu pai só se deitava depois que ela fechava a porta do quarto. Não disse nada por respeito, sorriu para a comida, sentiu a barriga se abrir em abismo, e comeu tudo o que ele tinha posto à mesa.

— Não vai comer, não? — Ela o via rodear pelos balcões da cozinha, lavando louça, sempre sem parar, e não entendia.

— Sem fome.

Seu Geraldo só perde a fome quando está bravo, ou nervoso. E era sexta-feira, dia do retorno, das recomendações, do protocolo de tratamento, primeiro dia da primeira fase.

Nervoso, ela entendeu. E antes de beber o último gole da vitamina de banana com bastante gostinho de mel, deu um abraço no seu velho pai, agradecida, e lhe deu um beijo no rosto barbeado e sempre cheiroso.

— Obrigada.

Ele não se declara. Criado com muitos irmãos, até a adolescência mal teve um nome. Sempre muito pobre, cria do sertão do interior da Paraíba, foi morar com um tio em São Paulo porque não existe nada pior que a miséria e, quando saltou na rodoviária, entendeu que o sertão continuava de outro jeito na capital.

Carência de afeto por uma vida inteira. Não sabe transmitir o que sente, não conhece palavras bonitas e foi açougueiro até se aposentar. Mata boi e mata porto quase sem fazê-los sofrer, ninguém é melhor com uma faca na mão que ele, mas na hora de dizer qualquer coisa de carinho...

Iracema aprendeu a lê-lo com o tempo. Só depois de mais velha entendia os sinais claros de cuidado e amor. Olhando-o dormir pouco, acordar cedo,

preparar comidas porque sabia o dia difícil que sua menina teria pela frente, sabia que isso era muito melhor que um noivo que vive de dizer “eu te amo”, mas que, na primeira oportunidade de provar o que dizia, preferiu mandá-la embora.

— Te amo. — Ela disse, cheia de dengo para cima de um pai feito de pedra.

— Vai passar, minha rosa, vai passar.

— Mesmo se não passar — Ela sorriu e deu mais um beijo no rosto dele

— Te amo.

## Capítulo 5

Fazia quinze anos que ele não pisava em São Paulo. Sentia o coração bater mais rápido quando a aeromoça pediu que todos empurrassem suas bandejas na posição vertical e se preparassem para o pouso, mas não entendia o porquê.

Sexto sentido é coisa de mulher, e ele não queria somar poderes que não eram seus, no entanto não conseguia conter a excitação. Sentia como se alguma coisa estivesse prestes a acontecer, até sabia o que era, mas não entendia como seu próximo passo poderia deixá-lo tão ansioso.

Desde que deixou Itumbiara, sua cidade natal, e junto com ela, seus negócios nas mãos de sua irmã, ele sabia o que encontraria em São Paulo.

Primeiro de tudo: sua noiva. Filha do ex-prefeito de Caldas Novas, cidade-satélite, agora senador. Depois, encontraria o pai da noiva e, se tudo desse certo, no final de semana ele teria seu prêmio. Um encontro numa festa com o governador de São Paulo, testa lisa que nunca sequer pegou numa enxada, mas que pode decidir qual será o futuro de sua plantação de cana-de-açúcar.

Envergonhou-se do chapéu de cowboy quando todo mundo do avião começou a se levantar. Algo no menino da porteira ainda sobra no homem que produz etanol falsificado e abastece, diariamente, todo o corpo policial de sua cidade e a frota dos bombeiros.

— Dênis! — A noiva sorriu quando ele atravessou o portão de desembarque em Viracopos. Deu-lhe um beijo apaixonado, saudoso, todo feliz. Dois meses sem vê-lo. Deu uma boa olhada em seu futuro marido, coisa de quem diz tudo o que pretende sem abrir a boca, e o abraçou mais uma vez. — Fez boa viagem?

— Fiz não. — Ele arrumou o chapéu na cabeça e também mediu a mulher de cima a baixo antes de dizer qualquer outra coisa. — Voo porque sou obrigado, mas viagem boa mesmo só de caminhonete.



— Ai, Dê, você tem cada uma... — E ignorou seus trejeitos de moço de cidade pequena, procurando suas malas. — Esqueceu de pegar sua bagagem na rampa?

— Olha aqui, mulher — Sacudiu sua mochila de lona, única bagagem necessária.

— E cadê o resto?

— Que resto? Tem mais nada, não.

— Dê... — Dois meses longe! Ela não podia brigar com ele. — Você sabe da festa do fim de semana, é o nosso maior momento. Cadê o terno que te mandei?

— Tá aqui dentro.

— Você amassou um Armani. — Não falou como se fosse pergunta. Olhava da bolsa barata para o homem que não fatura menos que cem mil por mês, e nunca entendeu como ele se contentava com tão pouco.

— É só passar um ferro.

Não se passa um Armani. Olhou-o outra vez, nunca apaixonada pelo seu jeito de jeca da roça, e lhe deu a mão.

Duas horas de carro até a capital. Dênis achou que Viracopos ficasse dentro da cidade de São Paulo, e Marina riu disso como se fosse piada.

Cansado não do voo, mas das coleções de carros que pegou entre sua cidade e a capital, ele pregou o olho. Marina falava de sua última viagem para o exterior, cheia de novidade e vida, colocou seu celular para reproduzir músicas no *Bluetooth* do carro, todas internacionais e de refrão repetido, e ele encostou a cabeça no banco, se rendendo ao cansaço.

Marina já tinha se ajustado à vida cosmopolita. Cresceu no brejo e na lama tanto quanto ele, mas a ascensão rápida do pai a obrigou a se adaptar. Agora fala inglês e francês perfeitamente, se dissolve numa balada paulista com um drink na mão e é capaz de dançar a noite inteira. Mistura o inglês com o português como um paulista médio e ri jogando a cabeça para trás, como se qualquer piada fosse a coisa mais engraçada do mundo.

Tudo naquela cidade, olhando a antena da Gazeta reinar entre os edifícios que competiam altura, o excluía. Ele falava de colocar bombinha na privada da escola, os meninos tiravam fotos no espelho para postar no *Instagram*. Ele corria mais rápido que qualquer um, jogava bola melhor que qualquer um, e seus amigos discutiam estratégias de games *online*.

Aos catorze anos, sozinho em São Paulo por necessidade, já fumava e bebia — menino longe da mãe sempre entorta mais cedo, enquanto seus amigos ainda temiam o primeiro beijo na boca.

Aprendeu a gostar de Marina, nas férias que sempre passava no Goiás, porque ela era como ele. Namoraram com a promessa de casamento porque eram ambos do barro. Marina pescava melhor, montava iscas melhor e era chamariz de rã. Quisesse um Mairinc almoçar rã, era só convidar Marina para o brejo.

E agora ela fala de cerveja artesanal e *social media* como se não fosse a moleca levada que fora. Ri jogando a cabeça para trás, a mão na boca, como qualquer filha de político. Olhando para a nova Marina, cada dia mais distante da velha Marina, ele se pergunta como será quando se casarem.

Pelo menos, o jeitinho como ela xinga continua o mesmo. O “R” escapa entre um palavrão e outro, o brejo e o barro fogem da boca descontrolada da moça que, de repente, parece que tem vergonha de sua origem. E Dênis sempre sabe apreciar uma mulher que reclama do jeito certo.

Por isso, quando a recepcionista do hotel disse que o serviço de lavanderia não funciona aos sábados e domingos, ele sabia que se casaria com a mulher certa só pelo jeito dela de reclamar subindo pelo elevador.

Ele entrou no quarto com vista para a Avenida Paulista, sentindo-se invadido pela quantidade de prédios e avenidas que conseguia ver pela janela, e procurou as abas da janela para se esconder daquele mundão de gente.

— Vou só trocar de roupa e a gente sai para comer, tá?

— Sair para comer? — Ele perguntou pensando em planos melhores. — Vamos comer por aqui.

— Tem um restaurante maravilhoso na Augusta e eu estou doida para te

levar lá.

— Não pode ser de janta?

— Jantaremos com meus pais, amor.

Não disse mais nada. Ser noivo de filha de senador também o fazia refém. Ele não recusaria jantar com o futuro sogro e sócio. Viu a noiva se trancar no banheiro, soltou o ar conformado, e esperou calado.

— Você não vai se trocar? — Ela perguntou quando saiu de saia jeans.

— Não tô bom para sair assim?

— Tira esse chapéu, Dênis!

— Como que eu tiro, Marina? E frito debaixo desse solzão castigado?

— Faz assim:

Dênis Mairinc, garoto-problema, vendedor de etanol fora da lei, agora sai com a noiva, pegando Uber Black na Paulista, usando óculos de sol de mil e quinhentos reais, presente dela, a camisa de mangas arregaçadas e o cabelo penteado com gel.

Entrou por portas vermelhas duplas, viu a mocinha brasileira vestida com um uniforme japonês, e olhou para o prato de uma das mesas ocupadas. Peixe cru. Na pescaria no meio do rio, o peixe desce pela garganta do jeito que veio ao mundo, cru, só limpo por uma faca que funciona como extensão de seu braço.

Mas no rio ninguém o obrigava a comer com palitinhos. Sentou-se à mesa, tirou seus óculos caros e a moça que os guiou até a referida mesa parou, estupefata, ao perceber os olhos de quem vai pagar a conta.

Um olho preto, o outro olho azul. Dona Maria Mairinc, escandalizada com o recém-nascido, levava seu filho mais novo no médico e no padre. Para um perguntara se era doença, para o outro perguntara se era encosto. Encosto brota mais no meio do mato do que em qualquer outro lugar.

Ele sorriu, acostumado com a reação das pessoas, e aceitou a oferta de rodízio. Cento e sessenta e quatro reais, Marina ria com a reação dele quando ele ouviu o preço individual.

— Não tá nem frito! — Ele rebateu quando a mocinha saiu. — Mari, na

ribanceira era de graça!

— Amor, não estamos na ribanceira.

— Isso porque ribanceira de paulista só tem bosta. Fosse na nossa ribanceira, Itumbiara da terra vermelha, comeríamos peixe fresco, fresquinho fresquinho, e bem mais barato.

— Dênis, não me mata de vergonha. — Ela se encolheu e não o olhou para dizer o que disse. — Eu gosto daqui.

— Tudo bem, faço do seu gosto.

Muito contra a própria vontade. O salmão chegou chiando, grelhado, em cima de uma tabuinha de madeira, e ele parou de reclamar. O gosto era ótimo, alho é alho em qualquer parte do mundo, mas o difícil era comer de palitinho.

— Traz um garfo pra esse jeca, por favor? — Mari não riu quando falou com o garçom. Pelo contrário, de vê-lo envergonhado em seu restaurante favorito, ela se enfureceu.

Foi a primeira vez, desde que se conhecem, que ela o chamou assim. De *Jeca*. Era como se ela fosse cria da cidade, evoluída, cosmopolita, filha de quem era, dona de poder e dinheiro.

Era como se ela tivesse se esquecido de onde vinha.

E Dênis, criado jogando bola na braquiária, colocado para mamar entre os bezerros, olhou para a noiva, cabelo aloirado e esticado, corte moderno, roupas modernas, e esfriou.

De repente, os dois meses que quase o mataram de saudade pareceram dois dias.

## Capítulo 6

Saiu de manhã cedo para comprar um terno bacana. Aquele Armani, Mari disse que não poderia ser usado para a festa do final de semana porque o governador usaria um igual. Dona Mercedes, sua futura sogra, disse para a filha, e Mari tratou de mandá-lo atrás de outro para que ninguém usasse a mesma roupa que o chefe de estado.

Sete horas da manhã ele pensou que encontraria tudo aberto. Essa não era a tal cidade que não dormia? Digitou no Google do celular “Onde comprar terno bacana em São Paulo” e recebeu a resposta de que ternos se compram no Morumbi Shopping.

Deixou a noiva dormindo, pensando em lhe fazer uma surpresa, pegou seu carro emprestado, ativou o GPS e foi. Descobriu logo que os shoppings em São Paulo só funcionam depois das dez e rodou sem rumo, recebendo as boas-vindas da cidade de seu jeito carinhoso e hospitalar, emperrado na Marginal Pinheiros e seu trânsito que não flui.

Então, quando finalmente o shopping abriu, embicou o carrão importado e emprestado de sua noiva na cancela do estacionamento só para morrer de azar. Uma hora dentro daquele shopping custa trinta e seis reais.

— É só para estacionar, não é para comprar a vaga, não.

— As vagas demarcadas e residenciais não ficam nesse andar, senhor. — O segurança o olhou sem entender a confusão. Mediu o carro importado, o sujeito de chapéu, o olho esquisito e o sotaque.

— Tem gente que mora dentro desse shopping?! — O que é mais paulista do que morar socado dentro de um apartamento sem quintal e nem cachorro, do lado de dentro de um shopping?

— Boas compras. — Apertando o botão da cancela por ele, o segurança entregou o cartão do estacionamento, sorriu forçosamente amarelo e o obrigou a entrar.

Dênis estacionou na primeira vaga que viu, morrendo de medo de acertar, riscar, encostar ou respirar em cima de qualquer um dos carrões estacionados nas vagas adjacentes.

Desceu de escada rolante e deu o braço a torcer: paulista sabe fazer prédio bonito. As senhoras com sacolas de compras e saltos altos olhavam para o cowboy visivelmente deslocado com algum interesse. Uma coisa essas senhoras sabiam só de bater o olho: pode ser um jeca, mas era um jeca lindo, e um jeca com dinheiro.

Atravessou o andar mais alto do shopping em busca da loja que achou no Google. Desceu dois lances de escada. Perguntou para outro segurança onde ficava a tal loja e recebeu a resposta de que ficava no “Piso Martha Medeiros, à direita, senhor, ao lado da Daslu”.

Não achou nem o piso da Martha, nem a Daslu. Queimou dezoito reais, dos trinta e seis da primeira hora, só para achar o piso certo. Depois, mais nove reais até achar a tal Daslu.

Nunca pensou que comprar roupas fosse tão demorado. Contava o tempo em tíquetes de estacionamento. Olhava o relógio pendurado em cima do espelho do alfaiate que não parava de perguntar sobre acabamentos e tecidos, e se percebeu setenta e dois reais mais pobre.

De onde ele vem, onde a cidade inteira abastece com ele porque os setenta centavos entre o preço oficial de etanol e o preço dele fazem diferença no orçamento, ele não acreditou que paulista fosse capaz de gastar setenta e dois reais só para guardar o carro.

E quando o alfaiate lhe perguntava qualquer coisa, ele só escolhia a opção mais cara porque é fácil entender que gosto só é bom quando o dinheiro é muito.

Saiu de lá com duas sacolas e as orelhas quentes. Laura, sua irmã que ficou em Goiás, recebeu a mensagem do cartão de crédito corporativo e quase caiu para trás:

— Vinte mil reais numa porra dum terno?!?!

— Laurinha, não briga, o dia já está uma merda.

— Sabe quanto tempo a gente demora para fazer vinte mil?! Sabe quanto carro eu abasteço com essa quantia?! Dênis, você é idiota ou retardado?

— Laurinha, tô fazendo isso para impressionar o governador. Não me xinga, só passei no cartão da fazenda porque o meu não passou.

— Claro que não passou! Você nunca ligou no banco para aumentar o limite!

— Eu nunca precisei gastar vinte mil!

— O que você faz com o seu dinheiro, Dênis, é problema seu. O que você faz com o dinheiro da fazenda, isso é problema meu! Da próxima vez que você torrar desse jeito, eu corto seu pintinho fora!

— Não fala assim, Laurinha...

— Dênis?!

Ele parou de prestar atenção na irmã xingando quando ouviu seu nome sair por uma voz desconhecida. Reparou primeiro nas marias-chiquinhas de uma criança no colo. Reparou nas tatuagens, na manga da camisa, na aliança dourada grossa e provavelmente cara, e só então reparou na cabeça do homem, por trás da criança.

— Cacete! Felipe?!

— Mano, é você mesmo?!

Colega da época de escola. O sorriso e a cara não mudam. A menina dormia apoiada no ombro do pai, e só ali Dênis percebeu o quanto o tempo havia passado.

— Não vou te abraçar agora porque não quero acordar a Coelha. — O colega respondeu e esticou a mão vazia em cumprimento.

— Caramba, você já é pai?!

— Essa é a minha mais velha. O mais novo está gripado e ficou em casa.

— Dois filhos?!

— Para você ver como o tempo passa... — Ajeitou a menina no braço e continuou: — Só te reconheci por causa do olho. Não tem como esquecer essa

aberração.

— Pois é, puta cagada, nem era para eu estar aqui.

— Tá de passagem por São Paulo?

— Não me leve a mal, mas não vejo a hora de voltar para o meu Goiás.

— Você está entrando no shopping ou já está de saída?

— Saindo, Deus é mais, já gastei uma porrada de dinheiro aqui.

— Ah, bom, então outra hora a gente se tromba.

— Por quê? Cê tá entrando?

— Tô. Minha irmã vai se casar, vim pegar a roupa da molecada.

— Ah, bom... — Olhou o relógio do celular e só aí percebeu que deixou a irmã falando sozinha por tanto tempo que ela mesma desligou. — Você quer companhia?

— Pô, é claro! Não é todo dia que eu encontro um colega da época da escola em shopping de gente afetada.

— Então tô liberado para falar mal desse lugar, né? — Ele sorriu, mais calmo e menos hostilizado pelo estilo de vida paulista que diz que não dorme, mas só abre às dez da manhã.

— Eu só venho aqui porque a dona da loja é da família. — Com a filha no braço, Felipe desceu as escadas rolantes na frente, indicando o caminho. — Por vontade eu não venho aqui, não.

— Me diz aí, como que vai a vida? Você casou e teve dois filhos! E o ITA? Eu lembro que no meu último dia em São Paulo todo mundo fofocava sobre você ter passado em faculdade militar.

— A minha vida daria um livro. — Felipe riu, descendo mais um lance de escadas rolantes. — ... Mas e você? Veio para a festa de quinze anos de formatura?

— Que festa?

— Todo mundo recebeu no e-mail dos pais. Você não recebeu?

— Não... — Até porque sua mãe não acessa mais e-mails.

— Me dá seu telefone que eu te encaminho. A escola está trazendo os ex-



alunos para uma confraternização. Parece que toda vez que dá um número redondo, tipo, cinco, dez ou quinze, eles comemoram com festa.

— É uma ideia bacana.

— Pois é. Esse fim de semana acontece do nosso ano.

— Esse fim de semana.

— Vamos? Não sou muito de ir nessas coisas porque eu nem falava com ninguém direito no terceiro ano, mas acho que, se você quiser ir, eu topo ir contigo.

— Sábado ou domingo?

— Sexta à noite.

— Ah, então vamos. Desde que voltei para Goiás, nunca mais vi ninguém.

— Me dá seu telefone. — Felipe pediu.

— Não, me dê o seu. — Dênis tirou o celular do bolso e abriu o aplicativo de contatos — Tá mais fácil eu marcar seu telefone que você o meu.

— É só entrar no carro que ela dorme. — Felipe sorriu agradecido. — Depois fico com pena de acordar.

— Quantos anos tem?

— Vai fazer nove...

— Pelo visto, seu plano de ser engenheiro aeronáutico não deu muito certo, né?

— Esse plano não, mas todos os outros deram.

— Fico feliz por você, rapaz. Filho é bênção demais.

— E você? Quantos filhos tem?

— Eu? — Dênis se envergonhou com a resposta. — Nenhum.

— Não tá nos planos?

— O único neném que tenho é cana-de-açúcar.

— Deve ter doído para parir.

# Capítulo 7

## *Quinze Anos Antes*

— Cema — Um Dênis de dezesseis anos estava de saco cheio de aula de química. Um Dênis de saco cheio e saudade de casa inventa cada besteira para se distrair, que só nunca foi expulso porque a escola tinha misericórdia da mãe —, cê aposta que eu consigo acertar aquela pombinha-rola com esta borracha?

— Pra que você quer matar o passarinho? — Iracema não tinha paciência nenhuma para o amigo e precisava prestar atenção na aula se quisesse passar no vestibular.

— Matar não vai não, tá barriguda demais.

Os dois, sentados perto da janela, gastaram a explicação do exercício pré-vestibular inteiro olhando a pombinha parada no parapeito.

— Cê vai acertar a coitada com a borracha? Tá doido?

— Quer apostar?

— Apostar o quê?

— Se eu acertar, você me deve. Se eu errar, te devo.

— Nem morta que vou dever favor para você, *Cão*.

— Não me chama assim, não gosto.

— Que seja, *cachorro*, não aposto.

— Se eu acertar, você me deve um beijo. Se eu errar, faço a sua lição de biologia por um mês.

— Não aposto com você nem amarrada.

— Tá certo, então não aposte.

— Não mesmo!

— Me beija então sem apostar?

— Não aposto beijo nem amarrada nem ameaçada de morte. Esquece, Dênis.

— E se for a minha vida em jogo?

— Peço pro meu pai te comprar uma coroa de flores e até vou no seu velório.

— Pede nada. Quando eu for embora você vai ser a primeira a chorar no tchau.

— De alegria, só se for.

— Só para constar: — Um Dênis de dezesseis anos não perde — Eu nem queria te beijar.

— Sei...

— É — ele concluiu, pontudo e feito para ferir de volta —, você tem mau hálito.

## Capítulo 8

Dênis pensou que a confraternização fosse uma coisa informal, feita de aluno para aluno, mas não era bem assim. No convite estava escrito “traje esporte fino” e ele não fazia ideia do que seria isso. Ou é esporte, ou é fino.

— Homem é sempre terno. — A moça da lavanderia do hotel disse a ele.

Envergonhado por não saber, ele mencionou, como quem não quer nada, para a moça que passou o terno que ele trouxe de Goiás.

— Na dúvida — ela, que não era tonta nem nada, sorriu e compreendeu o medo dele de violar o contrato social —, use com jeans.

— Tá — aproveitando que ela entendeu seu problema, resolveu tirar outras dúvidas —, e gravata? Eu ponho?

— Sim. Sem gravata o senhor vai parecer que veio do trabalho.

— Obrigado. — Ele pegou na mão da empregada da lavanderia e sorriu. — De verdade, Isabela.

A moça, que era casada e com filho pequeno, sentiu os joelhos tremerem quando o cowboy da fala doce pegou em sua mão.

O problema do Dênis é que ele o faz de caso pensado. Sabe que é bonito, sabe que parece um lobo com esse olho de cor trocada, e não se envergonha por se aproveitar disso quando precisa.

Pediui que a noiva o acompanhasse no baile dos formados, mas ela tinha planos mais legais. Disse que sairia com uma amiga do trabalho para uma balada e o convidou para ir junto.

— Baile de escola nem é compromisso! — Ela ria. Aprendera logo o poder da festa na alta socialite e fazia questão de ir a todas.

— Mas eu não vejo o pessoal há uns quinze anos...

— Então vamos fazer assim: você vai nessa festinha, depois me encontra na balada. O que você acha?

— É seguro deixar você ir nessas baladas sozinha?

— Você acha que eu fiquei em casa em todos os fins de semana enquanto

estávamos separados, meu amor?

— Eu fiquei...

— Porque você é caseiro, noivo lindo, mas eu não!

Marina já foi caseira. E já cansou de gastar os sábados enrolando fumo de corda, enquanto menina, sentada ao lado de uma cerveja, só olhando a escuridão do quintal cantar.

— Tudo bem, Mari. — Ele deu o braço a torcer. — Penteia meu cabelo do jeito que você gosta, que eu vou da festa da escola direto para a tal balada.

— Perfeito! Essa sua festinha termina que horas?

— Não pretendo ficar muito...

— Mais perfeito ainda!

Às dez horas da sexta-feira, Dênis tremia inteiro, dentro de seu terno com jeans, sem nem saber o porquê. O cabelo penteado e o perfume caro que ganhara de presente no Natal passado o camuflaria bem entre os antigos amigos, todos paulistas.

Deixou o chapéu em casa porque o antigo Dênis de dezesseis anos, encrenqueiro, solitário e carente, jamais usaria um. Foi deixado de Uber Black na frente do colégio, não entendia o motivo de Marina querer que andasse para cima e para baixo com o Uber mais caro de todos, e disse seu nome para a leoa de chácara muito mais nova do que ele, bem-vestida, e com uma lista de nomes na mão.

Atravessou o tapete vermelho envergonhado com os flashes das câmeras, não fez questão de tirar foto com o mesmo diretor que já o humilhara publicamente só por ser um pouco mais falante que o resto da classe, e passou direto pela professora de português.

Não sabia o porquê de tanta pressa. Só queria entrar logo no salão. Só queria rever as pessoas.

Passou pela porta de vidro, aberta, e a música era calma ao mesmo tempo que eletrônica, feita para que as pessoas conseguissem conversar.

As luzes piscavam, mas não piscavam como numa pista de danças. Era

festa, ele percebia pela roupa, pelos garçons passando para lá e para cá com quitutes e drinks em taças de vidro, mas não era festa para que as pessoas comemorassem.

Era festa para que se encontrassem.

Viu a menina mais rica da sala inteira conversar com as antigas amigas, as três de vestidos da mesma cor, maquiagens parecidas, saltos altíssimos e olhos em todos os convidados, e riu ao perceber que algumas coisas nunca mudam.

Viu o moleque mais engraçado da classe assumir sua careca, sua barriga de chope, e continuar com o mesmo riso fácil e carisma no meio de um grupinho já um pouco calibrado e que ria excessivamente alto.

Passou os olhos por muita gente, provavelmente de outras classes do mesmo ano, sem reconhecer ninguém.

Ao fundo, Felipe. O mesmo clássico nerd que abandonara a brincadeira para se dedicar aos estudos, mas que, às vezes, se virava para trás só para aprontar uma e sair correndo porque ele até foi muito estudioso, mas sempre teve uns parafusos a menos.

— Achei que você não vinha. — Felipe estava encostado na parede, ao lado de um cara maior que ele, mais escuro, os três com o mesmo traje de terno e jeans e sorriso amarelo desconfortável. — Lembra do meu irmão?

— Não.

— Gustavo. — O desconhecido se apresentou. — Jogamos bola juntos algumas vezes.

— Ah, sei. — Dênis riu. — O seu irmão que pegou todas as meninas da nossa classe, e você não.

— É, esse mesmo.

— O que você está fazendo aqui? Isso não é confraternização para quem se formou em 2004?

— Vim porque fui obrigado. As meninas estão fazendo uma noite só delas e eu fui expulso de casa.

— Ou você acha que tô aqui porque quero? — Felipe riu. — Fomos os

dois expulsos de casa.

— Ah — Dênis não viu porque mentir —, eu vim porque quero. Tenho saudade do povo da escola.

— Porque mora longe. Morasse perto, não ia querer vê-los nem pintados de ouro.

Talvez. No entanto, Dênis não queria ver todo mundo. As três fofoqueiras que ele encontrou na entrada não lhe fizeram falta. O pentelho carismático até fez alguma falta, mas só nas primeiras semanas de volta a Itumbiara.

Depois veio a faculdade, a administração de sua fazenda, a invenção do etanol em barris clandestinos, a morte de sua mãe... Então ninguém mais fez falta.

Mas, então, olhando todas aquelas pessoas, viu a professora de biologia. Velhinha, do sorriso bonito conservado, de vestido verde e cabelo vermelho.

Sorriu de longe lembrando de dias felizes, a única matéria em que ia bem sem esforço, a única que lhe importava de verdade porque o fazia se lembrar de casa, e foi cumprimentá-la.

— Heterocromia é tão raro — ela disse depois que o cumprimentou com um beijo — que não tem como esquecer de você, Dênis Mairinc.

— Ê, *fessôra*. — Ele a ajudou a se sentar em sua cadeira e agachou-se na frente dela para conversarem. — Tá boa?

— Eu já era velha quando você se formou, menino, imagine agora!

— Se serve de consolo, também tô véi.

— Virou um tipão e olha que tô acostumada a ver os outros envelhecerem. Miguel, por exemplo — apontou para o pentelho careca — continua o mesmo.

— Que mesmo o quê? Espia o tamanho daquela pança!

— Sempre cheio de amigos. — Deu um tapinha no ombro dele. — Chegou aqui perguntando de você.

— É?

— Agora ele já esqueceu porque atraiu a atenção de todo mundo. Mas ele chegou perguntando de você.

— Vou ali dar um alô naquele safado.

Foi, caçando entre o grupinho ao redor do amigo. Não queria dizer nem pensar que procurava por alguém especial quando chegou perto dele e o cumprimentou, mas não conseguiu evitar de cumprimentar todo mundo do grupinho tentando desvendar se aquela loirinha ali é ela ou se não é.

— Esfria, *Cão*. — Miguel pescou dois copos de cerveja de um garçom que passava, e estendeu um a Dênis. — Iracema não vem.

— Não tô procurando por ela. — Mentiu.

— Me contaram que ela está doente.

— Doente? — Não é ele que não está caçando? — Doente como?

— É, ouvi alguém falar que Iracema pegou câncer.

— E tá casada. — Alguém remendou.

Ouvindo isso, sabendo que o que ele procurava não estava ali, nenhuma daquelas pessoas importava. Deu meia-volta, pronto para ir embora, e se lembrou:

— Vocês dois — virou-se para os irmãos Ferreira — têm mais o que fazer além daqui?

— Queria voltar para casa — Felipe, o mais velho, respondeu. — Mas em dia de mulher é impossível voltar.

— Eu tenho para onde ir. Vocês querem ir comigo?

— Tem cerveja grátis ou vou ter que pagar? — Gustavo respondeu.

— Se tiver que pagar, pelo menos vai ser menos deprimente que aqui.

Num *Uber* normal, o mais barato, os três chegaram à tal balada de socialite em que Marina estava.



## Capítulo 9

— Que merda é esse tal dia de mulher? — Saltando do carro, Dênis não entendia. Via a cara de poucos amigos dos dois irmãos e entendia menos ainda do porquê se esforçarem tanto para ficarem longe de casa.

— Minhas filhas, minha mulher, minha mãe, minha cunhada, minha irmã... todas as mulheres da família se juntam na minha casa e ficam fazendo coisa de mulher até caírem no sono.

— Quantas filhas tu tem, ôme?

— Minha mesmo, só uma. — Felipe sorriu com algum orgulho. — Mas é que eu considero minhas sobrinhas como filhas também.

— Parece que sua família é grande.

— E é.

Dênis sempre teve inveja de família grande porque a sua era pequenininha. Sempre só sua mãe, sua irmã e ele. Todo o resto da parentada virou as costas e fechou os olhos quando seu pai resolveu se matar.

E, quando sozinho na capital, ele se prometeu que teria uma família grande com bastante filho, para nunca mais se sentir sozinho como se sentia.

De frente para a porta da balada com música alta, olhando adulto feito vomitar na calçada e compartilhar cigarro ilícito, aos trinta e um anos de idade ele só tinha uma noiva e a promessa de legalizar seu etanol..

Família grande, parece, virou só uma dessas promessas que não tem como cumprir.

— Ah, putz. — Gustavo olhou para o letreiro da casa noturna e fez careta.

— O quê?

— Você faz questão que eu entre aí?

— O que tem demais nesse lugar? Minha noiva tá aí dentro!

— Meu trabalho. — Ele coçou a cabeça.

— Por quê? O que você faz, caçula?

— Não te contaram? — Felipe ria. — Gustavo é administrador do jockey.

— Do jockey. — Dênis repetiu. — Aquela belezura de estábulo de revista?

— Metade do jockey é da minha esposa. — Ele não escondeu o orgulho que tem disso.

— E a outra metade?

— A outra metade é da minha. — Felipe sorriu grande.

— Nunca vi golpe do baú dado em conjunto.

— É que você vem pouco para São Paulo.

Entraram na balada sem pagar, furando fila, e todo mundo olhava para os dois irmãos que Dênis trazia consigo. Aparentemente, ele não sabia, nem seus colegas de classe, mas fora da bolha nostálgica, presa em 2004, todo mundo sabia quem eram aqueles.

E nem assim Dênis entendeu como voou tanta gente e tanto cartão comercial para cima deles enquanto, costurando entre as mesas e as pistas de dança, caçavam Marina.

— Ela é baixinha assim — Dênis berrava para que os irmãos o ouvissem —, bem magrinha, parece que passa fome, mas come que nem um boi, e tem o cabelo bem liso.

— Você descreveu praticamente toda mulher que está aqui dentro.

— Não, cê vai ver: não tem como confundir.

Marina, com um drink na mão, que os achou. Olhou para Dênis e arregalou os olhos quando viu com quem ele estava. Gustavo reparou, mas Dênis não, que ela arrumou o cabelo, alisou a frente do vestido de paetês e checkou o batom no celular antes de encontrá-los.

— Dênis! — Ela cumprimentou o noivo com beijo no rosto e ele não percebeu. — Que bom que você veio!

— Acho que cheguei um pouco cedo — ele riu —, você ainda não está

bêbada.

— Querido, festa assim não é para ficar bêbada.

— Não é o que a moça botando os bofes para fora lá na calçada me disse.

— *Amadora*.

Alpinista social. Os irmãos reconhecem pela prática, Dênis não. Ela estendeu a mão em cumprimento, toda sorrisos, e não disse em momento nenhum que era a noiva.

— Marina Ferraz, gerente de Marketing da O5Filmes.

— Prazer, gerente de Marketing da O5Filmes. — Felipe respondeu, mas Gustavo não fazia questão de prestar atenção.

— Mari é minha noiva!

— Ai, amor, não espalha meus podres por aí... — Ela riu, mas Dênis não gostou.

— Da próxima vez — Dênis ouviu Gustavo resmungar para o irmão mais velho — eu escolho o rolê.

Marina não parou de falar sobre o jockey e o quanto o trabalho das irmãs Botelho é inspirador nem mesmo quando voltou para o hotel.

— Eu já mandei não sei quantos e-mails para o comercial do jockey, mas ninguém me responde. — Ela abriu a porta do próprio quarto e tirou o vestido pela cabeça antes mesmo que Dênis fechasse a porta. — Mas, agora que você conhece os irmãos Ferreira, tudo fica muito mais fácil.

— Honestamente, eu não sei o que tenho a ver com isso. — Surdo pela música altíssima, cansado porque não achou um único assento disponível a noite inteira, ele só queria saber de banho e de deitar.

— Meu amor, marca um almoço com eles semana que vem?

— Semana que vem não tô mais aqui.

— Ah — ela prendeu o cabelo num coque e continuou falando enquanto entrava no banheiro —, por que não?

— Não posso deixar tudo na mão da Laurinha...

— E como vai ser quando a gente se mudar para cá?

Marina abriu o chuveiro e não esperou resposta. Ele tirava o sapato quando ouviu o efeito paralisante: “*se mudar para cá*”.

Olhou para as meias que combinavam com a cor da calça, conforme ele leu num site de etiqueta masculina, e tentou entender, sem perguntar nem atrapalhar seu banho, o que Marina quis dizer com “se mudar”.

Por acaso ela quer ficar para sempre em São Paulo?

\*\*\*

Vestiu-se do jeito que Marina pediu. Com o terno de vinte mil, os sapatos lustrosos, o relógio chique emprestado do pai dela, o gel no cabelo. Arrumado para impressionar e para mentir.

De frente ao espelho, visivelmente desconfortável, ele fingia um sorriso enquanto a mulher o elogiava. Sua aparência cosmopolita, de homem de negócios, a fazia feliz.

Enquanto ela encaixava as sandálias nos pés, ele se perdia no espelho, olhando a si mesmo, tentando entender como que foi parar ali. Jogado de um lado para o outro entre Marina e seu sogro, ele sabia que assinava um contrato com o Diabo e, mesmo assim, se deixava levar não porque confiasse no futuro sogro, mas porque confiava na noiva.

— Estamos prontos, futuro marido? — Marina sorria grande, a boca melecada de batom, os dentes mais brancos do que em qualquer outro dia da vida. Colocou a mão em seu peito, ajeitando as abas de seu terno, o comendo vivo, olho no olho. O sorriso desmontando para uma expressão que ele conhece bem, como a palma de sua mão, porque ama isso.

— Tô tão bonito assim?

— Demais.

— Vamos chegar tarde nessa festa. — Ele propôs.

— Neeeeeeem morta! — O olhar quente, cheio de segundas intenções, foi embora. Ali estava de volta a Marina com agenda para cumprir e interesses

diferentes dos seus. — Não me arrumei toda assim para perder tempo. Vamos nos encontrar com o governador, Dênis, não é com o dono da venda da esquina!

— Eu respeito mais a Seu Sebastião da vendinha do que a esse governador.

— Não seja maldoso. — Ela o encarou com raiva. — Ele pode mudar nossas vidas, então tenha um pouco de respeito.

— Quem mudou minha vida foi Laurinha. O governador só quer uma fatia do bolo.

— Chega, tá? Eu não vou discutir com você. Já falamos disso e você concordou. Meu pai já está atrás do governador há meses, então seja homem e faça o que tem que ser feito!

Ele respirou fundo antes de responder. Seu casamento depende disso. Mais do que sua fazenda depender disso, seu casamento depende. Marina não vai aceitar se casar com um falsificador de etanol, ela nunca disse isso, mas Dênis não é bobo. Olhou para a moça de cidade grande que ralhava com ele, o batom fresco, o perfume delicado, e relaxou os ombros.

Ele gostava dela. E, se fazer negócio com o governador lhe garantiria um contrato astronômico de álcool legítimo, e se isso era o que Marina esperava para ser sua esposa, então, sim, ele faria isso.

— Você me ama? — Dênis perguntou antes que saíssem do quarto.

— Ô, meu amor... — Ela sorriu e colocou uma das mãos sobre seu rosto.  
— E ainda pergunta?

— Tô fazendo isso por você, Mari.

— Por nós, meu querido.

— Não. — Ele beijou a palma da mão que o acarinhava e a corrigiu: — Tô fazendo por você, porque te amo. Laurinha e eu estamos contentes com a vida que levamos, não importa se o nosso álcool tem pedigree ou não. Você faz questão que ele tenha, e é por isso que tô aqui.

— Obrigada por isso, Dênis...

— Mas eu quero saber se você vai me amar e se vai casar comigo caso as

coisas não deem certo.

— Nada vai dar errado, meu amor, o contrato que papai elaborou é feito para ganhar.

— Mas, se der errado, você ainda vai querer casar com o jeca de Itumbiara que entra no Paranaíba para catar mandi-chorão com a mão?

— Não seja idiota, Dênis. — Ela revirou os olhos como se nunca tivesse pego peixe com a mão.

— Vai ou não vai, Tereza Bicuda?

O silêncio de Marina disse muito mais do que qualquer “eu te amo” que dissesse antes

.

## Capítulo 10

Era uma festa diurna, no terraço do Edifício Martinelli, fortemente protegido tanto por seguranças quanto bombeiros. Já foi o prédio mais alto do mundo, construído por um arquiteto húngaro, financiado por um milionário que terminara seus dias morando na casa mais alta da cidade, dentro do terraço, só para provar que o edifício era seguro.

Dênis subiu pela escadaria até o ponto mais alto do Martinelli sem ver a cor rosada das paredes e com o coração na mão. Não trocaram palavra do hotel até a festa. Marina conversou com o motorista do *Uber Black* como se fossem amigos íntimos, e Dênis permaneceu mudo.

Dona Mercedes, mãe de Marina, parecia outra mulher. Enquanto mulher de prefeito de Caldas Novas, ela já era muito rica e muito influente, todas as clínicas estéticas goianas a conheciam. Não parecia ter mais do que quarenta anos num vestido branco, quase praiano, e óculos de sol.

Abriu os braços para a filha, com carinho de mãe, e Dênis fingiu um sorriso quando ela o abraçou e o chamou por filho. Ninguém era capaz de dizer que Dona Mercedes fora filha do leiteiro de Itumbiara, nem que lavara roupa no rio com sabão de gordura de porco.

Olhando a capa de revista ambulante que se tornara, Dênis entendeu exatamente o porquê Marina se esforçava para que ele virasse barão do etanol. Ela queria viver de festas luxuosas, rodeada de champanhes caros, e viver de passar creme de mil dólares no rosto.

Mas Dênis só queria saber de envelhecer junto. Sorriu cumprimentando a futura sogra, engoliu todos os vícios de linguagem, as gírias goianas que, para ele, são suas raízes, e se misturou àqueles ricos ostentando seu terno de vinte mil.

Seu coração só parou quando ele encontrou uma moça, parada do outro lado da festa, ao redor de muitos velhinhos encapados em terno escuro, ajeitando

um chapéu de cowboy na cabeça e sem vergonha da própria calça jeans surrada.

Tem espaço para os cowboys no meio dos ricos metidos a europeus, então?

— Dê, o governador chegou. — Marina disse, arrumando a gola de seu terno do mesmo jeito que Dona Mercedes arrumava a gola do marido, o sorriso nervoso no rosto e o olhar de súplica para que não estragasse tudo. — Vá dar as boas-vindas para ele.

Usando o *Armani* que Dênis pretendia usar, um lenço azul no bolso do paletó, a testa quilométrica e os dentes brancos falsos. Governador velho, esposa nova, três filhas com nariz reformado e a sabedoria de ser o dono de qualquer lugar que pisasse.

— Não tinha um *capelobo* mais ajeitado para colocar no lugar? — Ele cochichou com a noiva.

— Dênis! — Enquanto ele ria, a noiva perdia a paciência.

Como se Dênis fosse a entidade mais amigável e linda que já pisou no terraço dos Martinelli, o pai da noiva, Francisco Ferraz, que só volta a ser o Chicão do Mato em época de eleição, o segurou pelo ombro, como se fossem muito amigos, e o arrastou para perto do governador.

— É esse o homem forte que te falei, João — Francisco interrompeu o cumprimento do Governador com alguém que saiu olhando feio e incomodado. — Dênis Mairinc.

— Forte é canivete que corta fumo e não espirra — Dênis respondeu, até que mais simpático do que esperava, e o governador riu, chacoalhando sua mão, todo cheio do carisma aprendido durante a carreira.

— João fala de você como se fosse um filho. — O governador respondeu.

— Noivo de minha filha é filho também.

— E então? — Cortando as conversas fiadas, o governador não tem tempo a perder — O que você tem para mim?

— Vê, seu Governador — Francisco sorriu, indicando uma mesa vazia



—, vamos sentar? Vou pedir para Mercedes trazer um drink para o senhor.

Dênis nunca viu o pai de sua noiva tão dócil e servil. Sentaram-se à mesa, no meio da festa e dos fotógrafos, como se fosse escritório. Dona Mercedes apareceu, sem dizer nada, mas sorrindo muito, e entregou os drinks preparados junto de duas pastas. Dênis olhou o logotipo da pasta que recebeu e arregalou os olhos quando entendeu a pegadinha.

*Álcool Ferraz*, ele leu entalhado em relevo na pasta de couro, desconfiando de seus próprios olhos. Francisco Ferraz não possui terras. Não plantou cana-de-açúcar. Não se machucou numa única cana selvagem que corta a pele do agricultor noviço que entra no canavial sem proteção.

Não chorou na frente do gerente do banco quando lhe negaram o financiamento de uma colheitadeira porque mães solteiras com dois filhos para criar não têm direito a crédito.

E nem mandou seu filho para São Paulo com medo de retaliação de agiota.

E agora a *sua* Princesa do Cerrado vai virar *Álcool Ferraz*? A única coisa que ele tem, que ele preza, que ele ama mais que tudo, mas menos do que ama Laurinha, vai se transformar num álcool qualquer de senhor que só vê mato em época de eleição?

Olhou para Marina, que teve dois dias para contar sobre os planos de seu pai, mas que preferiu levá-lo para comer de palitinho e beber drinks coloridos ao som de músicas que ninguém entende nada.

Marina, por outro lado, sequer o olhava. Bebia champanhe numa taça de cristal, toda arrumadinha feito menina da cidade, e conversava com outra menina da cidade com seu telefone chique sempre na mão.

O governador e o senador conversavam amigavelmente. Citavam números. Faturamento anual, propulsão em cinco anos, planejamento e aprovação de leis. Falavam de negócios enquanto Dona Mercedes, que guardava banha de porco para fazer sabão junto de sua mãe, ficava em pé do lado direito do marido, sorrindo feito uma tonta.

Esperto, ele não virou a mesa e criou confusão. Esperou que os pavões parassem com a exibição. O governador concordava com o senador, ambos confabulando quais problemas teriam com a atual gestão da Petrobrás, o possível desmantelamento da empresa estatal, e ele sorriu, pálido como se sua princesa — carinhosamente apelidada por Princesa de Doce — tivesse virado terra de sal onde nada cresce e tudo vira areia.

— Já pensou, Dênis? Um milhão por mês sem aumentar um centímetro de terra? — O senador lhe sorriu.

— . — Ele sorriu, batendo na mesa com o contrato, findando a conversa. — Preciso levar essa papelada para Laurinha ler.

— Ora... — Não é possível dizer se o governador sorria mais com a testa ou com os dentes. — Não vamos deixar para as mulheres o que é assunto de homem, não é?

— Mulher lida com tanta coisa... — Francisco fez carinho na mão da esposa, ainda em pé, ainda sorridente, parecendo boneco de cera. — Nós, homens, temos que fazer o que for possível para o bem-estar delas. Preciso saber se Marina... — Virou-se para a filha, que mexia no celular enquanto conversava com uma roda de meninas mais novas do que ela — Se filha minha está na mão de um homem que cumpre com a palavra, cabra macho, ou se é desses que dá para trás.

— Laura é minha sócia. — Dênis não se esquivou. — A assinatura dela é dez por cento mais valiosa do que é a minha.

— Ora — essa interjeição do governador não tinha fim —, então estamos fazendo negócios com o Mairinc errado?

— Tenho certeza que é por honra — Francisco fuzilava Dênis — Laura foi como uma mãe para o Dênis depois que a mãe dos dois morreu. Não é, *filho*? — E lhe deu um tiro de misericórdia.

— Laura é advogada e contadora — Dênis corrigiu, se levantando da mesa, obrigando os outros dois a levantarem. — Não é substituta de minha mãe, é meu cérebro e meus olhos. Levarei este contrato para ela, e nos falamos até o

fim da semana.

— Filho... — O senador repetiu o golpe baixo. O colocava na posição inferior, de mancebo que precisa de mentor. De moleque que precisa levar castigo para ser corrigido.

— Vou levar sua filha para o hotel. Com licença, governador, muito bom conhecer o senhor. — E devolveu o tiro atravessado, de cima para baixo, feito para ferir. — Com licença, *Chicão do Mato*.

## Capítulo 11

Dênis saiu da mesa segurando o contrato, mas a vontade que tinha era de deixá-lo à mesa. Nervoso, só pensava em voltar para sua terra, esquecer que pisou em São Paulo e perguntar se Marina iria com ele.

A encontrou conversando com um rapaz, um pouco mais novo que ela, todo cosmopolita e confortável em seu terno caro. De homem para homem, ele via a maldade no jeito da fala e no porte do moço. Marina pode não perceber, mas homem sabe quando outro homem tem más intenções.

Mas, antes que ele chegasse até Marina e a arrastasse para sua casa temporária, foi interpelado pela única pessoa de chapéu da festa inteira.

Com a classe que qualquer outro convidado da festa, ela segurava um champanhe na mão e o celular na outra. Sorriu calma, as ruguinhas de sol e idade acarinhavam seu sorriso. O cabelo, queimado e maltratado, embaixo do chapéu, era longo, e, para Dênis, se tinha mulher mais bonita que ela, não só no físico, mas no conjunto, provavelmente já foi para Deus.

— Dênis Mairinc? — Falou como se fosse da polícia.

— Ele mesmo. É da parte de quem?

— Gustavo, meu marido, pediu pra eu ter uma palavrinha com'cê. Tá com tempo, ôme?

— Tempo até demais. — Mudou a postura só de ouvir sobre o nome do caçula do Felipe. — O menino tá bão? — Só o fato de ter alguém com sotaque já o deixava de humor melhor. Paulista acha que não tem sotaque, mas tem. E um sotaque que, aos poucos, Dênis aprende a odiar.

— Vai tudo bem conforme Deus quer.

— E Ele quer. Qual o nome da senhora?

— Botelho Boa. — Ela riu. — Tem a Botelho Ruim, que é a minha irmã, e eu sou a boa.

— Cruz credo, se a senhora é a Boa, não quero nem conhecer a ruim.

— A Ruim não gasta tempo em festa de rico, não.

— A Ruim tá certa. Perda de tempo demais isso.

— Vim te dar um conselho. Não se envolve. Se meter com político é que nem vender a alma para o diabo. Dá para ver que você não é daqui porque tem o sotaque *parecidin* com o meu. É de Minas?

— Nêim, *encostadin*, Itumbiara depois do Paranaíba, mas já é Goiás.

— Goiás conheço pouco.

— É bonito, tá convidada para a Princesa de Doce quando quiser chupar cana e pôr os *bezerrin* para correr.

— Agradeço.

— Esse é seu conselho, Dona? — É gostoso conversar com alguém parecido, mas mais gostoso ainda é ir embora. — Já ouvi e vou obedecer. Te preocupa não.

— Não, esse foi o conselho grátis. O conselho de verdade é para você tomar cuidado com os flancos. Protege a retaguarda, ôme. Se tá devendo na praça, espia com cuidado. Pensa direito o que vai fazer, porque uma vez dentro do ninho das cobras, fica difícil sair sem levar picada.

— Quando foi a sua vez, o que você fez?

— Sei não — Ajeitando o chapéu na cabeça, findou o assunto. — Como te disse, eu sou a Botelho Boa.

Tendo dito, sorriu adeus e saiu.

\*\*\*

— Álcool Ferraz?! — No quarto de hotel, Dênis tirava satisfação com a noiva enquanto ela limpava a maquiagem do rosto. — E você não me conta?

— Que nome você queria? — Ela ria de deboche — *Princesa do Cerrado*? Isso é nome de fazenda séria?

— É assim desde que nasci.

— Por isso que agora é Álcool Ferraz. — Falou como se já fosse negócio

certo e como se a fazenda fosse de seu pai.

— Marina — ele fechou a cara —, eu ponho gel no cabelo, uso relógio emprestado, sapato de quem não anda, compro terno caro. Até engulo o sotaque e arrumo os “R” no meio das palavras para fazer do teu gosto. Tô aqui para tudo. Mas, se você me ama, deixa que da fazenda cuido eu.

— Pois é, Dênis... — Ela devolveu sem se abalar. — Sem fazenda você é qualquer cowboy de fala feia que cospe no chão e não tem educação.

— Tá esquecida de onde veio?

— Eu quero saber pra onde eu vou! Saí do brejo, Dênis, cresci, estudei, conheci o mundo, aprendi coisas. Acha mesmo que eu quero voltar pra lá?

— Eu vou sair pra não brigar com você porque o trem tá danado demais por si — pegou o celular, a carteira e o chapéu antes de sair —, não carece briga.

Ele não ligou para a irmã quando saltou do elevador do hotel no térreo, porque sabia o que ela diria. Dona Maria, mãe dos dois, pode não ter tido sucesso quando tentou enfiar juízo na cabeça de ambos, mas ensinou direitinho o que era integridade.

A pé, ainda naquela rouparia extravagante e cara, de relógio emprestado do futuro sogro e chapéu na cabeça, olhou para os dois lados da Avenida Paulista sem lembrar para que lado ficava o metrô. Lembrava, desde sua época, que só aquela rua são três, no entanto não sabia mais para que lado era.

Sozinho e meio perdido, caminhou chamando atenção sem se importar. Não é todo dia que o paulistano médio, atarefado e que passa correndo, vê um homem de chapéu, terno e olhos de duas cores.

Entrou no metrô quando avistou um, sacou cinco reais da carteira e comprou bilhete só de ida. Tirou o terno quando começou a suar e se sentou porque, de pé, batia a cabeça nas vigas de metal que as pessoas usavam para se equilibrar.

Avistou o mapa do metrô do outro lado do vagão e estreitou a vista à procura de nomes familiares. Ela mora na linha azul ou na linha vermelha?

Vermelha, ele lembra, porque todo mundo fazia piada com o fato de que

uma extremidade estava o Corinthians, do outro, o Palmeiras. E, quando era domingo no final de campeonato, sempre tinha briga na Sé.

Saltou na linha azul e baldeou para a vermelha, sem saber em qual estação descer. Era a Sé, da Sé ele lembra porque ela é assustadora. Grande, cheia de conexões, a maior estação do metrô do mundo, na opinião dele.

Pediu um mapa do metrô para um guarda e encostou num parapeito para estudar melhor. Nem sabia para onde queria ir, mas sabia que se chegasse no jockey com a cara e a coragem, seria bem recebido.

A questão é que, quando pegou seu chapéu e sua carteira, antes de se despedir de Marina, já sabia para onde iria. Não sabe seu telefone, não sabe onde mora, nem que amigos tem, só sabe a casa de seu pai, Seu Geraldo — cabra duro demais da conta, paraibano, e com um facão ninguém tenta a sorte contra ele.

Mas também um doce de pai que sempre abriu as portas de sua casa quando ele não conseguia passagem para Itumbiara, ou o feriado era curto demais.

Só precisa se lembrar em qual estação descer. Se a Cema está de cama como lhe contaram, ele não pode voltar para casa sem dar uma passadinha nela.

E, pelas contas que fazia, voltaria para sua Princesa de Doce, desnoivado, solto no mundo, com o chapéu na cabeça e um sorriso no rosto. Se Marina queria voar, que voasse.

Às custas de sua terra, não

.

# Capítulo 12

## *Quinze Anos Antes*

O dia dos trabalhadores caiu na quarta-feira. A escola não quis emendar o feriado, só deu o dia livre. Dênis, que morava sozinho com quinze anos, odiava essas quebras de rotina. Dependia dos favores de sua vizinha, tia de sua mãe, para comer. Sabia fazer apenas o básico, arroz, feijão e fritar uma carne, e não sobrava dinheiro sempre para ir ao McDonald's.

Passava o dia esperando alguma coisa. Odiava feriado porque se sentia sozinho, largado, sem pai e nem mãe nessa cidade que nunca foi, nem será, acolhedora.

Foi a primeira vez que Iracema ligou para a casa dele. Era sempre ele a ligar para ela, mas, quando viu o número da casa de Seu Geraldo no bina, mal acreditou.

— Dênis? — Iracema se envergonhava de seu lado da linha. — Tá fazendo o quê?

— Agora tô falando com você.

— Tá ocupado?

— Quem dera. O que cê quer? Você não me liga nunca...

— Sabe o que é? — Ela tirou o telefone da orelha para ensaiar o pedido antes de formalizá-lo. — Você quer vir aqui em casa?

— Tem trabalho para entregar amanhã?

— Não tem, mas é que a mãe fez bolo e o pai lembrou que você tá sozinho. Cê não quer vir para cá e...

— Quero!

— Sabe onde eu moro, né?

— Sei!

— Então vem, que eu vou falar pra mãe colocar mais um prato na mesa e



aí...

Daquele momento em diante, Dênis contava os dias para saber quando seria o próximo feriado.

E Iracema nunca lhe contou que aquela desculpa era invenção sua porque, assim que descobriu que ele passava o dia inteiro sozinho, não sentiu como se fosse certo.

## Capítulo 13

Desceu na Penha. Decidiu, por não se lembrar qual era o nome da estação mais perto da casa do pai da moça, que andaria de metrô até reconhecer alguma coisa.

Quase que perde o ponto de descer. Viu os bancos da estação, o nome na placa, e correu para a porta bem quando já apitava o aviso de fechamento. Mais um pouquinho e o chapéu ficaria preso.

Olhou de um lado para o outro, conferindo que estava intacto e em posse de todas as duas coisas, e deixou seus pés guiarem seu destino.

Consciente de que se lembraria, escolheu uma das saídas do metrô, não gostou do que viu e voltou para escolher a outra. Aquela sim era uma vista de que se lembrava. Andou em linha reta, lembrou-se do nome “Aricanduva” porque demorou muito até conseguir dizê-lo sem fazer a Cema rir, e seguiu, a pé, sem saber quanto tempo levaria, certo de que estragaria seus sapatos lustrosos.

Foram quase duas horas. Se soubesse o caminho, certamente levaria menos tempo. Olhava de um lado para outro na rua, atravessava, não sentia seu coração no caminho certo e retornava à avenida principal.

Foi assim até encontrar a placa de identificação: Rua dos Ucrânicos. Casa de Seu Geraldo. O coração disparou em maratona e ele não entendia como era possível. Na parede lateral da casa de esquina que dava acesso à via de mão dupla, mas que passa apenas um carro, ele lembrava da única aposta que Iracema aceitara participar e perdera.

Ele sorriu, nostálgico, cheio de saudades como uma flor que volta à vida depois de quase morrer de sede, lembrando do “Cão doido e idiota” que Iracema pichara no muro porque era sua prenda, no cantinho, com letra de moça e feito à caneta de marcar CD.

Diferente de como saltou do avião, enervado, agitado, deixou os pés guiarem até a casa 33 da rua dos Ucrânicos, e só soube sorrir. A cadelinha dormia de barriga para cima, aproveitando o sol vespertino na grama do jardim.

Aquele familiar era novo para ele.

Tocou a campainha e o estômago rodopiou, de trás para frente, feito entrevista de primeiro emprego. Parado com o terno na mão, muitos anos depois, ele fingiu sorrir tranquilo.

Seu Geraldo, baixinho, enfezado, dono do facão mais mortal da Paraíba, não desfez a carranca nem mesmo quando colocou a mão no cadeado do portão.

— Eu ‘tava passando por aqui e... — Dênis tentou.

— Tá atrasado. — Seu Geraldo interpelou.

Princesa foi cheirá-lo para saber de onde vinha aquele intruso, e Dênis se derreteu todo com a vira-lata que abanava o rabinho enfiado no meio das pernas traseiras por não saber se o visitante era confiável.

— Iracema está? — Ele sorriu mais calmo pelo contato com a cadela.

— Iracema está dormindo.

— Posso ir comprar um bolo pra gente tomar café?

— Entra. — Seu Geraldo mandou, abrindo passagem para ele. — Bolo e pão já tem.

Entrar naquela casa era como ter quinze anos de novo. Sentiu falta de Dona Graça quando pisou na sala. Ela costumava, depois do almoço, sentar-se no sofá, ligar seu televisor de tubo e bordar até o horário de fazer o jantar.

Dona Graça bordava tanto, que até Dênis tinha alguns paninhos. Guardava na gaveta o lenço com seu nome, ao lado das coisinhas de sua mãe.

Sentiu o cheiro de lar, o jeito simples das coisas, as cortinas de renda, a capa sobre o sofá, já um pouco suja porque a cachorra é realmente a princesa da casa, e sentiu o peito arder de saudades.

— Ói, menino, pode ficar à vontade, viu? — Seu Geraldo descansou o porte e resolveu ser cordial. — Não sei quando minha filha vai se levantar, tem ficado muito fraquinha esses dias...

— A Cema tá doente mesmo? Eu só ouvi boatos.

— Pois é. — Dênis percebeu, pelo nervosismo e as mãos que não paravam, que Seu Geraldo ainda não tivera tempo de chorar sobre a condição da

filha — Deus já levou minha Graça com essa doença, e agora tá tentando minha filha. Tá com raiva de mim, só pode.

— A Cema vai ficar boa. — Ele engoliu a emoção, porque se Dênis não pode mostrar os flancos aos políticos, tem menos chance de se safar se mostrá-los ao pai da moça.

Segurando o choro para não mostrar ao outro que não são feitos de aço, eles se olhavam, travando uma luta em que perdiam ambos, para saber quem choraria primeiro.

— Vem — o pai da moça o conduziu até a cozinha —, vamos comer alguma coisa.

— Volto outra hora, não quero incomodar.

— Deixa de frescura. Veio até aqui, vai tomar um café comigo.

Dênis não era doido de negar o pedido. Sorriu, deixando o terno excessivo em cima do braço do sofá, deu uma boa olhada ao redor e sorriu para a foto de formatura da faculdade de Iracema, pendurada na parede, em um lugar de honra.

— Formou, Seu Geraldo? — Ele sorriu entrando na cozinha e reparando tudo novo e reformado.

— Formou, Cão Doido. Um parto pra essa menina se formar, a faculdade era longe, teve que ficar fora de casa, a mãe dela quase que infartava.

— Formou em quê?

— Serviço Social.

— UNESP? — Ele sorriu se lembrando do jeito como ela estudava no último ano do ensino médio.

— Tá sabendo bem da minha filha. — Olho de pai vê logo a intenção do pretendente que chega. Olhou-o de cima a baixo, depois de colocar água no fogo para um café, e percebeu que ele era outro, mudado, meio esquisito. O Olho de Cachorro Doido que foi embora, um de cada cor, era doido de verdade. O que chegava parecia cachorro de madame. — E você? Parece que se deu bem na vida.

— Não tão bem quanto ela. — Tentou esquivar para não falar de si e de todos os problemas políticos que ainda enfrentaria, mas percebeu que não tinha como escapar. — Voltei para a fazenda, né, Seu Geraldo? Tô lá plantando cana para álcool e plantando fumo porque não tenho juízo.

— Tá fazendo o que pelas bandas de cá?

— Vim a trabalho. — Confessou pela metade. — Mas não tá dando muito certo, não.

— Por isso tá tão emperquitado.

— Tô parecendo beato, tô não?

— Tá parecendo é outra coisa.

— Gavião garboso?

— Gavião garboso uma égua — Seu Geraldo riu e percebeu que era a primeira vez na semana que o fazia.

— Saudade do senhor, Seu Geraldo. — Dênis sorriu também. — O senhor foi como meu pai por muito tempo.

— Saudade, Cão Doido. Tá com fome?

— Vou passar vergonha se falar que tô?

— Vai nada. Senta aí, tem comida sobrando. Iracema não tem comido nada desde que o tratamento começou.

## Capítulo 14

Perdida nas horas e no tempo, Iracema acordou com uma risadaria sem cabimento. A cortina que seu pai instalou, pesada, não a deixava saber se ainda tinha sol. Olhou no celular só para lamentar ter perdido o dia. Seis e meia da tarde. Com frio, se esticou na cama sentindo os braços doerem, a gengiva arder, e se levantou.

Andou para o banheiro só para lamentar a própria aparência no espelho, sentindo um gosto rançoso na boca, e entrou no chuveiro.

A última vez que lavou os cabelos, perdeu tantos fios que não queria mais saber de lavá-los. Vai ficar careca, todo mundo já disse, mas ela ainda não está pronta para o adeus.

Saiu, mais cansada do que quando entrou, e trocou de roupas só por saber que, pela risadaria, alguém fazia visita ao seu pai.

Andou do quarto para a cozinha, viu dois pratos de jantar na pia, duas xícaras sujas de café, percebeu o terno encostado no braço do sofá e fez um carinho na bolinha preta que entrou em casa só para cumprimentá-la.

— Quem é que chegou, minha Preta? — Ela sorriu para a cadela, fez-lhe um carinho nas orelhas e pegou uma blusa de frio mais grossa para enfrentar o quintal.

O chapéu falou primeiro. Sentados nas cadeiras da varanda, o cowboy picava fumo com uma tesourinha e seu pai fumava, uma pinguinha na mão, rindo meio solto e feliz.

— ... eu já fui muito torto nessa vida.

— E eu não sei?

A voz não mente. Ela nunca se esqueceria da voz de seu melhor amigo. Olhou o chapéu, o porte atlético bem maior e quinze anos envelhecido do colega de colégio, as mãos enfiadas na tesourinha, se esforçando para tratar de pequenice com cuidado.

O sorriso esticado na cara continua o mesmo. Um olho de cada cor, o olho mau e o olho bom, a boca de maldizeres e o coração de mel. Sorriu sem se conter porque anda com o choro escorrido desde que se descobriu doente.

— Eu falo, Seu Geraldo — Ele sorria de volta, se esforçando demais para não chorar, não dar o braço a torcer de que sentira tanta saudade como ela, talvez até mais —, tô parecendo gavião garboso.

— Arranco esse teu garbo na peixeira, viu, peste?

— Dênis? — A voz doce, baixinha, enfraquecida pelos remédios. O vento batia contra o umbral e ela se encolhia toda, franzina. Soubesse que era ele, teria disfarçado melhor as olheiras.

— Cema. — Ele disse com a mesma doçura que diz da irmã e que diz amiga, envergonhado e sem jeito pelo encontro.

Levantou-se da cadeira da varanda, limpando as mãos de fumo na calça, e tirou o chapéu para cumprimentá-la.

O sorriso se esticou sozinho e com ele veio um choro de saudades que ele sequer percebia tão grande.

— Guarda o choro para mais tarde. — Ela chorou também, avançando para um abraço caloroso, feliz e sorridente — Ainda tô viva.

Recebeu o corpinho magrinho de Iracema com tanto cuidado e carinho que Seu Geraldo sorriu ao vê-los. Mexeu em seus cabelinhos ralos, apertando um dorso doente, e deu um beijo em seu rosto.

— Tá boa? — Ele não sabia o que dizer. De pertinho assim, sentindo a maciez do rosto dela contra o seu, se encontrou mudo.

— Não acredito que você ainda sabe onde meu pai mora.

— Demorei quase duas horas e um tanto da Penha para cá.

— Obrigada por aparecer.

— Que é isso? ... — Ele a soltou, mas não teve coragem de olhá-la nos olhos. — Faço com gosto.

— Tá com fome, minha rosa? — O pai da moça perguntou.

— Tem leite?

— Tem. Vou esquentar para você, espera um tantinho só. — E falou com Dênis: — Põe minha filha pra dentro, tá frio demais aqui fora para ela.

— Continua general, pelo visto — Dênis resmungou quando Seu Geraldo entrou e foi direto para a cozinha.

— Tá pior. — Ela riu um pouquinho voltando para a sala e se sentando ao lado da Princesa. — Por que não avisou que vinha?

— Uai, não tava nos planos, não.

— Veio porque ficou sabendo da doença, né?

— Não me leve a mal.

— Você foi o único. O resto nem ligar ligou.

— Amigo a gente prova nessas horas.

— É... — Ela sorriu quando a cadela quis colo e a ajeitou nas pernas com carinho. — Obrigada por vir.

— Tem nada pra agradecer, não.

— Tá de passagem?

— Tô, vim resolver uns negócios na cidade.

— Pelo visto tá dando certo, anda por aí todo arrumadinho.

— É. — Ele se envergonhou pelo jeito como ela disse. — Depois de velho fiquei ajeitado.

— Já eu... — E riu do próprio estado — Só o bagaço.

— Tá bonita, deixa disso.

— Só um cara muito sem noção para dizer para uma mulher, nesse estado, que ela está bonita.

— Fazer o quê? — Ele sorriu com saudades até das respostas atravessadas. — Amigo bom é amigo que mente.



## Capítulo 15

Sacou o jogo inteiro da noiva quando voltou para o quarto de hotel. Marina, vestida numa camisola sensual e transparente, parecia outra. Estava dócil. A Marina por quem ele se apaixonou não se rebaixa. A Marina boa batia no peito, quebrava a garrafa de litrão e chamava para a briga. A Marina boa fugia dos pais para dormir com ele.

E agora coloca camisola transparente para convencê-lo de coisas que ele nunca vai ceder.

— Pode cortar o melaço. — Ele disse, cabisbaixo e triste, doido por um banho, pronto para deitar na cama e voar de volta para sua cidade no dia seguinte. — Não tô com cabeça pra isso.

— Ai, Dê... — Ela lhe deu um beijo no rosto, sorrindo um pouquinho do jeito lindo que sempre sorriu e continuou: — Desculpa pelas coisas que eu disse...

— Qual delas? Por eu ser um cowboy que não vale nada se não tiver fazenda, ou por eu ser um jeca qualquer?

— Não vamos brigar, tá?

— Não tô com cabeça para brigar. — Respondeu, colocando as mãos em sua cintura, cedendo um pouco. — Só tomar um banho e deitar, que eu tô quebrado.

— Você comeu? A gente pode pedir alguma coisa pelo serviço de quarto...

— Comi.

— Comeu onde?

— Na casa de amigos.

— Não sabia que tinha amigos por aqui...

— Pois é, eu também não sabia que, para você, Goiás era tão ruim assim.

— Não é, Dê.

— Não?

— É que São Paulo é melhor!

— Você me ama, Marina?

— Que pergunta!

— Me ama do jeito que eu sou, esse cara de chapéu, que não sabe lidar com coisas de cidade grande? Dois dias aqui, meu anjo, e tô farto de passar vergonha. É vergonha para comer, para sair do quarto, para entrar num carro chique, para ir tomar café da manhã. Todo mundo nessa cidade me olha como se eu fosse de outro planeta. Eu não aguento mais!

— Mas você se acostuma...

— Eu não quero me acostumar! — Ele soltou da cintura dela e chutou os sapatos para o canto. — Eu sou assim, Marina. Quero gastar a vida em Itumbiara, plantando cana na minha terra vermelha, obedecendo as vontades de Laurinha. Eu não vou transformar o esforço da minha mãe, a Princesa de Doce, num *Álcool Ferraz*, nem por você, nem por ninguém!

— Mas você sabe que...

— Do governo nasci sabendo uma coisa: O que ele quer são seus vinte e sete e meio por cento. Ele não quer saber se eu tô passando fome, se meu pai se matou porque não tinha o que comer, se minha mãe tinha dois filhos para criar. Bateram dois caras do governo na porta da casa da minha mãe, na pindaíba que só tinha fubá em casa, e sabe o que eles queriam?

— Dênis...

— Cobrar a dívida que meu pai contraiu para poder plantar trigo. A dívida que a gente só tinha porque o governo limpou a nossa conta na era Collor. Agora você me apresenta dois sujeitos que querem tomar a única coisa que eu tenho, a Princesa, com a promessa de um milhão por mês. Cê acha que eu vou acreditar nisso?

— Dois sujeitos, não, um deles é meu pai!

— Teu pai quer colocar o próprio nome na única coisa que eu tenho! Tá passando por cima de tudo o que eu amo por causa de ego! Tô chamando de

sujeito por respeito a você, Marina.

— Amanhã a gente conversa, Dênis, você está muito alterado.

— Amanhã eu volto para casa.

— Como é que é?!

— Amanhã tô voltando. Preciso levar essa patifaria para a Laurinha ver, saber o que ela acha, e preciso sair dessa cidade. Já perdi tempo demais aqui.

— Você não é doido de ir embora.

— Se você me ama, vai entender que preciso ir, e vai comigo. — Ele abriu a porta do banheiro e terminou o assunto.

Não se deu ao trabalho de fechar a porta, eram noivos. Ligou o chuveiro antes que ela falasse qualquer coisa e se enfiou debaixo do jato quente, procurando, entre os frascos de cosméticos que Marina colocou no suporte, por qualquer coisa que se parecesse com sabonetes.

— Tudo isso por causa de nome? — Mais doce e servil ainda. Com um sorriso cândido no rosto, pelada, ela entrou no box com ele e tirou o sabonete de sua mão.

— Me deixa, Marina. Não tô bom.

— Eu sei, Dênis, não vim para brigar. — Passou o sabonete em seu peito, sorrindo, e continuou: — Não quis que você viesse para cá para a gente brigar... Tô doida para ser sua esposa, meu amor!

— Perguntei duas vezes se me ama, Mari.

— Mas de novo isso?

— Ama se eu ficar pobre? Ama se tiver que morar comigo numa casinha alugada? Se tiver que ir para o meio do pasto caçar boi perdido? Se for para pegar bosta de vaca para adubar horta? — Ele não percebeu o quanto esse assunto lhe incomodava até colocar tudo para fora. Olhando a mulher que não se parecia mais com a sua, ele se esforçava para não chorar. — Me ama se eu ficar *doente*?

— Eu me pergunto se você me ama o tanto quanto exige que eu te ame, para vir morar aqui em São Paulo comigo e a minha família!

— A mulher que eu amo pesca lambari e é chamariz de rã.

— As pessoas mudam. Você me ama a ponto de me aceitar mudada?

— Te amo, Marina, mas não vou sacrificar a única coisa que tenho por causa disso.

Engoliu o resto das palavras. Se Marina o amasse, ela não exigiria tanto. Não faria questão de tanto. Se ela o amasse, ela não se envergonharia de seu modo, seu porte, muito menos seu chapéu.

Para o Dênis, que não sabe muito de amor de namorado, mas entende de amor de família como ninguém, o amor não julga.

E a única coisa que ele se sente, dentro e fora daquele quarto de hotel, é julgamento.

— Você sabe que não é questão de nome. — Ele pegou o sabonete da mão dela. — Princesa de Doce nem é o nome oficial. No cartório tá escrito Princesa do Cerrado, eu que chamo assim. Aquela terra vermelha é a única coisa que sobrou, Mari. Minha mãe desencarnou e Laurinha faz das tripas coração para manter tudo em ordem.

— Eu sei, Dê...

— Não sabe, meu anjo, porque se soubesse, nunca deixaria seu pai batizar o sangue e suor da minha mãe como Álcool Ferraz. Aquele governador de bosta não quer saber de quem é a terra, quem vai picar a cana, quem vai colher. Ele vê cifra. Ele é o governo, e de governo eu tô farto. Uma pena que seu pai esteja indo para o mesmo caminho, e, pelo visto, você também.

— E você faz álcool falso porque gosta, Dênis?

— Mari...

— Tô cansada de ouvir você falar sobre o quanto eu sou gananciosa! Você fala como se vivesse de luz, mas você faz álcool contra a lei! E faz pelo dinheiro!

— Claro, dinheiro é importante...

— Então abaixa o nariz na hora de falar que eu ou a minha família somos gananciosos, porque todos aqui trabalhamos pelo mesmo motivo!

— Não, meu anjo, não é pelo mesmo motivo. Eu vendo álcool, não tô inventando lei, nem passando por cima de ninguém. Eu tô plantando a minha cana, na minha terra, e oferecendo para o povo comprar. Não tô matando nem enganando ninguém!

— Eu vou te dizer uma coisa, Dênis: — Aparecia a mulher por quem ele se apaixonou, mas pelo motivo errado — Se você sair por essa porta, amanhã de manhã, não espere que eu vá junto. Aqui eu sou gerente de marketing, aqui eu tenho um nome, eu tenho importância. Se você sair e me abandonar aqui, Dênis, pode esperar retaliação. Lembra de quem eu sou filha e pode apostar que meu pai vai denunciar sua cana e seu álcool para quem precisar!

— Você me ama, Marina? — Ele perguntou pela terceira e última vez.

— Não! Qual resposta você quer? Tá me perguntando tanto isso por quê?

— É... — só se via amargura na cara dele — Sempre achei que amasse.  
Sem dizer mais nada, desligou o chuveiro e saiu.

## Capítulo 16

Mari partiu, de roupão, atrás dele. Dênis, com sua mochila de lona, o chapéu na cabeça, o cinto de fivela larga na cintura e as botas sujas de sua terra, atravessava o corredor, sem nem esperar que o dia nascesse novo, partindo de volta para onde nem devia ter saído.

— Espera! — Ela o segurou pelo braço, tentando fazê-lo parar. — Espera, Dênis, não vá embora!

— Já disse o que tinha para me dizer, Mari.

— Por favor! — Ela parou na frente do botão dos elevadores e ele foi obrigado a parar também. — Respira, amor, não vai embora assim! Estamos bravos, é só isso, não vamos brigar por pouca coisa...

— Tô indo para o meu Goiás.

— Não, Dê, fica...

— Eu tô indo. Fique na sua São Paulo, fique com seu pai. Isso não é terra para mim, e lá não é mais terra para você. É bom tudo isso acontecer agora, porque assim a gente coloca umas coisas em pratos limpos.

— Dê...

— Tô em Itumbiara, Mari. Sabe onde me encontrar.

— Tá terminando comigo? — Nem assim ela chorou.

— Acho bom a gente ficar um tempo afastado, pensar melhor no que está fazendo. — Apertou o botão do elevador e secou no ombro a gota de banho que escorria da costeleta. — Pode mandar seu pai lá para a Princesa de Doce, que eu e ele conversaremos de igual para igual. Quiser botar polícia no meio e denunciar meu álcool, diz para o Dias, da 92, que não esqueci que ele me deve uma Castelo Branco.

Dito isso, não olhou mais em seu rosto. Esperou, como se estivesse só, que o elevador chegasse ao seu andar. Cumprimentou a recepcionista, fez questão de deixar o resto da semana pago caso ela quisesse ficar mais e saiu.

Não era mais que dez horas da noite. Precisava descansar porque seu voo só sairia na hora do almoço. Pediu um Uber na porta do hotel e procurou no Google por qualquer hotel próximo do aeroporto.

Quando finalmente se deitou, sozinho em sua cama simples de hotel três estrelas, era como se tirasse um peso das costas.

\*\*\*

Só não poderia ir embora sem se despedir. Acordou cedo e esperou o café da manhã abrir no salão do hotel. Encheu o prato assistindo ao jornal esquisito dos paulistas, puxou conversa com a camareira que arrumara seu quarto, deixou alguma gorjeta para ela e perguntou se o metrô Penha ficava longe de Guarulhos.

— Dá uns quarenta minutos de carro.

Uber de novo, é o jeito. Iria cedo para voltar cedo. Onze horas entraria no aeroporto em tempo de almoçar na rodoviária de Caldas Novas e seguir de ônibus até Itumbiara.

Esse era o plano.

Frustrou-se quando lembrou do trânsito paulista e da viagem até a Penha, vinte quilômetros do hotel, mas que levou quase uma hora e meia. Já passava das oito da manhã quando tocou a campainha de Seu Geraldo e não foi atendido.

Tocou outra vez, temendo parecer impaciente, e esperou. A porta da casa estava fechada e a cadela preta ainda não se banhava de sol. Esperou mais um pouco, pensando no que faria se não fosse atendido.

— Desculpa a demora, Cão. — Seu Geraldo parecia nervoso. — Iracema não tá num dia bom.

— Volto outra hora. — Que hora, se a passagem para Caldas Novas já está comprada?

— Não. — O pai da Moça tentou sorrir. — Entra, Iracema te conhece.

— Não vou atrapalhar?

— Tá me atrapalhando empacado aí.

Entrou envergonhado por atrapalhar, a mala na mão, esperando Seu Geraldo ir na frente para guiá-lo. Esperou ver a amiga na sala, viu a porta de seu quarto aberta, mas não se atreveu a entrar.

— Posso ajudar em alguma coisa?

— Vou abusar. — Seu Geraldo advertiu. — Coloca um copo de leite para esquentar e mistura mel, que a Cema de manhã só consegue beber leite, o resto tá vomitando tudo.

— Claro.

Da cozinha, ele ouvia os pigarros de Iracema do quarto. Os barulhos altos de quem quer vomitar e não consegue. Os choros nervosos e os mimos de pai que quer tranquilizar a filha, mas não consegue sequer tranquilizar a si mesmo.

Pegou a leiteira, pendurada no corredor de louça, e achou leite aberto na geladeira. Dava gastura de ouvir tanto sofrimento sem poder fazer nada.

Então, aos poucos, o coração ficava pequeno. Ele voltaria para casa, para os esquemas clandestinos de Laurinha, para a tranquilidade do campo. Sua ideia era nunca mais pisar em São Paulo.

Mas, e se essa fosse a última vez que visse Iracema? E se aquele fosse um até logo disfarçado de adeus? Ele estava doido para ir embora, para largar o hotel cinco estrelas com endereço chique na Paulista, os ternos de vinte mil, as confabulações políticas de gente que nunca pegou num facão de picar cana, e, se pegou, já se esqueceu.

Ele estava doido para largar todo o vício de cidade grande e a corrida pela celebridade. Cansado de usar coisas caras para parecer importante.

Estava longe de querer ir para casa para deixar Iracema e Seu Geraldo se virarem só.

Derramou duas colheres de mel dentro do leite, antes que ele fervesse, e colocou uma pitadinha de canela só para dar cheiro. Sentiu a lágrima escorrer quando a ouviu chorar em seu quarto e a escondeu com a manga da camisa arregaçada.

Ele ainda não estava pronto para voltar para casa. Ouvindo o chorinho de



uma Cema que fora sua única amiga importante durante toda a adolescência, ele mal havia chegado.

Entrou na suíte dela, sob o risco de ser enxotado, segurando a caneca de leite. Sentada sobre o vaso sanitário, Iracema era abraçada por um pai, de joelhos, à frente da louça.

Ela chorava doído, e o pai cantava uma música, bem baixinho, sequer palavra tinha, feita para acalmar sua pequena. Com a cabecinha apoiada no ombro do pai, mais escalpo que cabelo, ela não o viu parado à porta, encostado no batente, só esperando a sua vez.

— Teu amigo tá aí. — Ele ouviu o pai cochichar para a menina. — Tem leite na mesa, vem que o enjoo já já passa.

— Pai — ela não se mexeu —, essa é só a primeira quimio, ainda tem mais três.

— Eu sei, minha rosa, eu sei.

— Eu não vou aguentar...

— Tua mãe aguentou, você também vai. — Endireitando a cabeça da menina, erguendo seu queixo, deu um beijo em cada lado de seu rosto. — É só um dia ruim, Iracema, é só um dia ruim.

— É um dia péssimo. — Ela tentou sorrir.

— Lava o rosto, escova o dente e vem comer alguma coisa. — Grunhindo com dor nas juntas, o velho pai se ergueu dos joelhos. — Tô te esperando na cozinha.

Quando Seu Geraldo viu as lágrimas no Cão Doido, fechou a cara. Puxou-o para fora do quarto, encostando a porta atrás de si, e deu bronca:

— Engole o choro. A única que tem motivo para chorar é ela, nós não.

— Desculpa, pai. — Dênis sequer olhou nos olhos dele. Entendendo o que Seu Geraldo não queria dizer, deixou a caneca em qualquer apoio que achou, e voltou para abraçá-lo com a candura que aquele homem precisava.

## Capítulo 17

Fingiram que não choraram quando Iracema despontou, acanhada e esquelética, na cozinha. Com uma touca de lã na cabeça, roupão acolchoado por cima do moletom, ela estava inteira pálida. Tinha uma ferida no canto da boca e os cantos dos dedos arrebitados de nervoso.

Iracema sequer unha tinha mais, não porque a quimioterapia acabou com elas, mas porque a ansiedade a consumia. Pior que a doença, Seu Geraldo já tinha advertido isso, só o que a doença faz com a cabeça.

Dênis puxou a cadeira para que se sentasse e sorriu o melhor que pôde. Colocou o leite com mel à sua frente e agachou ao seu lado sem tocá-la.

— O que você precisa?

— Nada, Dênis, tá tudo bem. — Respondeu dando uma bicadinha na caneca.

— O que eu posso fazer para ajudar?

— Tá um pouco frio. — Empurrou a caneca para ele. — Você pode esquentar?

— Claro, — Segurou entre os dentes, com toda a força, uma palavra de dengo.

Derramando o leite de volta para a leiteira e raspando com uma colher o mel que sedimentara no fundo da caneca, ele ignorou o celular que vibrava no bolso da calça porque sabia quem era.

Aquele não era o momento, pensou. Só podia ser Marina. Deixou a caneca no canto da pia, olhou do pai para a filha, e quase propôs o que seu coração mandava.

— Faço café em qualquer panela, Seu Geraldo? — Ele ofereceu quando reparou que o café não estava à mesa.

— Não, Cão, caneca de café é uma só. — O homem se levantou e tirou outra leiteira do armário de baixo da pia. — Você sabe fazer café, né, cabra?

— Não pareço, mas sou dono de casa.

— Dono de casa... — Esboçou um sorriso de troça e Iracema esboçou também. — Iracema, filha, tu acredita nisso?

— O leite dele pelo menos é bom.

Dênis não ganhou o apelido de Cão Doido por ser moço comportado. Enchendo a caneca de café no filtro da pia, deu uma boa olhada na mulher sentada, cheio de riso maldoso, e a viu se encolher todinha.

— É canela. — Ele respondeu guardando o riso, a piada, e doido para falar mais um monte de besteira.

Mas, também, não era idiota. Checou o pai da moça, por precaução, só para ver se ele tinha pego a maldade.

Por sorte, tudo nos conformes. Respirou mais tranquilo por ter passado incólume.

— Aqui, Cema. — Ele ofereceu a caneca novamente, o leite só um pouco mais quente, segurando a bisnaga de mel. — Ponho mais mel?

— Não, assim tá bom. — Ela sorriu bebericando e olhou para o pai. — Pai, amanhã, você põe canela também?

— Voltou a ter dez anos, foi? — Dênis riu. — Tudo pede para o pai...

— Em dia bom eu levanto e faço sozinha, tá? — Ela fechou a cara. — Mas em dia ruim é que não dá...

— Ponho, minha rosa, ponho sim.

— Gemada com ovo de pata não desce, não? — Dênis perguntou. — Pelo menos dá uma sustância.

— Pai nunca tentou. — Ela pareceu gostar da ideia. — Mas não tem ovo de pata...

— Tem ovo normal, Seu Geraldo?

— Tem...

— Posso tentar?

— Se gemada descer e não voltar, melhor ainda. — Seu Geraldo sorriu. — Até agora só descobrimos que leite num dia ruim não volta.

— Tapioca com queijo de cabra, Cema, já comeu?

— Não, sem mastigar. — Ela reclamou. — Só de pensar em mastigar tô vomitando.

— Tá certo, — Era fácil sobrar palavra de afeto e diminutivos perto dela. Se flagrava ofendido só com a possibilidade de falar qualquer coisa além de seu apelido de amigo, e engolia todos os pensamentos sobre o assunto. — Vou abrir sua geladeira.

Com o leite que já foi requentado e que Iracema bebericava aos poucos, em cinco minutos a gemada de ovo de galinha estava pronta. Deu uns golinhos desanimados, com medo de vômito, e sorriu quando sentiu o apetite se abrir.

— Vou viver de gemada daqui pra frente.

— Tô aqui pra ajudar. — Dênis sorriu feliz.

— Tá nada — Seu Geraldo cutucou —, que eu vi a bolsa de viagem na sala.

— Papai — Iracema interferiu —, ele tá em São Paulo só de passagem, você ouviu ele falando ontem.

— Por mim podia ficar mais.

— Se quiser que eu fique — Dênis deixou o coração falar —, posso ficar.

— Não. — Cema não podia fazer isso com ele. — Deixe-o seguir com a vida dele, papai. Tem a fazenda para cuidar e toda uma vida em Goiás, a gente vai atrapalhar muito se...

— Vai dormir na sala. — Seu Geraldo ignorou a filha. — Se quiser ficar, o sofá é seu.

— Por mim tá mais que bom. Tiver rede, até prefiro.

— Gente... — Iracema se envergonhou — não é justo!

— Quer que eu fique ou não quer, Cema? — Dênis não tem paciência, nem nunca teve.

— Não é que eu não queira que você fique, Dênis, é que...

— Pois fico. — Virou-se de costas para ela para esconder o sorriso. — Amiga minha tá ruim e eu tenho como ajudar, faço o que puder.

— Já tá melhor que noventa e nove por cento dos meus amigos. — Ela sorriu quando o viu disfarçar o sorriso.

— Tá melhor até que o ex-noivo. — Cutucou o pai.

— Noivou mesmo, Ceminha? — Dênis desligou a água do café que já fervia há algum tempo.

— Noivei e desnoivei. — Baixou os olhos, entristecida. — Ele não quis casar com uma enferma que nem eu.

— Não era para ser. — Dênis respondeu mais sobre o seu caso que o caso dela. — É até bom ter sido antes do casamento.

— Papai falou a mesma coisa.

— E tu, cabra? — O pai da moça não dá ponto sem nó. — Tá casado?

— Tô não. — Sem querer tocar no assunto, abriu as portas dos armários em busca de filtro e pó de café. — Só noivo, mas a gente está dando um tempo. Marina dá mais importância ao título de fazendeiro que a mim.

— E quem diria que o Cão Doido viraria fazendeiro...

— Se ele cuida das plantinhas do jeito que cuidava das notas da escola, pois eu tenho é dó das plantações. — Iracema riu, um pouco melhor do que quando acordou, e com mais apetite também.

— Pois vai tudo bem, viu, dona? Qualquer dia te levo pra ver a belezura que é quando tá na hora de colher.

— Bom — Seu Geraldo sorriu —, vou deixar vocês dois aí e levar a Princesa para tomar banho.

— Não vai comer nada, papai?

— Como qualquer coisa na volta.

Sem dizer mais nada, deu um beijo na filha, um aceno para Dênis, e bateu na perna chamando a cadela que, preguiçosa, sequer tinha se levantado da caminha.

— Tô bem arranjado com as moças dessa casa! — Seu Geraldo fazia carinho na orelha da cachorra e reclamava. — Tudo cansada!

Só quando o pai saiu de casa que Iracema se levantou da cadeira, chegou

perto de Dênis, que ainda passava um café, e deu-lhe um beijo no rosto.

— Obrigada.

— ‘Brigada de que, dona? Faço com gosto.

— De todo jeito: obrigada.

— Podia ter me ligado.

— Depois de quinze anos?

— A gente nem devia ter cortado contato, isso sim.

— Você não lembra como foi? — Ela evitou olhá-lo para não procurar briga. — Você foi embora com raiva de mim.

— Custava ter me beijado?

— Mas ainda essa história?!?

— Teria feito diferença na época.

— Cê teria desgraçado a minha vida, *Cão*.

— Não me chama assim, cê sabe que não gosto.

— Meu pai chama e você não reclama.

— Esse apelido é pro teu pai e pro resto do mundo.

— O problema é só quando eu chamo?

— É. — Ele sorriu. — Pra você, Dênis tá mais que bão.

— Tá certo. — Ela sorriu de volta e se afastou.

Fazia sentido ficar em São Paulo, agora. Não era capricho de noiva, nem desfeita com sua terra. Era por necessidade. A Cema estava doente, muito doente. O jeitinho de sorrir e a boca ácida ainda eram os mesmos, mas ele via, só de perceber a dificuldade com que se apoiava nos móveis para ficar em pé, que era uma doença séria e não qualquer resfriado.

— A sua gemada me deu fome.

— O que você quer comer?

— Pai trouxe pão da padaria?

— Acho que sim. Senta, Cema, que eu levo procê.

— Se tiver pão — Ela obedeceu, atrasando os passinhos fracos até a cadeira mais próxima —, tosta um pra mim?

— Com manteiga?

Sorrindo, ela balançou a cabeça dizendo que sim e o observou buscar os ingredientes ao redor de sua cozinha.

— E então? — Ela puxou assunto enquanto a frigideira esquentava. — Como você descobriu que estou doente?

— Eu acho que foi Deus. — Ele confessou.

— Por quê?

— Cê lembra do Felipe da nossa classe?

— O moleque metido que todos os professores de exatas puxavam o saco?

— É. Virou pai. Trombei com ele no estacionamento do shopping.

— E ele te reconheceu como?

Dênis virou-se para ela, ignorando o pão que chiava na frigideira, e apontou para os olhos.

— Não tem como esquecer um troço desses. — Ela confessou.

— Pois é — ele repetiu —, acho que foi Deus.

## Capítulo 18

Na manhã seguinte, assim que Iracema tossiu pela primeira vez, ainda deitada, o pai e Dênis já tinham uma força-tarefa organizada. Seu Geraldo correu para o quarto da filha, um dia ruim seguido de outro pior ainda, e Dênis foi preparar a mistura de leite com mel.

O choque foi menor, o susto também. Iracema não chorou como chorara, nem se desesperou com a ânsia de vômito. Escovou os dentes com a porta aberta, se cobriu menos no roupão e moletom. Saiu do banheiro e encontrou Dênis à porta de seu quarto, com um protetor estomacal numa mão e a caneca cheia noutra.

— Bom dia, Cema. — Ele sorriu.

— Ave Deus, tô só o bagaço hoje.

— Então tá igual todo dia.

O café da manhã foi mais silencioso. A gemada foi deixada de lado, mas o pão tostado foi mordido até a metade. A cadelinha lambeu os dedinhos dos pés descalços da dona e Iracema esboçou um sorriso, mas não grande o bastante para alegrar os outros moradores da casa.

O dia ruim, Dênis aprendeu logo, é ruim é só até a hora do almoço. Depois melhora.

Quieto, feito de reações, ele observava os modos do patriarca para poder imitar. Na terceira manhã dormindo no sofá, acordou antes de todo mundo e deixou a gemada pronta. Deu a comida da cadelinha também e foi para o quarto de Iracema.

E se ela não acordasse no susto da tosse? Era uma teoria que ele tinha que provar. E se alguém a acordasse antes que a ânsia a acordasse?

No breu do quarto fechado, ele entrou devagarinho. Princesa entrou atrás, mais rápida, e subiu na cama com sua dona. Ouviu a respiração dela mudar, como quem acorda no meio de um sonho, e colocou a mão em um de seus pés



por medo de tocar em local inapropriado.

— Cema — ele chamou baixinho —, levanta antes da tosse.

Foi o primeiro dia bom da semana. Iracema continuava com frio, cansaço extremo e dor no corpo. Vivia de suco de frutas e purê de batatas por ser refeição leve, facilmente digerida, mas, naquela manhã, não teve vontade de vomitar.

— Eu vou falar — ele disse depois do almoço —, e você não vai poder me xingar.

— Impossível.

— Não vai me xingar, Cema. Prometa.

— Tá, Dênis, o que é?

— Vamos cortar esse cabelo?

Apagou-se o riso da feição, e a boca se curvou num bico. Nos primeiros sete dias depois da primeira quimioterapia, seu cabelo não deu sinais de queda nem depois de hidratação com banho de creme.

No oitavo dia, quando foi lavar, chorou escondida quando começaram a cair aos tufos. Depois disso, não lavou mais.

Ali, sentada na sala com sua touca de lã, véspera da nova sessão de quimioterapia, os cabelos já tinham caído tanto que mal fechavam num elástico.

— Eu só quero viver — ela se deu por vencida —, mas ainda não tô pronta para virar careca.

— Cabelo cresce.

— Eu sei que cresce, mas tô com medo.

— Mais feia do que já tá é impossível.

— Não fala assim... — Era tanto o bico que parecia uma garotinha pequena.

— Fiz de piada. — Ele chegou mais perto. — Não foi de maldade.

— Eu sei, você é um idiota. — Relaxou os ombros, contudo não olhou para ele — Mas dessa vez doeu.

— Desculpa. — Beijou a cabeça protegida por lã e puxou a touca. — Mas, se o cabelo vai cair, assuma. Vai cair, cacete, não tem para onde correr.

Vamos cortar logo duma vez e parar com esse cai-não-cai.

— Pega a máquina de cortar do pai, tô indo pro banheiro.

— O quê? Cê quer que eu corte?

— Caramba, primeiro me enche o saco para cortar, agora não tem coragem?

— Coragem tenho — engoliu o apelido de afeto que escorregava para a língua cada dia mais rápido —, só não quero que me culpe se se arrepender.

— Homem — falou com a mesma dureza do pai —, eu não tenho para onde correr. Vou ficar careca, você mesmo que falou.

— . — Ele esperava que fosse mais difícil convencê-la de cortar o cabelo. Viu na amiga da adolescência a mesma turrone e perseverança de sempre, e sorriu. — Esse é o espírito.

Sentada no vaso sanitário tampado, ela esperava roendo as unhas. Não tinha mais pele para arrancar, nem unha, quase nem dedo tinha, mas continuava a roer os cotocos.

— Eu vou pôr pimenta nos seus dedos. — Ele reclamou quando entrou no banheiro com a máquina de cortar que Seu Geraldo emprestara.

— Cê não é nem doido.

— Tá com a imunidade baixa pra caramba e fica deixando ferida exposta na mão, a parte mais fácil de pegar bactéria.

— Nunca imaginei que você seria tão chato.

— É o que as crianças dizem dos adultos. — Ligou a máquina para testar se funcionava e Iracema respirou fundo, amedrontada, a espinha gelada só de ouvir o ranger da lâmina. — Agora:

— Espera!

— O que foi?

— Desliga esse negócio!

— O que foi? — Apressando, achando que ela fosse vomitar ou coisa pior, desligou. — Iracema, o que foi?

Ela segurava o choro e suava frio. Não queria perder seus cabelos. Não

era um grande negócio porque ficava um pouco mais careca todo dia, mas ainda assim eram os seus cabelos. Os seus cabelinhos loiros, iguais aos da mãe, que se perdiam entre o travesseiro e a cama, o chuveiro e o ralo, e qualquer outro lugar por onde passava.

— Calma, meu dengo. — Deixou que as palavras pulassem da boca. Ajoelhou na frente dela, ajeitando seu queixo que vivia para baixo, e beijou sua testa. — É só cabelo, se acalma.

— Eu sei — engoliu o choro —, é só cabelo e tô me sentindo uma fútil por me preocupar com isso.

— É o seu cabelo, ninguém está te chamando de fútil.

— Mas é fútil! Tanta coisa para eu me preocupar e tô ligando para isso?!

— Calma, dengo, se acalma. — Ele repetiu, largando a máquina e a abraçando com cuidado, ainda com medo de quebrá-la. — É só por um tempo, se você quiser a gente compra peruca, compra lenço, compra boné ou o que for. Até meu chapéu te dou. É só por um tempo, tá legal?

— Eu vou ficar horrível...

— Vai — ele deu um beijo em sua testa, contendo um riso —, mas você nunca foi lá muito formosa.

— Ahã, seu traste, por isso implorava beijo dia sim e dia também, né?

— Se bobear, ainda imploro.

— ... — Ela respirou fundo, se desfazendo do abraço, e limpou as lágrimas. — Você sabe que eu vou te culpar por isso até o fim dos meus dias, não é?

— Sei, Cema. Cê não presta.

— Ótimo, cowboy, então vamos lá.

— Se eu ligar a máquina, não desligo até acabar.

— Manda ver.

O ranger da máquina ligada lhe deu calafrios. Iracema sentia a lâmina passar gelada sobre seu couro cabeludo, seus poucos fios caíam sobre olhos e orelhas, e ela prendia a respiração para não se render.

Dênis, por outro lado, não segurou o choro. Era uma cena triste demais. Passava a máquina com cuidado, o máximo de cuidado possível para não irritar sua pele, e parava por um segundo a fim de limpar os olhos nos ombros da camisa.

— É isso aí — Ele disse, desligando a máquina, a voz toda embargada de tristeza —, tá inaugurado o tobogã de mosquito.

— Dênis — só aí ela se permitiu chorar —, eu te odeio.

Ele se ajoelhou de novo, olho no olho, segurando-a pelas bochechas e pronto para dar-lhe um beijo.

— Não me maltrata, não tô aqui pra atrapalhar.

— Eu sei... — O choro sentido vinha sem ser convidado — Eu sei...

— É só cabelo. Vai crescer. Importa é que você vai ficar boa logo, vai vencer mais essa. Se é por isso que você tem que passar para ficar boa, então segura na minha mão e vamos.

— Vai doer tanto quando você voltar para Goiás...

— Eu sei, meu denço, vai doer em mim também.

## Capítulo 19

Saíram de casa cedo, Seu Geraldo e a filha, para a segunda quimio. Dênis, que ficou com a cadela Princesa, se ofereceu para ir junto, mas o pai da moça disse que só aceitam um acompanhante por paciente.

— Tudo bem. — Ele sorriu desgostoso por ficar. — Vejo vocês na hora do almoço.

Sozinho em casa que não era sua, olhava os cômodos sem saber o que fazer. Colocou as próprias roupas na máquina — quantidade modesta para uma estadia de poucos dias na cidade —, e olhou o celular.

Precisava falar com Laurinha, mas ele evitava ligar para ela porque sabia de sua resposta para tudo. Sabia que ela apoiaria a decisão sobre o tal “Álcool Ferraz” e que ela diria “eu não te disse?” sobre a quebra do noivado com Marina.

Só não estava pronto ainda para contar o porquê ainda estava em São Paulo, se nada do que fora buscar deu certo.

— Então... — Laurinha, abastecendo o carro de um cliente seu usando uma velha bomba comprada de segunda mão, tinha uma mão na pistola, a outra no celular — Você reencontrou a amiga de exílio e não quer voltar para casa, é isso?

— O quê? — Ele, enchendo o compartimento da máquina de amaciante, segurou o riso. — Não! Onde que eu te falei isso? Tá inventando coisa onde não tem...

— Tá. — Jogou o cabelo para o lado, contra o vento, e fez o sinal para o próximo cliente avançar com o carro até o alcance da mangueira de abastecimento. — Então por que exatamente você está dormindo no sofá do pai da moça?

— Porque ela precisa da minha ajuda...

— E eu que tome no meu rabo, né? — Ela sorriu para o cliente, dono de padaria do outro lado da cidade quando o ouviu falar “Completa”.

— Não, Laurinha, não é...

— Irmão — enfiou a pistola no tanque de combustível do carro flex do cliente e se afastou da longa fila que se formava atrás —, não é de hoje que eu te escuto falar dessa mulher. Não vou ser a madrasta ruim que quer separar os pombinhos, mas as coisas não estão fáceis por aqui. Te dou três dias para se resolver e voltar. Eu não conheço cana, não sei pôr pra fermentar e pode ter certeza que odeio ter que ficar enchendo carro de cliente.

— Por que tá enchendo carro de cliente? Cadê as gêmeas?

— Dia vinte, cacete, todo mundo tá embicado aqui, tem fila até a rodovia. Preciso te explicar que todo mundo vem para cá abastecer antes que o pagamento encurte?

— Hoje já é dia vinte?

— Três dias, Dênis. Não vou sobreviver ao dia cinco se tiver que ficar enchendo o carro, cuidando de nota, de lavagem de dinheiro e de polícia também.

— Polícia?

— O Dias da 92 encostou aqui e pediu para dar uma espiada nas coisas.

— Você deixou?

— Não tinha mandado, mandei dar meia-volta. — A bomba de gasolina engasgou e ela entendeu que o carro do padeiro estava completo. — Viu — ela tirou a pistola do tanque do Celta e o fechou —, mas cê sabe que ele vai voltar...

— Sei, Laura.

— Vai lá com a Júlia e acerta com ela, Seu Paulo. Hoje o dia tá cheio e tô incumbida de encher tanque. Julinha acerta pro senhor. — Ela falou com o padeiro quando lhe entregou a chave. — Bom fim de mês procê tamém. — Voltou para o telefone e continuou a conversa com o irmão: — Não sei diabo cê fez, Dênis, mas vai ter retaliação. Vou esperar você chegar para te contar o caso todo, mas guarda bem o que te digo: só acumulo função por um tempo e se ela for a mesma mulher de antes. E não acumulo pra sempre nem se ela for Deus encarnado, tá me ouvindo bem?

— Não brinca com essas coisas.

— Tô esperando cê chegar. Dou três dias para ouvir notícias suas, ou mando o capanga do Matias te buscar e trazer nem que seja amarrado, entendeu?

— Não fujo de trabalho que é meu, Laurinha.

— Sei disso, mas homem apaixonado acha que o mundo tá no umbigo.

— Não tô apaixonado. Cabeí de sair de noivado, não tô apaixonado.

— Sei. — Cansou-se de conversa mole e fez sinal para o próximo carro adiantar para a bomba. — Pode vir, Seu Carlos, chega mais perto que a mangueira é curta. Isso, assim tá bom. Dênis, vou desligar. Se cuida, um beijo.

Sem esperar que ele respondesse, ela desligou e Dênis ficou parado, feito atropelado, no meio da lavanderia, nos fundos, esticadinho da cozinha.

Iracema chegou fazendo piada, com fome e uma veia estourada no braço. Disse que é assim mesmo, as veias afinam no tratamento, e que cada vez é mais difícil de pegar. Massageava o braço, com dor, mas sorria. Disse que iria para um banho porque se sentia suja, e Seu Geraldo não tinha a mesma cara boa que ela quando entrou na cozinha e encontrou Dênis preparando o almoço.

— Tá tudo bem mesmo, ou a Cema tá só otimista?

— Tá bem, tá bem. — Ele se sentou na cadeira à mesa, reclamando com dor nas juntas. — Eu que tô velho.

— O senhor tá com quantos anos, Seu Geraldo?

— Vou fazer setenta e seis.

— Jurava que era menos.

— Que nada, casei tarde, fiz filho tarde.

— Ainda tem mais uns trinta pela frente.

— Se Deus quiser. — Ele colocou a mão no joelho e deu uma boa olhada no moço novo que se dispunha a fazer o almoço de sua filha sem pedir nem exigir nada em troca. — ‘Brigado por estar aqui, Cão.

— Faço de gosto.

— Tô agradecendo por mim, não só por Iracema. — Ele respirou fundo e se levantou para pegar um copo d’água. — Não tenho mais pique como eu tinha.

Precisasse, com a Graça, eu ficava dez horas em pé, do lado dela, só esperando a troca de soro. Com Iracema... as pernas não aguentam.

— O senhor não quer se deitar? Tô terminando o almoço, daqui a pouco eu chamo.

— ‘Brigado, Cão Doido. — Deu dois tapinhas nas costas dele e seguiu rumo ao próprio quarto.

Dênis, por saber que precisaria voltar para Itumbiara e teria que ser logo, baixou o fogo do feijão e do arroz e pediu dois segundos do tempo de Seu Geraldo antes que ele se deitasse.

— Eu vou precisar voltar para a minha terra, mas eu juro que volto. Quando que eu posso ficar lá sem atrapalhar a vida do senhor e de Iracema?

— Cão, cê vai e cê vem quando bem quer. A casa tá aberta.

— Não... — Coçou a cabeça sem saber se explicar — Eu quero ser útil tanto aqui quanto lá. Me diz quando que o senhor acha que fica bom para eu ir, que eu vou. A hora que o senhor ligar e falar para eu voltar, eu volto. Minha irmã tá cuidando da fazenda sozinha e é muita coisa para só ela fazer.

— O pior é sempre um dia depois da quimio. É quando Iracema passa mal. Se quiser ficar até amanhã, o restante dou conta sozinha.

— Então vou reagendar a passagem para depois de amanhã. — Dênis confirmou e sorriu, ajudando Seu Geraldo a entrar no quarto. — Juro que volto.

— Eu sei, menino. Fala para Iracema quando você vai, que ela vai sentir sua falta.

— Falo. — Sorriu de ouvir isso do pai da moça. — Agora vá se deitar um pouco.

Voltou para a cozinha e se empenhou em bife acebolado, do jeito que ele sabe e gosta fazer, procurando no *Google* o telefone da companhia aérea que lhe vendera a passagem.

Iracema chegou na cozinha, careca e sem blusa de frio pela primeira vez em um mês e rasgou um pãozinho dormido, dentro do saco, em cima da fruteira da mesa de jantar, para roubar um pouco da crosta do fundo da frigideira quente.



— Eita — ele sorriu —, tá com fome, é?

— Eu amo essas raspinhas de fundo de panela. — Falava enquanto comia. — Quando eu ainda podia tomar cerveja, sentava num boteco e pedia bife acebolado no prato para ficar comendo assim, raspando com pão.

— Que bom que tá com apetite.

— Pois tô. — Mudou de assunto, procurando o pai. — E papai? Cadê?

— Mandeï descansar. Chegou esbaforido.

— Obrigada por cuidar dele.

— Aquele cavalo véi não precisa de cuidado.

— Você que pensa. Não tô conseguindo cuidar nem de mim, quem dirá dele. O médico disse que a quimioterapia vermelha é a pior, depois, com a branca, as coisas melhoram.

— Tá quase acabando.

— Ainda faltam duas!

— Então, Cema, e já foram duas!

— Eu não sei se aguento mais duas, não.

— O médico falou que vai piorando conforme vão acabando as sessões da vermelha?

— Nada, cada corpo é um corpo. Tem gente lá que faz a quimio vermelha e nem se abate, mas tem gente que faz e perde todos os dentes. É quase uma loteria...

— Carequinha e banguela cê vai ficar um charme.

— Ahã, Cão, tô a um passo de dar na sua cara.

— Espera eu falar o que tenho para contar antes de dar na minha cara: — Ele desviou o olhar porque se envergonhava de ter que abandoná-la — Volto para casa depois de amanhã. Tudo bem para você?

— Vai de definitivo? Não volta mais, não?

— É. — Por que ele mentiu? — Preciso.

— Ah — mentiu para ver o desapontamento no rosto dela. Para ver o sorriso morrer, a alegria acabar, e para ter certeza do que sempre soube —, então

tá.

— Quer que eu volte, Cema?

— Ah... — Ela deu as costas, saindo da cozinha — Você tem sua vida e suas coisas.

Por que ela não podia falar a verdade? Dênis a viu partir e só soube sentir raiva. Da última vez que se despediram foi exatamente assim.

## Capítulo 20

Comeram evitando o outro, sem a presença de Seu Geraldo que dormia pesado demais para ser acordado. Dênis, de um lado da mesa, ainda passava raiva pelo silêncio de Iracema.

E ela, do outro lado, sem coragem de pedir para ele ficar.

— Por que você não pode ser honesta comigo? — Ele puxou a faca primeiro. — Eu tô aqui, cacete!

— Tô te vendo. — Seca, ela sequer parou de mastigar para responder.

— Vai esperar eu ir embora para chorar a minha ida?

— Quem falou que eu vou chorar?

— Eu boto meu lado esquerdo inteiro na fogueira se você não ficou chorando da outra vez que fui embora.

— Quinze anos. — Ela repetiu —. Cê quer se queimar por uma coisa que ficou para trás há quinze anos?

— Boto o lado direito também se me falar a verdade.

— Quer que eu pegue o carvão?

— Cê não sentiu minha falta, Cema?

— Senti, caramba! — Deixou o garfo no prato e o olhou com raiva. — O que você quer que eu diga? Éramos amigos! Você era meu melhor amigo, é claro que senti sua falta!

— Eu não vou embora de vez. — Ele deu o braço a torcer. — Laura precisa de ajuda, então eu vou depois de amanhã, e volto antes da sua próxima sessão de quimio.

— Eu sei. — Ela sorriu num gesto de “te peguei!”. — Ouvi você falando com meu pai.

— Ah, Cema... — Ele riu, deslocado, se escondendo entre as mãos. — Se eu não fosse tanto com as suas fuças...

— Você é transparente demais. — Ela voltou a comer. — Tudo o que eu

preciso saber está escrito na tua cara. Você nunca foi de mentir.

— Tá me elogiando ou maldizendo?

— Só comentando. — Estava elogiando. Mas ela não vai dizer nunca.

— Vai ficar bem quando eu for embora? Vai comer direito e tomar os remédios na hora certa?

— Eu tenho um pai só. E ele está dormindo.

— Esfria, mulher, esfrie. — Soltou o ar um pouco de saco cheio desse chove não molha do cacete. — É só cuidado.

— Sei disso, mas eu me pergunto é o porquê.

— Por que o quê?

— Por que esse cuidado todo.

— Uai — coçou a cabeça, sem entender a pergunta, e respondeu qualquer coisa —, cê é minha amiga.

— Depois de quinze anos você resolveu se lembrar de mim?

— Nunca nem esqueci... — A conversa dobrava para uma esquina que ele não queria ir, então freou logo. — Não sei por que tá puxando a faca, Iracema, se me quer fora da sua vida, é só dizer. Saio pela mesma porta que entrei.

— Não é isso.

— Então o quê?

— Eu não quero me iludir. — Não era a faca que Iracema puxava. Não queria briga. Só aproveitava que estava sozinha com ele, num dia especialmente bom, e resolvia colocar as cartas na mesa. — Você está aqui, cuidando de mim, o tempo inteiro. Está me erguendo enquanto estou caindo. Eu vou me acostumar, Dênis. Não quero perder você por mais quinze anos depois que eu me curar. Você tem uma vida inteira em Goiás e nunca me deixa esquecer disso. Eu me pergunto, quando eu melhorar, onde que eu me encaixo nisso.

— Se encaixa onde quiser, porque espaço tem. — Olhou para ela, percebendo seu nervosismo, também guardando as armas, mas nunca mostrando todas as cartas. — Eu não acredito numa palavra sobre “amizade” quando você

diz. É mais que isso, Cema, eu sei, e sempre foi. Tô aqui, faço o que for para você ficar bem, mas uma hora eu canso. E uma hora eu vou embora.

— Você vai embora de todo jeito.

— Mas não preciso ir sozinho. — Sentiu que era a hora. Transparente como a Cema diz, o coração deu a largada e ele só foi. Puxou a cadeira dela para longe da mesa, o bastante para conseguir chegar perto, e se ajoelhou diante dela. Sorria um sorriso diferente, não era escárnio nem piada, era um sorriso... limpo.

— Cema:

— Não faça isso. — Ela pediu, encolhida na cadeira, os ombrinhos cada vez mais magros curvados, as mãos nervosas e os olhos cheios d'água. — Eu estou doente, agora. Eu tô ruim, Dênis, ruim como um diabo velho, tem dia que não consigo nem levantar da cama.

— Eu sei, meu denço, tô sempre aqui pra ajudar.

— Exatamente por isso. — Colocou uma das mãos em seu rosto e recebeu um beijo na palma. — Eu não quero nada por pena. Não quero que a gente comece nada nesses termos, entende? Eu não tenho força para superar outro coração partido, nem do primeiro eu me recuperei, e não tenho força para sustentar qualquer coisa criada à base de pena e medo da morte.

— Acha que é isso o que eu sinto, Cema?

— Eu não sei o que você sente, Dênis, e não é a hora de eu saber. Pode ir, pode voltar, pode reparar o que perdeu com a sua noiva, pode ajudar sua irmã na fazenda. Faça o que for preciso e o que tiver vontade: enquanto eu estiver doente, preciso focar em ficar boa, em viver o resto de tempo que Deus me der.

— Mas, Cema...

— Quando eu ficar boa, na hora que o doutor Carlos disser que tô curada, eu mesma te procuro. Juro por tudo o que é mais sagrado.

— Jura?

— Eu sou filha do Seu Geraldo, mulher de palavra. Se lá na frente as coisas estiverem bem entre nós, e você ainda me quiser, juro que te procuro.

Dênis não respondeu. Segurando o choro atravessado na garganta,

emocionado, a vontade que ele tinha era de tascar um beijo nela. Beijo de marcar sina, de endireitar o torto e apagar o errado. Beijo que está atrasado em quinze anos e parece que não chega nunca.

— Combinado? — Fazendo um carinho no rosto dele, ela segurava o choro.

— Tudo pelos conformes, dona.

Ela o beijou no rosto, candura em forma de mulher, e sorriu agradecida por ter sido compreendida.

— Agora me deixa comer porque faz tempo que não fico com fome desse jeito.

Iracema se arrumou à mesa, Dênis voltou para a própria cadeira, conformado, e fingiu não ver o sorriso do pai da moça, de guarda, encostado no batente da cozinha e de braço cruzado.

## Capítulo 21

Dizem que se pode tirar um homem de sua terra, mas nunca a terra de dentro de um homem. Quando pisou na pequena rodoviária de Itumbiara, Dênis parecia um leão solto na selva. O leão na jaula, que era como se sentia em terra que não era sua, estava liberto, pronto para a briga, o sorriso no rosto, e refrescado.

Só de pisar na terra vermelha que pinta até o asfalto do centro da cidade, era como se recuperasse toda a sua energia.

Uma mulher de vestido preto, colado às curvas, saltos altos e tornozeleira rastreável, o aguardava encostada na caminhonete estacionada do outro lado da rua. Tinha os dois olhos azuis, e não apenas um como ele.

Mas o sorriso de boas-vindas que ela deu quando o viu mostrava que também tinha um lado bom. De cabelos longos e ruivos tingidos, ela sorria tão largo que parecia que era ela quem não o via há quinze anos.

— Laurinha... — Ele a abraçou, tirando-a do chão e rodando com ela nos braços.

— Empiastro do cacete! — Ela riu — Me põe no chão, meu sapato não tem tira, vai voar pro meio da rua!

— Cê tem uns trem tão esquisito... — Ele obedeceu, beijando seu rosto e jogando a mochila na carroceria da caminhonete suja de terra.

— Quer dirigir? — Ela deu a chave a ele. — Sei que você ama esse carro.

— Posso? — Ele deu outro beijo em seu rosto. — A saudade que eu tava...

— Tá, entra aí e me conta a latada que tu me enfiou.

— Uai. — Abriu a porta do carro para a irmã e só depois entrou — Encrenca nenhuma não, lá sou homem disso?

— O Dias foi espiar como quem não quer nada. Coisa aí tem. E a polícia

do distrito dele parou de abastecer com a gente.

— Parou?

— Pois só não parou a prefeitura inteira porque eles não têm verba. Agora eles vêm bem cedo, antes de todo mundo, e pagam em dinheiro. Falei que a conta deles está aberta, que podem vir quando quiserem que depois me resolvia com o secretário, mas ninguém quer, não. A frota inteira vem duma vez, abastece, e o chefe paga em dinheiro. Já viu isso?

— Isso é coisa do pai de Marina.

— Chicão do Mato pegou birra d'ocê?

— Marina. 'Tamo dando um tempo.

— Deu um tempo com a noiva para pegar a doentinha? — Falou para cutucar mesmo. Dênis conta as coisas pela metade e só abre o bocão quando fica bravo.

Ao contrário do que Laura esperava, Dênis, dessa vez, não disse nada. Bateu no porta-luvas, achou a carteira de fumo que sempre deixa no carro e enrolou um cigarro de tabaco puro, fumo plantado no quintal e seco debaixo de sol, e sem colocar filtro nem piteira.

— Enrola um pra sua irmã...

— Não tá merecendo. — Reclamou, mas deu o próprio cigarro para ela.

— Te faço empadão.

— Com gueroba?

— Quer mais nada?

— Carne de porco e linguiça.

— Folgado! — Do porta-luvas pegou o isqueiro e deu uma longa tragada. — Só fumo quando cê tá por perto. Você quem alimenta meu vício.

— É meu primeiro cigarro em muito tempo. — Enfiou o cigarro no bico e pediu para a irmã acendê-lo. Quietamente, remoendo os próximos passos e sentindo o amargor pegar na língua no primeiro trago, sentiu-se olhado, mas não revelou nada. Laura vai rir até se cansar quando ele decidir se abrir.

— Por mim, agora que você está aqui, a gente vai direto para a delegacia



e vê o que está se passando com o Dias.

— Tava me esperando chegar, demônia?

— Se eu entro lá, é para acabar com a graça do sujeito. Você é o rosto dos Mairinc, Dênis. Eu sou o espeto e os chifres.

— Cê que manda. — Deu a partida na sua S-10 cabine dupla e sentiu a mochila chacoalhar a cada curva.

Conhecia o caminho de cor. O distrito do Dias ficava entre a igreja matriz e a prefeitura, ao redor da praça que, aos poucos, ganhava cor e bandeirolas de festa junina.

Estacionou numa vaga na rua e desceu. Laura não esperou que ele abrisse a porta, entretanto esperou que fosse na frente.

Dênis não percebe, mas ele é simpático e todo mundo gosta dele. Deu boa tarde ao escrivão, aos oficiais, aos estagiários. Todo mundo perguntou onde esteve porque ninguém o via há dias. Um dos oficiais lembrou de uma antiga partida de futebol realizada no campinho atrás da prefeitura, e Laura quis morrer pela quantidade de corda e conversa fiada que Dênis era capaz de dar.

— Dias taí? — Dênis percebe a irritação da irmã só pelo jeito como ela pisa.

— Tá na sala dele, entra lá.

— Dias tá ficando velho, tá ficando encostado.

— Ih, Cão Doido, nem fala.

Nos fundos da pequena delegacia, a sala do delegado transferido de Buriti Alegre, cidade vizinha, um pouco para cima do Paranaíba. Recém-concursado, ele chegou na cidade sem conhecer ninguém e foi logo se apresentando, o distintivo na mão, a cada fazendeiro e dono de boi da região.

Leonardo Dias era o que dizia a plaqueta na mesa. Nunca deixou que ninguém o chamasse pelo primeiro nome, nem os colegas mais chegados. Sujeito sisudo, cara de poucos amigos e sempre de óculos escuros. Laura acha que é questão de estética, porque fica mais bonito, para os olhos das moças solteiras que se arrumam para andar na pracinha de sexta-feira, um delegado

alto, forte e que só sai da delegacia com os olhos tapados.

— Ê, Dias, véi cansado! — Dênis é só sorrisos. Tirou até o chapéu para conversar com o delegado. Deu-lhe um abraço caloroso, comentou da aposta que Dias perdera, riu quando lembrou da Castelo Branco, pinga velha que lhe devia, e deixou que cumprimentasse sua irmã.

— Dona Laura. — Dias tirou o chapéu, mas Laura não se deu ao trabalho sequer de responder. O santo não bate desde que ele se mudou para lá e não tem Dênis do sorriso largo que a faça mudar de ideia.

— Tá querendo o que espiando minha fazenda, seu prego?

— Investigação em andamento. — Rebateu. — Não posso comentar caso com civil.

— Abastecer barato com civil pode, comentar caso que não, né? — Puxou a cadeira na frente da mesa do outro e se sentou. — Eu vou te dizer o que está acontecendo, que assim cê para de se meter em caso de família. Laura — ele pediu —, cata dentro da minha bolsa uma pasta de couro. Vamos contar logo para o Dias a palhaçada que Chicão do Mato quer fazer comigo.

Laura odeia quando Dênis faz isso, no entanto ela não tem carisma suficiente, e nem gosta de conversar com ninguém, para ser ela a pessoa que trata dos assuntos e não a assistente.

Sem falar nada, foi até a caminhonete e procurou a pasta com o “Álcool Ferraz” talhado no couro como se já fosse questão resolvida e assinada.

Voltou, e Dias ria alto. Dênis tem um jeito só dele de amaciar qualquer um.

— ‘Brigada, Laurinha. Desculpa fazer cê ir buscar, sei bem que cê não gosta. — Ele estendeu a pasta, aberta, para Dias ler. — Agora lê aqui e vê se tô inventando roda.

Dias, que pegou a pasta um pouco cético, terminou de ler com os olhos arregalados. A Princesa do Cerrado precisa legalizar seu álcool, mas, se legaliza, o preço aumenta e a cidade para. Não só os civis abastecem com ele, mas todo servidor público que usa carro do estado só consegue trabalhar por conta do

álcool mais barato.

— Chicão do Mato me prometeu um milhão por mês se eu assinasse esse absurdo.

— E cê vai assinar? — Dias perguntou, devolvendo a pasta.

— E colocar a minha fazenda na forca? Não tô doido, porra. — Pegou a pasta de volta e retomou: — E, de quebra, ainda terminei meu noivado com Marina.

— Terminou mesmo?

— Pedi um tempo, mas a vontade que eu tô é de terminar. Ela ameaçou colocar polícia atrás de mim caso eu terminasse com ela e não duvido nada que agora Chicão também ache que essa seja uma boa maneira de me obrigar a assinar esse contrato com ele.

— Ninho de cobra que você se meteu, hein?

— Tudo por conta da carroceria bonita que Marina tem. — Falou, e Laura revirou os olhos. — Agora, Seu Dias, o senhor que pense o que é melhor. Eu tô jogando com a mão aberta, abasteço a região toda e carro por aqui nunca deu problema.

— Entendo. Vou conversar com o prefeito sobre isso.

— Vai?

— Olhe, cabra — ele se aproximou da mesa, colocando os dois cotovelos sobre ela, e olhou de Dênis para Laura com bastante seriedade —, ele me mandou fazer vista grossa assim que entrei aqui. Garoto novo, querendo mostrar serviço, vi sua fazenda e fui atrás. O inquérito foi parar na mão do prefeito e ele me chamou para um café. Já tomou café com o Gomes?

— Não, senhor.

— Pois parecia que tinha voltado para a quinta série e estava na sala do diretor. Ele me abriu as contas da prefeitura, tem todas em planilha, e me contou que só conseguiu contratar mais dois médicos para o postinho porque parou de comprar gasolina no outro posto.

— E eu cobro da prefeitura quase o preço de custo.

— Pois bem. — Dias se levantou da cadeira e findou o assunto. — Isso é briga de peixe grande, tá longe de ser coisa que eu possa resolver. A ordem veio de Goiânia.

— Sei até de quem.

— Pois é. Tô contigo, Cão, e vou ver o que dá para fazer.

— Só de saber disso já fico mais tranquilo. ‘Brigado, Dias. E passa lá em casa mais tarde que a Laura prometeu fazer empadão.

— E a prenda sabe cozinhar?

— Não esquece minha cachaça. — Dênis sorriu simpático quando se levantou num cumprimento.

— Sete horas tá bão ou tá cedo demais? — Dias dava o jantar na casa do fazendeiro como certa e perguntava para a mulher da casa sobre etiquetas.

— Se quiser comer empadão — Laura respondeu logo para tirar o sorriso do sujeito cara —, traga de casa.

## Capítulo 22

Não são muitos os funcionários que trabalham na Princesa do Cerrado. Ninguém trabalha do lado de dentro da casa grande, só do lado de fora. Um casarão daqueles, erguido muito antes de Dênis nascer, só tinha dois moradores. E, quando um dos dois Mairinc viajava, ficava só o outro para ouvir os assobios que o vento faz quando resvala no breu.

Dênis voltava para casa com a sensação de voltar de uma guerra — por pouco não beija o chão que pisa. Encostou a caminhonete na entrada da fazenda, abriu o portão automático para carros e sentiu um comichão engraçado ao ver todo aquele verde.

Foi a mesma coisa quando voltou do exílio do ensino médio em São Paulo. A mãe, naquela vez, limpou as mãos no avental quando viu o filho voltar com mala e cuia, e correu para abraçá-lo ao menor barulho de portão.

Ali, envelhecido, de mãe enterrada, ele só recebeu as boas-vindas dos funcionários que passavam do posto clandestino rumo aos tonéis de fermentação, e, para ele, aquilo era mais que o suficiente.

— Vou fazer o empadão como prometi, só que não vai ser agora. — Laura avançou em direção ao casarão e foi costurando conversa conforme se afastava. — Vou aproveitar que você está aqui e colocar as contas em ordem. Não sei quanto de caixa temos desde que a prefeitura começou a pagar em dinheiro.

— Desculpa dar trabalho, Laurinha.

— Carece não. — Ela gritou para ele, no primeiro degrau que levava para o lado de dentro de casa. — É só ver se tem álcool pronto porque dia cinco está chegando e o povo vem todo para cá.

— Eu sei, demônia, cê já falou. — Resmungou, enterrando o chapéu na cabeça e caminhando em direção ao galpão de teto alto, cheio de chaminés e válvulas de medição, a um quilômetro da casa grande.

O galpão, no qual só se entra com equipamento de proteção, sem chapéu, sem cinto e sem botas, fica longe de casa e do posto por motivos de segurança — álcool é inflamável e extremamente perigoso.

Dênis, com seu chapéu de cowboy e fala de moço de roça, embora não pareça, é garoto estudado. Formado, com diploma de Engenheiro Agrônomo com pós-graduação, ele contratou uma empresa especializada em montagem de galpões de fábrica só para criar a menina de seus olhos: é clandestino e feito no quintal de sua casa, mas isso não quer dizer que não tenha qualidade.

No papel, sua fazenda é açucareira. O processo de fazer álcool e açúcar são os mesmos até a evaporação do caldo. Depois, para virar açúcar, o caldo será cozido e, para se transformar em álcool, será fermentado.

No galpão, no andar térreo, fica toda a maquinaria açucareira. Dênis realmente faz açúcar, não produz nem um terço da capacidade total e o vende direto para fábricas de guloseimas.

No andar inferior, pensado para ser escondido, funciona a sua base alcoólica. Com temperatura e umidade controlados, dez técnicos especializados trabalham dia e noite para vistoriar e tratar o processo de fermentação, destilação e estocagem automática de um milhão de litros que a Princesa de Doce é capaz de fazer por ano.

É uma fazenda pequena visto sua concorrente, americana, multinacional, que também funciona em Itumbiara e que abocanha, a cada novo prefeito, mais um lote de terra desapropriado de algum fazendeiro falido que não consegue arcar com as despesas.

Com óculos de proteção e sem chapéu, ele entrou no galpão todo sorrisos. A menina de seus olhos custou todas as economias de sua mãe, os investimentos de Laurinha e duas lojas que tinham no centro da cidade, de queijos e produtos tipicamente goianos, feitos para impressionar olhos de turistas.

Mas, no fim, compensou. No final do primeiro ano de funcionamento, quando toda a cidade já sabia sobre a novidade do álcool que custava dois reais o

litro e não era só feito de água, as contas magras engordaram e Dênis nunca mais teve que se preocupar de fugir de sua terra natal para se proteger de agiotas.

Cumprimentou todos os técnicos, perguntou até de seus filhos e seus cônjuges, soube do panorama geral do trabalho, o jeito como tudo vai nos conformes, e não se preocupou com o tal dia cinco que tanto assombrava Laura porque eles tinham produto para abastecer a cidade por três dias 5 seguidos.

Dali, caminhou, de chapéu para se proteger do sol ardido, até chegar ao posto de abastecimento na beira da estrada, conectada aos galpões por canos resfriados e enterrados, devidamente pensados por empresas terceirizadas, a mesma empresa que instalou os dutos da concorrente americana.

Uma fila de bombas de álcool, feita para suprir dez carros de uma vez, comandada por um par de gêmeas, Júlia e Juliana, novinhas, que viviam chupando cana e calculavam troco, sem ajuda de aparelhos, mais rápido do que qualquer um.

Deu um beijo em cada uma, perguntou da mãe delas, acamada com esclerose múltipla, e sorriu de ver o movimento de meio de tarde, meio preguiçoso, cumprimentando aqui e ali um cliente que chegava vazio e saía cheio.

Voltou para o casarão a fim de acalmar sua irmã. Como ela não conhece do produto, nem dos sistemas, é fácil que se assustasse. Andou da sala ampla e vazia, com um televisor imenso e desligado, para a sala ao lado, feito de escritório por uma Laura que tem fome de papéis e organização.

— Vamos ter que melhorar a segurança. — Ela disse, assim que ele retornou. — Se tem gente de Goiânia jogando baixo com a gente, vamos ter que colocar segurança armada aqui dentro e vai ter que ser logo.

— Do jeito que cê preferir. — Se Laura fala, o burro abaixa a orelha. Ela é a cabeça dos Mairinc, ele é as mãos. Brigaram por muito tempo até se encaixarem porque os dois têm sangue quente e levam o gênio forte da mãe, que aprendera pelo caminho mais difícil que não é possível comandar, sozinha, uma fazenda daquele tamanho.

— Confesso que tô bem assustada com a ameaça de polícia.

— Não fique. — Ele sorriu. — Essa cidade é nossa.

— Não é, não se iluda.

— Se não é, faço virar. Não ganhei o título de *Cão Doido* à toa, não foi?

— Isso é coisa que cê trouxe de São Paulo. — Ela sorriu. — Antes, você só era o caçula.

— Continuo. — Sentou na beiradinha da mesa dela, olhando para a janela lateral que dava vista à plantação extensa de cana, e sorriu sem perceber. — Mas confesso que gosto mais de Cão.

— Eu não tô nem aí para apelido. O que eu não quero é gente batendo aqui na porta pedindo pra ver o que eu faço ou não faço dentro da minha casa.

— Cê vai ter que aprender a sorrir — Dênis advertiu.

— Eu sei sorrir.

— Cê vai ter que aprender a sorrir pra todo mundo.

— Quando eu tiver morta aí cê arreganha meus dentes.

— Falo sério. Pra ter o que falta dessa cidade, vamos a todas as missas, todas as festas, se precisar vamos até Caldas Novas para rir de piadas que não têm graça. Dependendo da gravidade, vamos rir até em Goiânia.

— Dênis...

— Somos um mal necessário e todo mundo sabe disso. Posso legalizar meu álcool? Posso, claro. Mas quem liga para pedigree de álcool, se o que importa é o preço?

— Se você tem um plano, é bom dividi-lo comigo.

— Eu não tenho um plano, demônia.

— Não?

— Acabei de chegar, o que você queria?

— Se você não tem, então senta aí e vamos bolar juntos. — Sorriu a parte má dos Mairinc e Dênis sorriu também. — Já passamos por coisa pior, não é?

— Cruzes, e como já.





## Capítulo 23

Com a fornada de empadão pronta, Laura abriu um largo e falso sorriso para o Dias, que chegou com o pagamento de uma aposta antiga, Castelo Branco embrulhada para presente e um buquê de flores.

Dênis, que sempre vai na frente porque tem carisma natural, recebeu a bebida com um sorriso e fez piada com as flores. Laura, que não esperava ter que receber presentes, quase se engasgou. O plano era sorrir para Deus e o mundo, o que é muito difícil para a advogada que está acostumada com o lado ruim do mundo, mas, quando recebeu as flores, olhou para elas, para a cara do paspalho que até pode ser um pouco arrogante, mas não tem nada de bobo, e agradeceu sem dentes:

— ‘Brigada. — Sem dentes, sem açúcar, e bem ríspida. — São lindas.

— Feito a dona. — Respondeu sorrindo idiota. — Será que agora tem empadão pra mim também?

— Sirva-se. — Ela deu o braço a torcer, mordendo a testa, indicando a cozinha para eles, doida para sumir de suas vistas.

— Vai comer não, Dona Laura? — Dias perguntou quando a viu atravessar a porta da cozinha.

— Sem fome. — Mentiu.

— Vem, Laurinha — Dênis forçou. — Senta com a gente, abro uma cerveja procê e conversamos amigados.

— Laura bebe?

— O quê? — Puxou a carteira de fumo e um cigarrinho previamente enrolado. — Laura bebe mais que eu e você juntos.

— Você vai mesmo me obrigar a ser legal? — Laura rebateu.

— Do jeito que nós ‘tamo, qualquer ajuda é bem-vinda. — Dênis puxou a cadeira da grande mesa de jantar para ela e sorriu esperando que sentasse. — Uma hora você vai ter que comer.

— E eu não sou tão chato assim. — Dias sorria, puxando uma cadeira para si mesmo, ao lado dela, pouco preocupado com sua hostilidade.

Dênis, enquanto ria e contava piadas, arrumava a mesa para os três. Colocou copos e pratos, talheres, levou os empadões quentinhos à mesa, elogiando muito o cheiro e a cara deles, e abriu uma garrafa de cerveja, dividindo seu conteúdo em três copos.

— Um brinde: — Dênis propôs erguendo o copo — Porque mais fodido do que éramos, só se nascermos de novo.

— Ou só se formos pegos pelo Ministério Público — Laura riu um pouquinho brindando com o irmão e o outro.

— Sabe — Dias deu um gole e preparou o garfo —, acho que não vai dar em nada.

— Tá falando como amigo do Dênis, ou como delegado de polícia?

— Um pouco dos dois. Donatelo, o nosso governador, odeia o governador de São Paulo.

— Todo mundo odeia todo mundo até ver a cor do dinheiro.

— De todo jeito — Dias deu uma garfada e sorriu para o recheio —, vocês têm reunião com o Gomes na sexta-feira.

— Marcou reunião com o prefeito, seu prego? — Nem o Dênis acreditou.

— Não tem por que me querer como inimigo, Dona Laura — Dias estava ali para o confronto, Dênis viu, mas não disse nada. Já era hora de Laura superar seu ex-marido. — Agora que sei o que está acontecendo, tô aqui de mão amiga.

\*\*\*

— Como que cê tá, meu anjo? — Antes de dormir, deitado em seu quarto, primeira cama decente em muitos dias, Dênis não conseguiu pregar o olho até saber se estava tudo bem com Iracema.

— Bem. — De seu lado da linha, sugou o nariz. — Só um pouco gripada.

— Tá tomando remédio para o resfriado?

— Papai comprou foi logo a farmácia inteira. Tô com antigripal saindo até pelas orelhas.

— Assim que é bom.

— E aí? — Ela devolveu a pergunta. — Tá tudo bem?

— Tá. — Bocejou sonolento, colocando um dos braços atrás da cabeça, desejando ter feito chamada por vídeo, e não só telefonado. — Laurinha fez um empadão tão bom que chega dói. Vou pedir para ela fazer pelo menos um pra eu te levar quando voltar.

— Você já... — Laura, sozinha em seu próprio quarto, se envergonhou — já sabe quando volta?

— Sei não — sozinho também, ele ficou feliz em saber que ela o queria de volta —, até o fim da semana ainda tô por aqui. Tenho assunto sério com o prefeito.

— Quem te viu, quem te vê... Para quem vivia na sala do diretor tomando bronca, agora é recebido na sala do prefeito!

— Eu só enfrento autoridade quanto tô metido em confusão. No fundo, continuo o mesmo.

— Quem te viu, quem te vê, né, *Cão Doido*?

— Iracema:

— Já sei, tô proibida de te chamar do jeito que todo mundo chama.

\*\*\*

Laura era totalmente aversa à ideia de Dênis abrir o jogo com o prefeito. Quem abre o jogo assume a culpa, e tudo o que eles não precisam é de confissão.

Dênis, por outro lado, acreditava na boa índole das pessoas. Via, com seu olho bom, que bastava contar a verdade. Planejava mostrar o contrato horrendo proposto por Chicão do Mato, e esperava que tudo corresse bem.

Mas, para caso não corresse, quando subiu a escadaria da prefeitura e cumprimentou a recepcionista do gabinete, ele levava debaixo do braço não só o

contrato com Chicão, como também uma série de provas de que a prefeitura sempre soube da fraude do álcool e que funcionava como seu cúmplice.

Ou seja, se o prefeito não se curvasse por bem, Laura garantiria que se curvaria por mal.

Empunhou seu melhor sorriso quando abriu a porta do gabinete do prefeito. Tirou o chapéu de cowboy e entrou como o engenheiro agrônomo, consciente, homem de negócios. O cumprimentou com firmeza, perguntou de seus dois filhos e duas noras, sorriu quando ouviu sobre seu primeiro netinho a caminho e se sentou confiante de que sairia de lá com um bom resultado.

— Já tô sabendo de tudo. — O prefeito se sentou em sua própria cadeira e sorriu preocupado. — Quando fui atrás de vocês em busca de combustível barato, eu sabia o risco, e não vou bancar o inocente.

— Seu Gomes...

— Sofremos duros cortes com o congelamento das despesas orçamentárias. Cada prefeitura de cidadezinha de interior está se virando como pode para manter os serviços essenciais. Estamos fora da grande rota comercial e ninguém sabe, se perguntado, onde fica Itumbiara.

— Os gringos da multinacional e Furnas sabem.

— Os americanos que exploram a cana não nos dão um centavo em imposto. Estão com incentivos fiscais até 2035. Você concorda que, caso não seja renovado o incentivo, eles irão embora?

— É assim com toda fábrica.

— Eles trazem emprego e são bons para a federação, mas, para nós, em termos de caixa, não muda muito. Itumbiara tem mais cana que gente.

— Fosse o contrário seria São Paulo.

— Agora — Ele se curvou em direção a Dênis —, o que não entendo é por que Chicão do Mato quer seu pescoço.

— Me atolei num rabo de saia que não presta.

— Dênis... — O prefeito riu.

— É a mais pura verdade — Dênis riu de volta, resumindo uma história

que era bem mais complexa do que a que ele contava.

— Vou ligar para o Donatelo.

— Você confia nele? Porque não tem como tudo isso chegar aos ouvidos do homem sem que ele saiba o que estou fazendo de errado.

— Em política não se trata de confiar, se trata de entregar resultados. Donatelo é macaco velho, ele tem Goiânia para se preocupar, e os latifundiários. Itumbiara nunca foi prioridade, todos nós sabemos disso. Você acha que ele quer um escândalo numa cidade que ele nunca sequer pisou?

— Eu sei, mas...

— Quantas vezes você já viu as fuças de Donatelo por aqui?

— Acho que nem por televisão.

— Então, Dênis, deixe política com os políticos. — Sérgio sorriu e arrematou. — Outra coisa: Ninguém gosta do governador de São Paulo.

— Só Chicão do Mato.

— Notícia velha: ninguém gosta do Chico também. Para barrarem qualquer coisa que esses dois queiram fazer, basta saber que existe.

— Olha — Dênis sorriu quando o Prefeito se ergueu, encerrando a reunião —, se eu já não cobrasse quase o custo do senhor, baixava o preço só pelo voto de fé que o senhor tem comigo.

— Vou me lembrar disso quando o senhor quiser subir o preço, pode ter certeza.

Político, Dênis sabia desde moleque: é a pior raça de gente que tem.

## Capítulo 24

Nem o prefeito da pequena Itumbiara nem o delegado conseguiram evitar que a Polícia Federal entrasse na fazenda dos Mairinc na semana seguinte. Assim que o mandado foi expedido e Dias foi notificado pelo prefeito, ele pegou seu próprio carro e correu para a Princesa.

Suado, com olhar de pânico, encontrou Dênis conversando com o motorista da colheitadeira e contou a boa-nova.

— Quando vai ser? — Dênis puxou o delegado para longe de seu funcionário e passou a suar nervoso tanto quanto ele. — Não me diz que vai ser hoje, que vou ter um treco.

— Amanhã. Não dá para saber que horas, mas vai ser amanhã. Arruma tua casa, homem, que se alguém descobre, vai eu, você, o prefeito e até Laura vai pra cadeia.

— Vem comigo.

Laura, sentada em seu escritório, viu a dupla chegar pálida e previu o pior. Batida da polícia, ela ouviu, e começou a picotar papéis sem nem mesmo terminar de ouvir o resto.

— Amanhã. — Dias terminou.

— Amanhã que horas? — A fragmentadora ligada conseguia roer dez papéis de uma vez, o que não era, nem de longe, o suficiente.

— Amanhã. — Dênis repetiu. — Não dá pra saber quando.

— Liga para o Seu Agenor, o caminhoneiro. — Virou advogada por ser escorregadia, e não o contrário. Virou contadora só para aprender a escorregar direito. — Pede o dezoito rodas dele. Chama quatro técnicos de confiança, manda parar o duto de álcool e desliga as bombas. Dias — ela se virou para ele —, fala com o prefeito e diz que estamos levando as dez bombas para o estacionamento dos caminhões de lixo.

— Certo. — Sem duvidar e nem parar para pensar, ele sacou o celular e

discou o número do gabinete.

— Cata os quatro cabras confiáveis e coloca as bombas no caminhão do Agenor. — Laura retomou a palavra, falando com Dênis. — Deixa lá no estacionamento do lixão até que a polícia vá embora.

— O que a gente faz com aquela área? Os dutos de álcool ficam na cara do gol, mesmo sem as bombas.

— A gente enche de cana picada. Inventá que deu cana demais na safra anterior e que tá estocando ali.

— Nem comecei com a colheitadeira ainda...

— E você tá esperando o quê?! Põe pra funcionar, mas começa a colheita lá de trás, lá do fundo onde ninguém vai, que senão fica na cara que a gente tirou cana daqui para pôr lá no posto.

— Tá, vou resolver o Seu Agenor e já começar com a colheita.

— Cacete, mulher! — Dias sorriu quando voltou para o escritório. — Ainda bem que seu único crime é vender álcool sem licença...

— Não se engane. — Voltou a picar papel com um sorriso no rosto.

— Chega a ser desperdício Deus colocar um gênio do mal num rostinho desses.

— Vá ajudar o Dênis. — Ela fingiu que não ouviu porque não tinha tempo e nem disposição para lidar com ele. — Eu preciso de tempo porque tem muita coisa para fazer nessa papelada.

Homens com fuzis e olhares sedentos entraram pelo portão de automóveis da Princesa, à caça, e viram o galpão açucareiro. Dênis conversou com o delegado, todo sorrisos, e leu o papel do mandado do juiz com surpresa.

— Doutor — tratou com um máximo de respeito o homem que chegava, de metralhadora e colete à prova de balas e papel na mão —, entendo que esse é seu trabalho, portanto fique à vontade para criticar qualquer coisa que não seja de seu gosto.

A colheitadeira funcionava e carpia a safra do jeito certo, de frente para trás, fazendo uma barulheira e desconcentrando todos os mocinhos da capital.



Dênis, de sorriso largo, abriu a menina de seus olhos, com só os quatro técnicos de confiança trabalhando na moagem da cana, mostrou e explicou ao delegado da Polícia Federal sobre os processos de queima, de como a sua fazenda é inteira movida a eletricidade de biomassa, feita de bagaço de cana; e Laura, que nunca foi boa coisa, vestida de sandália rasteira e vestido florido, parecia a candura em forma de mulher quando entregou, com gosto, numa pasta que ela fingiu montar na frente de um policial para que não fosse suspeito ter todos os arquivos prontamente organizados só os esperando chegar, todas as contas e balanços dos últimos cinco anos de sua fazenda.

Viram o posto clandestino cheio de cana cortada, e Dênis deu graças a Deus pela colheita anterior ter sido tão próspera a ponto de precisar estocar.

Tudo conforme a lei, o pequeno desnível no canto do galpão, que dava acesso ao subsolo, passou despercebido. Um oficial chutou o desnível, desconfiado, e o coração de Dênis parou.

Então Laura chegou, linda e exuberante como nunca antes, toda arrumadinha para parecer moça de roça, e sorriu para todos, os dentes esticados até as orelhas, com café passado e quentinho.

— Só não quis fazer desfeita com a visita.

O demônio vem bem disfarçado com cara de anjo. Sorrindo, Dênis agradeceu a candura da irmã, comentou com o delegado federal o quanto sua irmã era simpática e de bom coração, e beberam, esquecendo o desnível do galpão, para fazer o gosto da formosura de olho claro.

— Quase uma segunda mãe para mim! — Dênis sorriu com um copinho de café na mão, mais solícito e simpático que qualquer outro dia em sua vida.

A Polícia Federal saiu de lá sem entender exatamente o porquê um fazendeiro do extremo sul de Goiás estava na mira do Ministério Público.

— Se sobrevivemos a isso — Dênis tremia como vara verde quando a última viatura saiu de sua fazenda —, a gente sobrevive a tudo, Laurinha.

— Daqui pra frente eu sorrio para Deus e o mundo. — Ela apertou sua mão com força, também trêmula, e se enfiou no arco de seu braço procurando se

acalmar. — Puta merda, se fosse só eu nesse galpão, eles tinham descoberto tudo!

— Eu vou acabar com a raça dessa Marina. — Irritado, Dênis se sentia pior que qualquer outro dia de sua vida.

— Você não vai fazer nada. — Laura rebateu. — A gente não sabe o que mais o pai dela é capaz de fazer.

Para se encontrar com o governador de Goiás, Dênis teria que perder a terceira quimioterapia de Iracema. Já contava com dez dias longe de seu denço, e contaria mais dez se quisesse arrumar sua própria bagunça.

Depois da batida policial, que por sorte não foi de surpresa, ele sabia que precisava de aliados fortes e que só o prefeito da pequena cidade do interior não era o bastante para combater um senador e uma noiva que não sabem perder.

Por isso, quando conseguiu arrumar as bombas de volta para a pista, estabelecer o fluxo de etanol pelos dutos e não sentia mais a ameaça do mandado, foi para Goiânia, em sua caminhonete, com a mesma mochila de lona que levava para São Paulo, mas, dessa vez, com ternos mais bem alinhados, botas limpas e o contrato-evidência do “Álcool Ferraz” embaixo do braço.

Não, é claro, sem antes ligar para a Cema e lhe pedir desculpas pela ausência.

## Capítulo 25

— Como foi? — Em seu quarto de hotel, colado com o gabinete do governador, ele passou a manhã inteira andando de um lado para outro sabendo que, a setecentos quilômetros de distância, Iracema tomava sua terceira sessão de quimioterapia.

— Ói — O pai da moça respondeu desanimado —, não vou mentir procê não, Cão.

— O que aconteceu?

— Parece que cada vez que Iracema toma uma dose do remédio, pior fica.

— Na quarta dose estarei aí. — Ele respondeu. — E a Cema? Como tá?

— Ela dormiu na enfermaria e tá dormindo ainda.

— O senhor ainda não está em casa, Seu Geraldo?

— Tô não. Tô deixando minha baixinha descansar um pouco.

Olhando o relógio na parede, ele calculou as horas. Da última vez, Iracema ficara no hospital até a hora do almoço e depois fora liberada. Já eram quatro da tarde. Seu Geraldo provavelmente não se sentava desde as sete da manhã e Dênis sabia, por ter convivido com o pai da moça, o tamanho de seu cansaço.

— Tem alguma coisa que eu possa fazer daqui?

— Não, Cão, tá tudo bem. Só venha logo porque você faz falta pra ela.

— Vocês fazem uma falta danada pra mim também.

Desligou com um gosto amargo na boca, a ponto de chorar. Olhou para o prédio do governador, frustrado porque teve sua reunião remarcada, e rezou para Deus para que a próxima data marcada, dali a dois dias, fosse cumprida.

\*\*\*

Desistiu do terno porque ficou com medo de passar a imagem errada. Voltou para o chapéu e jeans, seu uniforme básico, e entrou pela antessala esperando ser chamado. Donatelo, outro homem que nunca pegou na enxada, terminava uma reunião com um latifundiário que falava tão alto que Dênis ouvia toda a conversa do lado de fora.

Falavam sobre isenções e gado Nelore. Não ouviu um fiapinho de voz sequer do próprio governador, parecia até que ele não estava presente, mas se levantou, ansioso, quando viu o latifundiário sair com um tchau amistoso.

— Dênis Mairinc? — A secretária saiu da sala do governador com um olhar distante — Sinto muito, senhor, mas o Governador...

— Minha Nossa Senhora, não faça isso comigo, não...

— Vai precisar remarcar a sua reunião para...

Mais um dia e ele infartaria. Ouviu a secretária, porém não quis saber. Não podia discutir se quisesse benefícios, mas não aguentava mais ter que esperar. Vinte dias longe de sua Cema, as notícias que sopravam de São Paulo não eram boas. Com pasta de couro e tudo, deu dois toques na porta do governador e disse tudo num bafo só:

— Doutor, sinto muito atrapalhar o senhor. O meu caso envolve Chicão do Mato, o governador de São Paulo e o prefeito de Itumbiara. Juro que não vou levar mais que quinze minutos do senhor, mas é que minha fazenda corre o risco de ser tomada por Chicão do Mato e eu preciso que o senhor me ajude.

Disse as duas palavras que Donatelo mais odeia: Chicão e governador. A cabeça loira ergueu os olhos do papel sobre sua mesa, olhou do cowboy atrevido para a secretária assustada e o deixou entrar.

— Dênis Mairinc, estou errado? — Sorriu largo, mesmo desapontado, como qualquer político médio faria.

— Ele mesmo. Desculpe tomar seu tempo, doutor, um ente muito querido está com câncer, se tratando em São Paulo e estou há vinte dias longe. Não posso remarcar essa reunião porque eu preciso voltar para lá o quanto antes.

— Sinto muitíssimo. — Não se sabe dizer se sentia mesmo. — Minha

filha mais nova morreu de câncer no esôfago e não desejo isso a ninguém.

— O senhor me perdoa entrar assim.

— Está perdoado. — Indicou a cadeira à frente de sua mesa e esperou que ele se sentasse. — Gomes me contou tudo, acredite, o senhor não é o primeiro a chegar aqui e me contar essa história.

— Chicão tentou passar a perna em mais quantos?

— Goiás inteira, praticamente. Uma hora ele acha um fazendeiro desesperado para fazer negócio, os ganhos que ele promete são enormes.

— E ele só não me levou no bico por causa do nome.

— Eu não posso discutir com você sobre inquéritos em andamento, mas saiba que o ganho prometido não será por venda de álcool.

— Chicão tá querendo usar a destilaria para passar droga pela fronteira, não é? — Sacou assim que ouviu “inquérito” e “ganho prometido” saindo da boca do governador de Goiás. Ficou tão claro que ele não entendeu como não percebeu antes.

Será que Marina sabia de tudo?

Aprendeu a nunca duvidar da força do ódio de um homem. Olhando Donatelo ranger os dentes e puxar o computador para o alcance das mãos, decidiu esperar a próxima cartada.

— Buriti Alegre e Cachoeira Dourada compram álcool com o senhor?

— Compram não.

— Vou falar com os prefeitos.

Dênis quase pulou da cadeira.

— Estamos vivendo momentos de escassez. A máquina orçamentária está inflada, e minha equipe não consegue repassar os tributos porque eles não chegam a nós. É dever do Chicão garantir que estes recursos venham ao nosso estado, mas, como vemos, isso não é de interesse dele. Seu prefeito foi o único, no momento em que vivemos, que conseguiu reverter o quadro e contratar em vez de demitir. Veja, são quase duzentos e cinquenta municípios. Está faltando doutor e professor em todos. Se o Sérgio consegue economizar com combustível,

quantos mais conseguirem, melhor para todos.

— Então... — Dênis não escondeu o sorriso — Tenho autorização para continuar trabalhando como estou?

— Você nunca esteve aqui, Dênis Mairinc. Nossa reunião só acontecerá daqui um ano e, quando acontecer, espero que o senhor tenha licença da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis para produzir o que produz.

— Obrigado, Seu Donatelo.

— Não pareço, eu sei, mas sou um homem tão da terra quanto o senhor e não compro essa ideia de paulista que progresso tenha cara de Estados Unidos.

— Tô aqui para julgar ninguém. — Mas que Donatelo não é homem da terra, isso não precisa de julgamento.

Mordendo a vitória, quase aos pulos, Dênis chacoalhou a mão do governador, partiu do Palácio das Esmeraldas, pronto para pegar um voo para São Paulo, quando sentiu o telefone tocar no bolso de trás da calça.

— Dênis... — Laura não chora.

— O que foi?

— Vem para casa, aqui te conto.

— Laura, o que foi, por que você tá chorando?

— Dênis, botaram fogo na plantação. Tá tudo pegando fogo!

## Capítulo 26

Foram as três horas mais cruéis de sua vida até então. Dênis tremia tanto, que apertava o câmbio com força para não se descontrolar. Ultrapassou a velocidade em todos os radares, voou com o volante na mão e o coração na boca.

A fumaça se via da estrada, bem antes de chegar. Olhava tudo, cheio de ódio, e se arrependia pela bendita hora em que conheceu Marina. A quebra do noivado, se não fora decretada oficialmente naquele quarto frio de hotel, ali, era permanente.

Tudo rodava em sua cabeça. Os tanques clandestinos de etanol voando pelos ares, a terra vermelha de sua mãe virando areia, a casa grande, única herança dos Mairinc, consumida pelo fogo.

Via os caminhões-pipa que ficavam para trás na estrada, vindos de cidades vizinhas, e os bombeiros que passavam mais rápido que ele.

Se era vingança o que Marina queria, agora ela tinha. Se era coisa de seu pai, que não tinha uma rota de entrega de drogas, agora ele se sentia devidamente vingado. Dênis, entrando pelo portão escancarado de automóveis, sentia que perdia tudo. Tudo se esvaía ao mesmo tempo. A promessa de ver Iracema, a promessa de honrar a confiança do prefeito, a promessa que fizera à mãe em seu leito de morte.

Tudo: e ao mesmo tempo.

Laura, de pé diante do fumaceiro, ao lado do prefeito, parecia diante do apocalipse. Para ela, ele sabia, era como se fosse. Fogo, da entrada da fazenda, sequer se via. Tudo o que existia era fumaça.

Chegou, estacionou em qualquer canto que não atrapalhasse e tomou Laura nos braços pedindo desculpas. Ela chorava tão doído, tão assustada, que ele não quis chorar. De algum jeito, sentia que ela era a grande vítima de tudo, enquanto ele estava ali apenas para pagar pelos erros.

— Não chegou no galpão — ela contava, com a voz abafada pelo peito

do irmão —, a queima foi bem para lá, alguém viu da estrada e encostou no posto para contar.

— Foi coisa do Chicão.

— E foi só para dar prejuízo, porque se alguém quer mesmo ferrar com a gente, tinha posto fogo no galpão.

— Sem o galpão, eu não tenho nada que Chicão queira. Isso foi um aviso.

— Quando o fogo for contido — ela se afastou, limpou as lágrimas e empunhou um queixo decidido —, a gente vai contratar a segurança que devia ter contratado antes. Quero ver Chicão colocar alguém aqui dentro sem tomar bala na orelha.

Oito horas da noite os bombeiros ainda trabalhavam para conter o dano. De noite, os múltiplos focos de incêndio eram empurrados com mais força pelo vento e, de manhã, à luz de um sol que nasceu glorioso para iluminar o rosto de quem não dormiu, o que se via era cana deitada. Laura, em pé diante da judiação, pensava nos próximos passos. No que faria para retribuir a cortesia da família Ferraz.

Dênis, do lado de dentro da casa, bebia um café olhando a plantação pela janela do escritório da irmã. Deus não dá o frio maior que o cobertor, não é? Pensava consigo e se lembrava de Iracema. Se é isso o que ele tem que passar para ser feliz, então vai fazê-lo da melhor forma que puder.

Foi para o lado de fora, chamando a irmã para dentro de casa, e deu-lhe uma caneca de café doce, do jeito que ela gosta, bem doce e bem forte. Sorriu limpando sua lágrima com o polegar e deu-lhe um beijo na testa.

— Cachoeira e Buriti vão ser nossos clientes.

— Maravilha, mas vão comprar o quê? Não tem mais plantação!

— Calma, Laurinha, vamos fazer as contas. A gente sobe cinco centavos o litro do etanol que já tem, planta de novo, põe para fermentar com cana comprada até que a nossa esteja crescida. Vamos com calma, com calma as coisas dão certo.



— Tô começando a achar que não é otimismo seu, Dênis, é burrice!

— Não é burrice, irmã, a mãe fez a gente tão certo, tão perfeito, que você sobra onde eu falto e você falta onde eu sobro. Tô falando que dá, eu vejo quanto de cana o Borges me vende, se precisar eu vou para Araporã, faço das tripas coração, e semana que vem plantamos tudo. Enquanto isso, você corre atrás de empresa de segurança, vê quanto de dinheiro temos e nós tocamos o barco.

— Dênis...

— Já conseguimos o mais difícil. Enganamos a polícia, temos o prefeito, e o governador vai fazer vista grossa. Vamos aproveitar essa maré de sorte, e vamos seguir com a vida! Puta merda, graças a Deus aconteceu essa queimação doida agora, que a gente tem dinheiro, que a gente fez amigo, que pagamos tudo o que devíamos! Imagine se fosse na época da mãe! Imagina, Laura!

— A mãe tinha jogado a toalha igual o pai fez.

— Isso é motivo para nós jogarmos a toalha, Laurinha? Um alqueire de fogo espalhado te dá vontade de jogar a toalha?

— Não, Dênis...

— Então pronto. Hoje de noite a gente vai na missa, agradece por tudo de bom que tem acontecido conosco, faz um sacrifício para Deus olhar por nós com mais gosto e vamos tocar a vida.

— Sabe há quanto tempo que eu não piso numa missa?

— Se padre Alceu se lembra de mim, é só pela quantidade de desgosto que dei.

\*\*\*

— Como que cê tá hoje, meu dengo? — Mais doce que qualquer dia da vida. Mais carente também. De frente para a matriz, sentado no banco do motorista de sua caminhonete, ele segurava o telefone com ambas as mãos com vontade absurda de abraçá-la.

— Se eu falar que estou ruim, cê chega mais rápido? — Doce feito

alfenim. Sorria só um pouquinho, risada acompanhada de tosse, carinho o bastante para acalmar um coração que bate louco e que não descansa.

— Anjo, se eu pudesse chegar, tava já aí.

— Foi na tua fazenda que pegou fogo, não é? Deu na televisão. Pai também acha.

— Foi. — Ele não queria que ela soubesse e ficou triste que a notícia tenha se espalhado porque tudo o que Iracema não precisa é se preocupar. — Tô em pé de guerra com meio mundo aqui.

— Melhora se eu falar que tô com saudade?

— Me ligou doce desse jeito porque sabe que tô com problemas, né?

— Pai também tá com saudades, mas ele não vai dizer.

— Diz pro cavalo véi que também tô.

Deram dois toquezinhos na sua janela e ele teve que encurtar muito a conversa.

— Cema, vou ter que desligar. — Quem batia à janela era o Borges, fazendeiro vizinho. — Vou demorar mais uns dias para chegar, mas vou chegar para a última sessão de quimio. Se cuida, tá? Te amo.

Iracema, de seu lado da linha, perdeu a fala.

Dênis, acelerado, desligou a ligação e atendeu quem queria ter com ele. Desceu da caminhonete, deu um abraço no compadre e agradeceu as condolências.

— Ó — disse o velho Borges que viu a Mairincada tudo bezerrinha dando trabalho para Dona Maria —, amanhã cedo tô mandando trinta peão bão de enxada pra limpar teu terreno, viu?

— Seu Borges — Segurou o choro porque homem que chora demais é sempre visto errado —, não sei nem como te agradecer.

— Tô devolvendo. — O velho barrigudo que gosta de fazer churrasco de chão deu um tapa nas costas do mais novo e o conduziu para dentro da igreja. — Sempre empresta a colheitadeira, nunca cobra aluguel. Pediu vista de satélite das suas canas e foi logo cuidando das minhas também. Vizinho olhando por

vizinho, do jeito que sempre devia ser.

— Obrigado. De coração.

— ‘Manhã de manhã nós conversa. — Seu Borges sabia que Dênis compraria cana de si justamente porque é o que ele faria se o incêndio fosse consigo.

## Capítulo 27

O canavial, que leva um ano para crescer, estava pronto para a colheita quando foi consumido pelo incêndio. Dênis, de frente para o campo de batalha, sorria esperançoso. Boa parte dos produtores locais enviou alguma força-tarefa extra para ajudar no replantio.

Borges, seu vizinho de estrada, estava à frente dos seus trinta agricultores, as mãos na cintura, o cigarro nos lábios e uma caneca de café preparada por Laura, que montou uma mesa de café da manhã do lado de fora de sua casa, para qualquer homem ou mulher que quisesse beliscar entre uma fila de cana e outra.

Outros, menos ou mais bem-sucedidos em seu plantio, também foram chegando conforme o sol nascia. O trabalho de um ano inteiro perdido numa noite faz qualquer agricultor se compadecer. Dênis, sem saber como agradecer tudo, discutia métodos de plantio com um ex-professor da faculdade, já velho, um acadêmico que estudou cana-de-açúcar sua vida inteira.

— Em uma semana — O professor sorriu — e está tudo plantado.

— Deus te ouça, Seu José, porque uma semana é o tempo que eu tenho.

— Tem outro lugar para ir, Dênis?

Tinha. A saudade o corroía. Conseguiu ficar quinze anos sem vê-la, mas, no momento em que a reencontrou, era como se não pudesse mais sair de seu lado. Sorria para tudo e todos, agradecido pela boa vontade, pelo gesto de carinho dos fazendeiros ao redor, porém, na hora em que colocava a cabeça no travesseiro, pedia mesmo é para que Deus cuidasse de sua Iracema. Com o resto ele se virava e, se Deus só pudesse olhar por um, que olhasse por ela.

Ele sabia, mesmo que Iracema negasse veementemente, que as coisas não iam bem. A tossezinha pelo telefone, a voz cansada, os bocejos constantes. Iracema não ia nada bem, mas ria pelos telefonemas, fazia graça nas ligações e tentava enganar um homem que a conhece até do avesso.

Então, quando todo o terreno foi replantado e cana-de-açúcar vinha da Bahia para o processo de moagem, ele deu um beijo em Laura, assinou um contrato caríssimo com uma empresa de segurança e escolta armada e pegou a caminhonete, de volta para a terra da garoa.

Oito horas de viagem. Desceu por Minas, abasteceu o tanque com etanol que não era seu, trocou conversa fiada em postos de beira de estrada com caminhoneiros de todo o país porque Dênis tem o riso solto e todos os solitários de beira de estrada querem saber mais sobre seus olhos de duas cores.

Mas, quando o primeiro farol o parou, bem na entrada de São Paulo, o coração disparou louco, mais selvagem que o incêndio, mais nervoso que qualquer dia de sua vida. O leão de volta para a jaula não se importava mais se aquela era a sua terra ou de outrem, porque aquela era a terra de Iracema, e terra que era dela também era terra sua.

Trazia as mãos vazias quando estacionou na frente do portão de ferro vazado. Devia ter comprado qualquer coisa, nem que fosse uma rosa. Esqueceu-se do empadão prometido, sequer pediu para Laurinha fazê-lo, e envergonhou-se. As botas ainda traziam vestígios da terra vermelha. Seu chapéu estava manchado com a mesma cor pelas beiradas. A camisa branca de algodão toda amarrotada. Deu uma olhada no retrovisor e percebeu que sequer a barba teve tempo de fazer.

Não era assim que deveria voltar a vê-la. Se fosse um pouco menos impulsivo, se fosse um pouco menos doido...

Princesa, a cadelinha por quem ele pegou amor pelo convívio, começou a latir ao vê-lo. Abanando o rabinho magro, colocou duas patas no portão de ferro, se erguendo e pedindo carinho.

Se não fosse isso, teria dado meia-volta, se enfiado em qualquer restaurante e dado um trato na aparência. Agora, com Princesinha implorando carinho, toda saudades, era difícil fingir que nunca pisou ali.

Tocou a campainha, coçando sua orelhinha pelas grades do portão, e esperou. A porta da frente fechada, nenhum sinal de gente dentro. As cortinas

também fechadas. Não tinha ninguém em casa. A coitada da Princesa estava sozinha.

Voltou para a caminhonete e esperou. Boa coisa não podia ser, porque Iracema não tem saído muito de casa por conta da baixa imunidade. Encostou em qualquer restaurante, trocou de camisa e fez a barba no banheiro, voltou para a frente da casa dela e tocou a campainha novamente.

De tanto esperar, dormiu. E só foi acordado com o pai da moça batendo à janela.

— Vem, cabra, vamos dormir lá dentro.

— Cheguei faz tempo, não vi ninguém e...

— Está tudo bem — o velho o tranquilizou. — Vamos lá para dentro.

— Como ela está, Seu Geraldo? Se eu perguntar pra ela, vai dizer que está bem para não me preocupar. Por favor, seja honesto comigo: como a Cema está?

— A verdade verdadeira? — Seu Geraldo não fez uma cara boa.

— É, uai.

— Semana passada Iracema parou no hospital com insuficiência respiratória.

— E ninguém me fala nada?

— Antes de saber o que era, achei que Deus ia levar ela de mim.

— E o que era?

— Pneumonia.

— Pneumonia é grave, não é?

— O médico falou que não, mas por estar na quimio as coisas ficam um pouco piores. A pneumonia e os antibióticos estragaram seu estômago, e a quimio a deixa com o dobro de cansaço. Iracema mal sai do quarto, e, quando sai, volta logo. Não deixo mais nem a Princesa dormir com ela, com medo de que pegue alguma infecção.

— Tá pior do que deixei, pelo visto.

— Estamos. — Seu Geraldo sorriu triste. — Porque tu fez uma falta

danada pra essa casa.

— Tô de volta, pai.

— Eu sei, menino, e sinto muito pela sua fazenda.

— Precisa não. — Ele sorriu, mudando o curso do humor. — Do jeito que a cana caiu, já ergui.

— No meu tempo era bem mais demorado... — Deu uma espiada para dentro de casa, tirou a chave do bolso e entregou a ele. — Bom, vou correr no mercadinho antes que feche, você vá entrando e dê oi para Iracema.

— Quer que eu vá?

— Vá dar os cumprimentos para a minha menina, porque ela não fala nada, mas tá doida de saudade também.

Engraçado. A filha fala a mesma coisa sobre o pai.

Pisou na sala, mochila na mão, escolhendo as palavras com cautela. Deixou o chapéu sobre o sofá, ainda pensando no que dizer, e largou a mochila. De frente para seu quarto, mexeu no cabelo abafado pelo chapéu, só para dar algum jeito nele, e em seguida deu dois toques na porta.

Iracema abriu a porta de roupão, esperando que fosse seu pai. Com um sorriso enorme no rosto, como se fosse feito só de luz, por um momento Dênis desistiu de brigar e só queria abraçá-la e dizer o quanto sentiu sua falta.

Continua com a cabecinha lisa. Esquálida e de enormes olheiras. A boca toda ressecada e tão pálida que parecia não possuir uma gota de sangue. Mais magra e sem sobrancelhas. E as mãos mais roídas que antes.

Pneumonia, ele lembrou. Então, em vez de reagir como seu coração mandava, fechou a cara. Iracema tem que entender que ele não é brincado.

— Cema, eu não quero ser marido de mulher curada que de medo não tremeu, de vaidade não chorou, e de quem o cabelo não cortei.

— Dênis — ela encurtou o riso e fez um bico involuntário —, do que você está falando?

— E se você tivesse morrido enquanto estive fora? Você, em algum momento, pensou no que seria de mim?

— Você vai sobreviver.

— Eu já te perdi uma vez, Cema, e fiquei perdido por quinze anos. Eu não quero esperar você ficar boa para ter uma chance. É injusto, pode ser que você nunca fique boa.

— E você vai querer uma mulher que passa os dias vomitando e que não vai te dar filhos?

— Eu tô escolhendo parceira, não é fruta em feira. Deus colocou você e eu, frente a frente, mais de uma vez. Quanto tempo você quer perder do tempo que lhe resta? Vai deixar para se arrepender quando não der mais tempo de nada? E vai me deixar pôr flor no seu túmulo, quando podia ter te enchido de flor na cama? Iracema, amor não escolhe época boa, cabelo comprido, exames saudáveis. Eu tô aqui, agora, na sua frente. Vou pedir pela última vez, por nós dois. Me escolhe, Cema. Eu quero continuar com vontade de te comer, careca ou com cabelo, do mesmo jeito que eu tô desde quando entrei por aquela porta a primeira vez, e quero ficar assim até o dia em que eu morrer.

— Dênis, eu...

— Deixa eu terminar, meu dengo. Cê precisa saber que meu coração é seu. Se meu coração vai pro altar ou vai pro enterro, isso é com Deus, não é comigo. Você só precisa saber que ele é seu. E vai para onde você for. Não arrasta ele mais não, pega com jeito, toma com carinho. Eu não fiz malcriação para ser tratado desse jeito.



## Capítulo 28

— Eu já confiei em alguém assim antes. — Ela recuou.

— Tá castigando o cara errado, Cema. Tu nunca deu nem o que o mosquito rói por mim.

— Eu preciso focar em ficar boa, eu não posso sofrer outra desilusão. Estou cansada de agulhada, de vomitar o que nem tem no estômago, de viver cansada. Eu não sei que cor tem lá fora porque as únicas vezes que eu saio é só para ir em hospital. Eu tô cansada!

— Eu sei, meu anjo, eu sei. — Com carinho, ele a segurou pelo rosto. — Eu sei que você está cansada, denço, mas não vai melhorar se ficar me empurrando para escanteio.

— Não dá para confiar meu coração em ninguém, agora. Não é hora disso, Dênis, por favor, não me pressiona.

— Diz que não me ama — com cuidado, com a mão livre, ele a segurou pela cintura —, diz que não me ama, e eu vou embora.

— Não é essa a questão.

— É, Cema, é só essa a questão que importa. Você abriu a porta e pareceu um rainho de sol quando me viu. Até seu pai sabe que você está com saudade de mim, até eu sei, eu não sou bobo. Aceita o tempo que Deus vai te dar e gasta ele comigo. Podem ser dez dias, dez meses ou dez anos. Aceita, Cema. Que eu não vim pra essa cidade do diabo pra tomar portada depois de homem feito. Eu vim pra te levar comigo e vim pra ficar com você. Diz sim pra mim, anjo, me escolhe.

— Desculpe. — Com os olhos molhados, deu um passo para trás, se desvencilhando do abraço, e fechou a porta do quarto na cara dele.

Dênis, se não chorou, foi por ter plateia. O pai da moça, parado na porta, sorria triste, com uma sacola na mão e os ombros cansados. Há muito tempo que Seu Geraldo não dorme direito e não sabe se algum dia vai conseguir pregar os

olhos de novo.

— Igualzinha à mãe dela. — Ele respondeu, quebrando a inércia de um Dênis que não sabia o que fazer. — Já estive nos seus sapatos, cabra, respira.

— Já estou de partida, Seu Geraldo. — Dênis respondeu, dando firmeza à voz quebrada, sem conseguir olhá-lo.

— Tá nada. — Passou da sala para a cozinha e continuou dizendo de lá: — Vai tomar um banho e descansar bastante porque é um chão daqui para a sua terra. Se vocês não estiverem amigados amanhã, aí sim te deixo partir.

— Com a Dona Graça — Vencido, ele respirou fundo e foi para a cozinha para ajudá-lo com as frutas da sacola — foi a mesma coisa?

— Minha Graça não sossegou até me ver chorar. Tu já me viu chorar, Cão Doido?

— Vi não.

— Nem vai. E a Graça só me quis quando viu lágrimas saindo dos meus olhos.

— Pelo menos valeu a pena?

— Se valeu? — Com a mão na geladeira, ele se virou com um sorriso nostálgico de quem se lembra como é ter um coração e concluiu: — Rapaz, eu daria o mundo todinho para vê-la costurando seus paninhos de frente par a televisão! Ói, Cão, faça como te falei e vá tomar um banho, vá esfriar a cabeça. Vou deixar um travesseiro aqui na sala, uma colcha limpa, e depois você dorme. Tá com fome?

— Tô sim, mas eu me viro.

— Tem janta. Tá tudo dentro dos potinhos na geladeira. É só esquentar e comer.

Sozinho em casa que não era sua, mas que tratava como se fosse, viu o outro se arrastar da cozinha para o próprio quarto, recebeu a toalha limpa com um agradecimento sincero e se enfiou no banheiro nos fundos da casa, segurando um choro que chegou, quando ligou o chuveiro, feito uma patada.

De todas as coisas que Dênis passava, a única que seria capaz de derrubá-

lo acabara de acontecer. Noiva mal-intencionada ele tirava de letra, passou incólume pelo pai dela, pela ameaça que ele representava, pela batida da polícia. Agrupou um largo grupo a seu favor, inclusive pessoas poderosas.

Enfrentou fogo com cabeça erguida. Replantou um terreno gigantesco, pronto para a colheita, em uma semana. Cana nova vinha da Bahia. Deus dava o frio conforme o cobertor e seu couro é duro, embrutecido, castigado.

Contudo, o coração, que sequer é órgão de anatomia, está mais no patamar de entidade, este sempre foi coração de menino. Vai ver é por isso que os ossos são tão duros, a carcaça tão resistente e o couro tão curtido. Porque para proteger um coração mole desses, só mesmo muita carne armada.

Desorientado e enfraquecido, saiu do banheiro e evitou a geladeira, pois perdera a fome. Deitou-se no sofá em que mal cabia, ajeitando o travesseiro sob a cabeça, e fechou os olhos. Prometeu-se que, assim que o primeiro raio de sol sorrateiro ultrapassasse as barreiras das janelas, ele vestiria a roupa, juntaria seus pertences e partiria daquela casa sem nunca olhar para trás.

Mas até conseguir dormir, ele perdeu a conta de quanto tempo lamentou pelo amor que não viveria.

## Capítulo 29

Iracema, deitada, não estava em condições melhores que as dele. Seus olhos ardiam de tanto chorar. Ela só tinha medo de ser preterida de novo. De ficar pior de saúde e com o coração esfarelado esperando conserto. Doeu demais quando o outro foi embora, quem garante que este ficaria?

Seu ex-noivo, lamentando Iracema ser doente como sua mãe, a traumatizou. Enfiou dados técnicos, científicos, explicando por A mais B os motivos de não querer se casar.

Moça nova, de trinta e um anos, com câncer, ela se lembra do jeito como ele falava, não vai muito longe. E ele era novo demais para ser viúvo.

— Você vai viver a vida inteira com essa doença, Iracema, eu sou homem, e quero filhos!

Preparada para um novo amor ninguém está, mas ela não podia fingir que Dênis não lhe fez falta. Não podia mentir as vezes em que se sentira segura só por saber que ele se importava, e não podia esconder a saudade que doeu.

Podia dissecar as vantagens e desvantagens, e tinha razão em fazê-lo, mas o Dênis também não tinha razão quando disse que não existe época boa para o amor?

E, por medo, vai impedir a própria felicidade? Dênis é lindo com esses olhos de duas cores, o jeito meio besta de falar, o riso solto. Não tem tempo ruim para ele, nem amargura que sempre dure. Alguma hora ele vai abrir a boca, falar abobrinhas, e quem estiver do lado vai cair na gargalhada.

E tem o porte atlético, robusto, que Iracema finge que não vê para não perder o ar. Anda ruim de respirar, com o bafo encurtado. Finge que não vê as mãos gigantes, o jeito como os músculos dos braços enrijecem quando ele põe o chapéu na cabeça e a imponência com que entra na sua casa como se fosse o dono do mundo inteirinho.

Dênis passa na rua e arranca logo cinco olhares compridos de moças

entretidas com seus celulares. Ele sorri para a enfermeira, ou atendente, ou qualquer pessoa, e as moças sorriem maior.

Desse jeito esperançoso, sempre idiota demais, ele escorrega pelos espinhos e faz piada, sempre foi assim, é por isso que Iracema o deixou copiar seus exercícios de matemática e português, é por isso que ele é o único que permanece quando todos os seus amigos foram embora.

E ele está ali. A uma porta ou ligação de distância.

Por isso, se tremendo inteira como se fosse dia de teatro na escola, se levantou da cama, amarrou devidamente seu roupão e roeu os cantinhos dos dedos, ou, pelo menos o que restava deles, sem coragem de abrir a porta.

A hora em que somar coragem suficiente, não vai ser para quebrá-lo. O difícil disso é que ela não sabe muito bem o que dizer.

Mansamente, feito onça, forçou a maçaneta e sentiu o gelado do piso da sala sob os pés descalços. Ainda estava escuro, e tudo o que conseguia ver eram silhuetas.

Esbarrou nas botas dele, colocadas em frente ao sofá em que dormia, e ficou com medo de tê-lo acordado. Parada diante do homem, o coração, que não é menos louco que o dele só porque é menor, pulsava. Jorrava, em largos goles, pelo corpo todo. Iracema nunca se sentiu tão nervosa em toda a sua vida. Já foi mais alegre e mais triste que aquele momento, mas nunca esteve tão nervosa.

O moleque que ria de tudo e vivia na sala da diretora finalmente estava pronto. Tão pronto que, se ela demorasse até o amanhecer, o perderia. Não era hora de recuar. Dênis estava certo. Podia ter só mais dez minutos de vida. Quando ficou roxa sem conseguir respirar e seu pai foi obrigado a chamar por emergência, a única coisa que pensou foram nas coisas que deixou para viver depois.

— Dênis — cochichou baixinho.

Silêncio. Finalmente tinha coragem, e esse moço dorme feito pedra?

— Dênis: — Ela tentou. — Dênis.

Sem sucesso, teve que se contentar com o dia seguinte. Deu meia-volta,

pensando que era melhor ficar acordada do que perder sua última chance, e sentiu a mão grande puxá-la de volta.

Num golpe só, coisa de quem não precisa de olhos para entender a amada, ele a puxou por cima de si, a passando para o lado de dentro do sofá, o lado mais seguro e de onde ela não cairia.

Armadilha dupla: também não conseguiria sair.

Sem falar nada, sem implorar e sem esperar por ela, ele encostou seus lábios nos dela procurando derreter. Sentiu uma de suas mãos pequenas e frias na borda do rosto, de carinho manso, o carinho que ele sempre quis saber como era, e sorriu sem se conter.

Antes de ser mulher, Iracema é flor. Sentia os cantinhos dos lábios do amado se curvarem em sorriso e sentia o encaixe de coisa nascida para ser.

Deitados na sala do pai da moça, como dois adolescentes atrevidos, ela sentia o roçar do rosto masculino, o suspiro de moço adulto que não se contenta com beijos, e as mãos, macias como nunca antes, só feitas para cuidar.

— Eu te amo desde antes de você saber que eu existia. — Ela disse quando o beijo terminou. — Desde antes de saber seu nome. Te deixei ir uma vez porque sabia que aqui não era seu lugar. Você ia voltar para sua terra, fazer uma faculdade, tocar a vida e esquecer de mim. Esse era o plano.

— Como que te esqueço, anjo?

— Na hora que você voltou — Ela deu um beijo em seu rosto —, na hora eu soube que era um presente pra mim. Que tinha voltado por mim, que você seria meu.

— Mas você tinha que pisar primeiro um pouco, né?

— Te amo, Dênis. — Ela deu um beijinho em seus lábios, sorrindo, mais calma e feliz por ser correspondida. — Por favor, fica comigo, não vai embora não...

— Como que eu vou embora? Quase padei de desgosto longe de você.

— Te amo.

— Não tá certo a moça dizer primeiro.

— Você já disse.

— Não falei, não.

— Disse, Dênis. Num dia qualquer você me ligou e disse antes de desligar.

— Pois foi?

— Quase que infartei.

— Digo de novo para não ter dúvida, Cema: te amo. Eu já te amava antes, faria o que fosse por um só beijinho teu. Eu sou doido, desconfie do que vou te dizer, mas agora... Parece que as coisas tinham que acontecer do jeito que aconteceram. Não dá pra viver mais sem ti. Fica boa para mim, se cura, amor, e dá um jeito de ficar sempre comigo, porque eu quero demais ser feliz do seu lado.

Então, com cuidado e carinho, ela beijou cada gotinha de lágrima que escorria do homem que ela queria por seu, e pediu desculpas por fazê-lo chorar.

— Foi o choro mais manso que já saiu, em toda a minha vida.

## Capítulo 30

Entraram na sala de quimioterapia juntinhos, de mãos dadas. Dênis trazia uma pasta com os protocolos e remédios receitados e entregou tudo na mão da enfermeira que tratava Iracema com carinho.

Dênis imaginou que a sala fosse um mausoléu cheio de gente morrendo, mas não era nada disso. Era apenas uma sala, com poltronas reclináveis e pessoas amistosas. Um paciente conhecia o outro, trocavam informações sobre seus protocolos, sobre seus estados, dicas de como cuidar melhor da careca, ou do ressecamento agressivo das mucosas.

Quando Dênis entrou, chapéu na mão e de mãos dadas, todas as outras pacientes mulheres olharam para Iracema com cara de troça, feito quinta série, e Iracema encolheu os ombrinhos, puxando a touca de lã para mais perto das sobrancelhas, como se ela também nunca tivesse se formado.

— Última sessão de quimio vermelha, né? — A enfermeira enfiou a agulha pelo braço esquerdo de Iracema e sorriu amável. — Já marcou o retorno com o doutor?

— Já, é para daqui três dias.

— Espero que o tumor tenha diminuído e que você só volte aqui para a quimio branca.

— E que Deus te ouça.

As outras pacientes mulheres usavam lenços coloridos, maquiagem no rosto, unhas feitas. Iracema se parecia com um menino pré-púbere meio franzino, e Dênis sabia que era pela ausência de carinho feminino em sua vida. Tivesse a mãe viva, Iracema estaria tão bonita quanto as outras mulheres, mas, cuidada por uma dupla de homens, eles não se importam muito com essas coisas — e nem saberiam como fazê-lo.

— Saindo daqui a gente passa numa perfumaria e compra um batom. — Ele cochichou, abaixado ao seu lado, com medo de que as outras pacientes lhe



ouvissem.

— Eu tenho batom. — Ela cochichou de volta.

— Batom normal, ou batom especial para quem tá doente?

— Batom é batom, ué!

— Essa moça aí do seu lado passa batom normal?

— Vanessa — Iracema quase ria quando chamou a moça de lenço laranja e batom da mesma cor —, qual a marca do seu batom?

— É MAC... — Ela não entendeu o porquê da pergunta — *Rouge à Lèvres*.

— Alguém aqui, que eu não vou falar quem, acha que você usa um batom especial.

— Mas é um batom especial, é caríssimo!

— Não, moça — Dênis abria a boca e era o suficiente para Iracema cair na gargalhada —, a Cema não sabe explicar. É que eu falei que quem tá... você sabe, meio ruinzinha, usa um batom diferente.

— Batom exclusivo para quem está com câncer?! — A vizinha de poltrona começou a rir.

— Não é assim?

— É bom que tenha um hidratante junto, porque a boca fica muito seca, mas não existe isso de batom exclusivo para quem tem câncer.

Foram as quatro horas mais engraçadas de toda a quimioterapia até ali. Dênis, daquele jeito dele, contava de quando a Cema e ele eram moleques, cheio de piadinhas, contou da irmã Laura que ficara em Goiás — Dênis também falou muito de Goiás —, e todas as pacientes, até alguns homens, agradeceram por sua presença quando foi embora.

— É pau e pedra o tempo todo. — A enfermeira sorria grande quando tirou o acesso do braço de Iracema. — A gente fica aqui morrendo e com o coração na mão pelos pacientes, sabe que não é fácil, mas, às vezes, que nem hoje, tudo o que eles precisam é rir pra ver o tempo passar.

— Pois se falta história para contar, da próxima vez que eu vier, trago um

monte. — Dênis sorriu de volta, se levantando do chão e oferecendo o braço para Iracema se apoiar quando se levantasse.

— Traz ele mais vezes, Iracema. — Uma paciente falou. — Eu me esborracho de rir com esse menino.

— Paulista é carrancudo. — Ele reclamou. — Nunca que na minha cidade ia ter uma roda de gente passando pelo mesmo trem, tudo calado desse jeito.

— Falta amor nessa cidade. — A enfermeira tirava a bolsa de soro vazia quando respondeu.

— Falta é menos nariz em pé. Nunca vi povo mais arrogante que esse! Pois saiba, dona, ...

— Dênis — Iracema cortou —, vamos para casa?

— Vamos, meu anjo. — Dênis cortou o assunto assim que viu o rostinho pálido pedindo cama que Iracema tinha. A ajudou a se levantar, com um beijo no ombro, e pegou todos os seus pertences com o outro braço.

— Tchau, gente — Iracema disse, olhando para os amigos de quimioterapia. — Próxima vez, se Deus quiser, venho para as quimios brancas.

Já se passaram, desde que Iracema começou a quimioterapia, dois meses. O comum é que o médico pedisse uma sessão de quimioterapia a cada vinte e um dias, entretanto, pelo teor agressivo do tumor de Iracema, ele pediu uma sessão a cada catorze dias.

Saindo do hospital, ela olhou para trás só para sentir o gostinho da vitória da batalha. A guerra estava longe de acabar, bem longe, mas sair em pé depois da quarta sessão era como vencer um pouquinho.

Com ajuda, subiu no banco do passageiro da caminhonete dele, viu os terços benzidos e pendurados no retrovisor e passou a mão neles só para dar sorte. De repente, olhando o trânsito infernal do meio-dia, o sol tentando escapar por entre os prédios e os faróis sempre fechados, se sentiu abençoada e teve a sensação de que tudo acabaria bem.

De um jeito ou de outro, se a doença a consumisse, ou se ela a vencesse,

olhando Dênis subir na caminhonete e dar a partida no carro, sentiu que tudo ficaria bem.

— Desculpa seu pai e eu sermos um pouco desleixados. — Ele disse depois de algum tempo em silêncio.

— Vocês dois são os homens mais asseados que eu conheço!

— As moças todas bonitas e arrumadas, e nós deixamos você sair de casa parecendo uma mendiga.

— Se tá falando isso porque acha que vai fazer eu me sentir melhor, pode parar, porque não tá funcionando.

— Não, só tô falando que tá na hora da gente comprar uns lenços bonitos, uns batons diferentes, e ajeitar você.

— De que jeito? Eu vivo com frio! Essa touca já tem até o formato da minha cabeça, porque não tiro ela. Tá um calorão danado, eu tô vendo o povo todo vaporoso, mas tô sempre com frio...

— Aquela moça do batom laranja me deu o endereço de uma loja que vende lenço. Você quer ir? Eu peço permissão para o seu pai, vejo se ele deixa a gente ir e...

— Dênis, eu tenho trinta anos!

— E daí?

— “Permissão para o meu pai?!”

— Anjo, você é mulher adulta, eu sei disso, mas Seu Geraldo não sabe! Como que eu arranco a filha dele de baixo do teto dele e não falo para onde estou levando?

— Você tem medo do meu pai. — Ela riu.

— Claro que não.

— Você tem medo!

— Também — ele deu o braço a torcer — já viu o tamanho das facas de matar porco que ele tem na gaveta da cozinha? Tem porco que pesa mais que eu!

— Tá — ela revirou os olhos, engolindo o riso e se sentindo com treze anos novamente —, eu aviso para o pai onde a gente tá indo.

— Quer ir comprar uns lencinhos bonitos?

— É, acho que eu quero, sim.

## Capítulo 31

— Você é sábia — seu velho pai lhe dizia, sentado à cama, um batom vermelho na mão, tentando não estragar o contorno enquanto lhe pintava os lábios. — Você é amada, e você importa.

— Papai... — Iracema chorou, mexendo a boca num mínimo para não atrapalhar a o trabalho de seu pai.

— Não importa o que o médico disser, minha rosa, tô aqui pra lhe dar colo.

— Queria ter a mãe aqui com a gente...

— Ela tá aqui, Iracema, e tá vendo tudinho de camarote.

Era a primeira roupa nova que usaria em mais de dois meses. Vestido novo, feito para comemorar, amarelo e de lã, presente do Dênis que ouviu dizer de uma vendedora que as loiras branquinhas ficam bem de amarelo.

— Calça o sapato, Iracema.

Botinhas baixas e pretas, roupa de menina, não roupa de mulher. Os joelinhos magrelos, mais magrelos por causa do tratamento, de fora. De olhos e lábios pintados, com dores nos braços, seu velho pai encaixou uma touca nova, também preta, em sua cabeça, e lhe deu um braço para ajudá-la a se levantar.

— Não importa o que o médico disser — Seu Geraldo repetiu. — Nada vai mudar.

Saíram do quarto dela, ambos arrumados, vestidos e perfumados, e encontraram Dênis sentado no sofá, olhando a televisão sem assisti-la, acarinhando as orelhinhas de uma Princesa que descobriu que é quente o arco de seu braço.

— Tá com fome? — Dênis perguntou, disfarçando o deslumbre de ver Iracema arrumada, feita mulher, pela primeira vez. — Antes de sair, quer fazer uma boquinha?

— Tô nervosa demais para comer.

Princesa deu um muxoxo entristecido de ver todos da casa saindo de uma vez quando Dênis abriu a porta de trás de sua caminhonete, cabine dupla, para Iracema.

— Você é sábia — Dênis repetiu enquanto a ajudava a subir, dando um beijo em sua mão —, você é amada, e você importa. Nada do que o médico disser vai mudar qualquer coisa, ouviu bem?

— Vou cortar o telefone sem fio entre você e o pai. — Ela sorriu, beijando seu rosto antes que ele fechasse a porta do carro.

— Eu não arrumei um genro — Seu Geraldo sorriu quando assumiu o banco da frente do passageiro —, arrumei foi cúmplice.

Dênis deu a partida, rindo da cara de reprovação de uma Iracema que ouviu duas vezes, de duas pessoas diferentes, sobre pôr o cinto de segurança, e rumou para o hospital.

— Nunca achei que Cão Doido fosse homem de fé. — Seu Geraldo disse, também passando a mão nos terços do retrovisor.

— Nunca fui, mas agora devo já ter até cansado a orelha de Deus do tanto que eu rezo.

— Eu fico impressionada no tanto que vocês dois são parecidos.

— Impossível. — Dênis sorriu, medindo sua pequena pelo retrovisor. — Eu sou muito mais bonito.

— E eu não sou um geleião que chora por tudo que nem ele.

— Parecidos. Chega a dar ódio no tanto que são iguais.

O riso cessou quando Iracema entrou na sala de espera. Com o pai de um lado, Dênis de outro, ela segurava a mão dos dois, quietos e cabisbaixos, só esperando sua vez. Dênis tinha o resultado do exame nas mãos, contudo nenhum dos três teve coragem de abrir. Ali, olhando o jornal que passava na televisão sem som, se arrependeram de não terem olhado os exames pela angústia da demora.

E se levantaram quando ouviram pelo nome de Iracema. Ela, respirando fundo, partiu na frente, feito gado que vai para o abate, mas não se sentou na

cadeira do consultório até que os três estivessem na sala e as portas fechadas.

— Tá bonita, Iracema. — O médico sorriu depois de um aperto de mãos amistoso. — O cuidado deles está te fazendo bem.

— Sei não, viu, doutor? Quando eu curar vou ficar mal-acostumada.

— E vai curar.

— Se Deus quiser. — Seu Geraldo emendou.

— Agora: — O médico olhou para a mão de Dênis e perguntou — Vocês têm o resultado do exame?

— Aqui.

— Abriram?

— Não tivemos coragem. — Iracema confessou.

Quando o médico abriu para ler, Iracema analisou sua feição. Queria saber se ele sorria contente, ou faria carranca feia. De todos os nomes compridos e especificações técnicas, a única que ela guardou de memória foi “Carcinoma”. O resto, o médico dizia e ela não conseguia reter.

Por isso, quando ele lembrou sobre um clipe metálico que fora introduzido em sua mama, para medir o regresso do tumor diante das sessões de quimioterapia, ela só balançou a cabeça porque não se lembrava mais dele.

— Não houve redução significativa do tumor.

Ele disse, olhando bem fundo nos olhos da paciente, e Iracema entendeu cada letra, mas não foi capaz de responder nada.

— Nós conversamos sobre a possível cirurgia, Iracema, você se lembra?

— O senhor quer tirar o tumor todo?

Iracema não chorou quando o médico sugeriu a remoção de ambas as mamas baseado no histórico de câncer na família. Não chorou quando ele começou a falar de porcentagens de sucesso, nem o quanto a cirurgia de reconstrução da mama, depois do processo de recuperação, é saudável e garante boa qualidade de vida.

Não chorou quando sentiu seu pai apertar mais forte sua mão diante da sugestão de “radioterapia” após a remoção das mamas, nem quando ouviu sobre

a suspensão da quimioterapia.

Ela não chorou e não sabia o porquê. Só não saíram lágrimas. O doutor escrevia nomes esquisitos e compridos, pediu para chamar uma enfermeira, anotou suas reações à quimio, ouviu os parentes da paciente. Duas horas de consulta e Iracema não derramou uma única gota.

Mas, também, diante do próximo passo e das futuras baterias de exame, seus nervos estavam no chão. Quando era a hora de se levantar da cadeira, seus joelhos falharam e seus pés não responderam.

— Vem, minha rosa — Seu pai a ajudou a se levantar, no entanto ela não conseguia tirar os olhos da face do doutor.

— As chances de cura ainda são altas, Iracema, câncer não se trata com receita de bolo. Nem todos os pacientes respondem aos medicamentos do mesmo jeito. É preciso calma, suporte familiar e muita paciência. — O médico circundou a própria mesa, tocando levemente na paciente, e sorriu um sorriso amistoso. — Não significa que não tem cura, nós teremos apenas que nos adaptar. Acredito completamente na remissão do tumor, mas vamos ter que trocar o protocolo.

— Até quando... — Ela sorriu porque o médico queria que sorrisse, e não porque tinha vontade — Até quando eu posso decidir sobre a remoção das mamas ou se quero remover só o quadrante afetado pelo tumor?

— Você precisa se recuperar da quimio primeiro. Vou te dar duas semanas para melhorar dos sintomas. Vamos acompanhá-lo de perto, fazer os exames pré-cirúrgicos, mas vamos nos dar uma folga. Vocês três precisam. Continue com os remédios de via oral, e em quinze dias nos vemos. Fale com a Célia da recepção sobre o retorno, e vamos nos falando, ok?

Calados, se despediram do doutor com apertos de mão entristecidos. Dênis marcou retorno para dali a quinze dias e abriu a porta de trás da caminhonete para Iracema, procurando qualquer vestígio do que estivesse pensando.

Seu Geraldo, engolindo em seco muitas vezes, entrou pela porta



dianteira, sem saber o que dizer para a sua garotinha, tão abatido como ela, e não acarinhou os terços de patuá.

— Goiás. — Dênis resolveu dizer quando deu a partida no carro, quebrando o silêncio sepulcral. — A gente tem quinze dias até se decidir sobre o que fazer, e nós vamos para a minha casa. Nada de ficar trancado dentro de casa esperando a morte chegar. Vocês dois abriram a porta da casa para mim, e agora faço questão de abrir a porta da minha casa para vocês.

— Dênis — Iracema respondeu sem vontade —, só me leve para casa.

## Capítulo 32

Então, todo o sofrimento de raspar a cabeça e vomitar até as tripas foi por nada? Por que passar por todo esse desgaste, se vai perder as mamas do mesmo jeito?

Deitada no próprio quarto, no meio da noite, desde que voltaram do consultório médico, nem Dênis nem Seu Geraldo falaram muito. Respeitaram o silêncio de Iracema, jantaram de televisão desligada e cada um foi para o próprio leito mais cedo.

De olhos abertos no breu, ela ainda não tinha sido capaz de chorar. Mastigava as informações aos poucos, já procurou no Google como os seios ficam depois de reconstruídos e como é a mastologia total. Viu a ação bonita e solidária de algum tatuador que não cobra para desenhar mamilos em seios reconstruídos e se comoveu com depoimentos de mulheres que sobreviveram a tudo o que ela passava.

O foco não era ser bonita, nem ser feminina. Era só sobreviver para contar. Desde que voltou solteira para a casa do pai e começou a sentir os efeitos da primeira quimioterapia, sabia que tudo seria possível. Sabia que a terapia não era garantia de cura, mas viu vídeos de mulheres na mesma situação que a dela que diziam que a quimioterapia sumiu com o câncer, e isso, por mais que não fosse receita de bolo como o médico falou, lhe deu esperanças de não ter que passar por cirurgia alguma.

— Cema — o toquezinho tímido na porta quebrou seu vórtice de pensamentos pessimistas —, tá acordada?

— Tô. — Ela respondeu sem se levantar.

— Pode entrar?

Dênis, de moletom de dormir e camiseta, sorriu triste quando abriu a porta de seu quarto escuro. Ouviu Iracema responder e se enfiou para dentro do quarto antes de ser autorizado a entrar.

Depois, como a Princesa fazia quando ainda podia dormir com sua dona, se enfiou para dentro de suas cobertas, abraçando o corpinho magro e debilitado de uma Iracema entristecida, e beijou a linha de seu maxilar travado de tensão.

— Pode deitar aqui com você? — Perguntou depois de já deitado.

— Adianta eu falar não?

— Não briga, meu dengo.

— Não tô.

— Eu te conheço até do avesso. Se vai chorar — A puxou para o peito, num carinho manso, preguiçoso, e a segurou pelo arco mais esguio de sua cintura —, tô aqui.

Então, aos pouquinhos, o choro aflorava, de dentro para fora. Iracema tinha o direito de chorar de frustração, por nadar sem chegar a lugar algum, e Dênis jamais pediria que não o fizesse.

O barulho de seu choro abafado cortou seu coração e Dênis segurou as lágrimas o melhor que pôde.

— Já vencemos a diaba vermelha. Você achou que não ia aguentar as quatro doses, e olha a gente aqui.

— Foi horrível!

— Horrível foi, mas estamos aqui.

— Eu não sei o que fazer...

— Não decida nada agora. O médico te deu quinze dias de férias. Vamos sumir? Você, eu, a Princesa e seu pai. Vamos catar as roupas, jogar todas elas na carroceria, se esconder no canavial e ver a quermesse da minha cidade. O que você acha?

— Acho irresponsável.

— São quinze dias para sumir, meu dengo, para esquecer um pouco tudo isso, e depois a gente volta pra cá e decide.

— Eu tenho medo...

— Medo de quê? De gostar tanto da minha terra e não querer voltar pra cá?

— Não, de passar mal longe de casa.

— Pois amanhã mesmo volto no seu médico e pergunto o que eu tenho que levar na viagem para cuidar de você como se deve, e o que eu tenho que evitar a todo custo.

— Pergunta o que ele acha. Se ele falar que eu posso ir, eu vou.

— E seu pai?

— O que tem?

— Acha que ele vem com a gente?

Na manhã seguinte, antes que o médico atendesse o primeiro paciente, Dênis o interpelou ainda na calçada, com bloco de notas e canetas, a face inchada de quem não dormiu direito e o cheiro fresco de homem de banho tomado.

— Doutor, desculpa atrapalhar assim. — Ele estendeu as duas mãos antes que o outro achasse que fosse um assalto. — Se eu te catasse lá dentro ia demorar umas três horas até conseguir falar com o senhor.

— Você é acompanhante da Iracema, não é? Desculpe, não lembro seu nome.

— É Dênis, mas não importa. O que eu quero saber — Empunhou a caneta e um bloco de notas roubado da mesinha de telefone de Seu Geraldo — é o que eu tenho que fazer para levar Iracema para Goiás por uns dez dias.

— A viagem vai ser muito cansativa para ela.

— Vai, eu sei, mas cê acha que vai fazer mal?

— Não, não. É até bom que ela saia um pouco, faça caminhadas, respire ar puro.

Anotou duas folhas de recomendações, pegou três receitas médicas para remédios controlados, ficou um tempão com a recepcionista para que ela imprimisse o relatório médico de Iracema caso ela precisasse passar por um hospital diferente e, de tarde, arrumava as malas como se fosse definitivo.

Seu Geraldo não disse nada, só colocava a Princesa na gaiola de viagem, mas sorria com alguma felicidade que não se via há tempos. Sorriso de quem

também precisava de férias.

— A gente vai parando. — Dênis comentou quando viu a cara de surpresa de Iracema ao saber que de São Paulo até Itumbiara são oito horas de carro. — A vista é boa, tem bastante mato, cê vai ver.

— Agora que você convenceu até meu pai — Iracema subiu no banco de trás —, eu não posso fazer nada além de aceitar ir.

— Vai te fazer bem, anjo. — Ele deu um beijo em seu rosto, contente e muito empolgado, e fechou a porta para ela. — Tô louco para mostrar onde eu moro para a minha melhor amiga do colégio.

## Capítulo 33

De madrugada, quando chegaram, Iracema não conseguiu ver quase nada. Laura, sabendo que receberia visitas, limpou pessoalmente cada um dos quartos vazios do andar superior e, quando chegaram, tudo cheirava a conforto e lavanda.

Seu Geraldo, que gosta de fingir que ainda é jovem e que nada lhe abate, sorriu agradecido pela cama quente que o esperava e deu risada de ver uma caminha velha, porém limpa, para sua Princesa.

— Ói, já peço desculpa de antemão se Princesa mijar em tudo.

— Amanhã vai ter um campeão para ela correr e brincar, não vai ter nem tempo para que suje a casa do lado de dentro. — Instantaneamente, Laura gostou daquele homem.

E, ainda sem conhecer Iracema, o motivo de seu irmão morar mais em São Paulo que em Goiás, também achou que Dênis e o pai da moça fossem muito parecidos.

— E esse é o quarto da senhorita. — Laura apontou para a porta fechada e deu uma chave na mão da hóspede recém-chegada.

— Obrigada. — Iracema ficou com vergonha diante da imponência da irmã dele. Do jeito que Dênis falava, com Laura sempre no diminutivo, supôs que fosse uma mulher comum, um pouco matrona, talvez, mas nunca imaginou que Laura fosse um monumento de mulher e que, se conhecesse o Delegado Dias, concordaria o desperdício do rostinho bonito que encarna o demônio de saias.

— Seu empadão fica pronto amanhã na janta, tá? — Disse o demônio — Dênis tá me enchendo o saco sobre isso desde ontem, então de amanhã na janta não passa.

— Desculpa dar trabalho, Dona Laura.

— Iracema — Laura enfiou em Iracema aquele par de olhos azuis vítreos

goela abaixo. A outra entendeu o subtom sério disfarçado de sorriso, e estremeceu —, não é trabalho nenhum. Nunca vi Dênis tão feliz e empolgado. Seja bem-vinda, viu? E o que eu puder fazer para esticar a sua estadia na minha casa, saiba que o farei.

— Obrigada. — Iracema esperou Laura dar meia-volta, sem abrir a porta do quarto, para fazer o sinal da cruz em cima do próprio corpo e se benzer.

Exausta, tirou a roupa de viagem, procurou uma camisola nas malas e se jogou na cama que cheirava a limpa. Se acontecera alguma coisa entre sua chegada e seu despertar, não percebeu.

Do lado de fora da casa, Dênis enrolava tabaco na palha, sobre o colo e a carteira de fumo, acompanhado de uma cerveja e da escuridão de seu canavial.

Laura, ainda de salto e saia, sentou-se ao seu lado, roubou o cigarro de palha e sorriu para o breu da cana.

— Assustei sua Iracema. — Laura riu, roubando também a cerveja.

— Você assusta todo mundo.

— Olhei para trás e ela estava fazendo o sinal da cruz.

— O sinal...? — Dênis ria enquanto puxava mais uma folha de palha para fazer outro cigarro. — Só por Deus, demônia.

— As canas da Bahia chegaram hoje. — Laura trocou de assunto, acendendo o cigarro dele com o isqueiro abandonado entre eles.

— Andrade colocou para moer?

— Chegou no fim da tarde. Disse que pega firme amanhã cedo.

— Cruzes, é bom demais voltar. — Ele sorriu dando um gole na cerveja

— Obrigado por ter dado um trato nos quartos que ninguém usa.

— Eu sinto que... Ah, merda.

— O que foi?

— Tô preocupada, é só isso.

— Preocupada com o quê?

— Dênis...

— O que foi?

— Eu tô vendo você mais feliz que qualquer outro dia na vida. Parece que tem quinze anos de novo.

— Uai, e tô feliz.

— Só se cuida, tá?

— Laura, se você tem alguma coisa para dizer, pois diga.

— Eu só fico com medo... se acontece alguma coisa com essa moça. Ela está doente, tá muito doente.

— E eu não sei?

— Então eu fico com medo de como você vai ficar se ela não conseguir se curar. Eu te quero feliz, não me entenda mal, mas você tem que começar a se preservar.

— Puta conversa feia.

— Só fico com medo do que vai sobrar de você se essa moça for embora. É só isso. Eu não sou nada sem você, irmão, nada. Não tem Princesa de Doce se não tiver você e não tem Laura se não tiver você. Você gosta dela, e eu gosto dela também porque ela te faz feliz. Não é ciúme besta, não, é pior. Do mesmo jeito que uma mulher te põe para cima, ela te derruba. E se você cair, eu vou junto.

— Iracema vai se curar.

— Vai, irmão, vai sim.

— E tu vai ser nossa madrinha.

\*\*\*

Nada se comparava com a vista que Iracema tinha da janela. O sorriso se esticava sozinho. Dava vontade de tirar as cortinas e viver de janela aberta. Um descampadão livre, inteiro vermelho, de fileiras de pequenos montes de uma cana que ela sabia estar plantada.

O sol nasceu lá ao fundo, de frente para a sua janela, só para si. Brilhante, próximo, resplandecente. A suíte, simples com um guarda-roupas,



tapetes decorativos, uma penteadeira e cama de casal, não era o espaço mais chique que ela já entrou.

O banheiro, inteiro branco, tinha uma banheira e vários vidrinhos, coisa de Dona Laura com certeza, com sais de banho e espumas. Toalhas limpas no suporte, seu nécessaire em cima do balcão da pia e um bilhetinho, colado no espelho, com a letra de Dênis:

“Seja bem-vinda!”

Não sabia quando o bilhete foi colado, mas sabia que aquilo não estava ali quando escovou os dentes antes de dormir. Sorriu feito uma tonta, se vestiu e colocou um lenço bonito e novo na cabeça, pronta para conhecer o resto da vida que ele sempre disse que tinha, mas nunca lhe mostrou.

Atravessou a imensa sala de estar e seguiu o cheiro de café fresco até a cozinha, uma ampla cozinha com móveis de madeira, eletrodomésticos de última geração e mesa de jantar.

Parecia com seu lar apenas porque Dênis estava à pia, como todo dia de manhã, fazendo seu café. Demorou alguns segundos antes de entrar e dar bom dia só para vê-lo. Se ela se esforçasse um pouco e quisesse, aquela poderia ser sua rotina de todo dia.

— Bom dia? — Ela tentou, um sorriso no rosto, ainda presa nessa tentação de futuro e sem querer atrapalhá-lo.

Dênis, se houve um dia mais feliz que aquele, fugiu de sua memória. Elétrico, feito moleque em dia de Natal. Feliz por tê-la em sua casa, chegou perto sem dizer nada e se atreveu a um beijo inteiro. Ainda não estava claro entre eles o que podiam e não podiam fazer como um casal. Dênis chegou de mansinho, Iracema permitiu, e então trocaram carinhos. Ele não se atrevia a mais que beijos, mesmo quando ela se atrevia, parte porque não achava certo, e parte porque sabe que atizar sem deixar a brasa queimar é pior que brasa nenhuma.

— Dormiu bem? Descansou?

— Achei seu bilhete.

— Pedi para a Laura ir lá colar. Não entrei no seu quarto sem permissão,

eu juro.

— Podia ter entrado.

— Não achei certo, então não fiz.

— Cadê sua irmã? — Sorrindo, ela não conseguia parar de olhar para a boca dele.

— Laura não come de manhã, ela pega uma caneca e vai beber no escritório.

— Nem se eu pedir?

— Se você pedir e ela vier, vai fazer o que não consigo fazer desde que voltei de São Paulo.

Mulher que dobra um Mairinc dobra dois. Pediu, com um “por favor” meio dengoso, que ele tostasse um pãozinho para comer com sua gemada com ovo de pata, prometida desde São Paulo, e caminhou, os olhos colados em qualquer promessa de janela, ainda vislumbrada com o canavial, até chegar à porta fechada, ao lado da sala.

— Dona Laura? — Iracema bateu à porta.

— Pode entrar, tá aberta!

— Vim chamar a senhora para o café.

— Senhora? — Laura riu, diminuindo o volume do rock progressivo que saía do computador. — Eu tenho cara de senhora, Iracema?

— É só forma de falar.

— “Você” tá mais que bom, porque eu não tô no céu.

— Tá. — O sorrisinho envergonhado pintou suas bochechas de vermelho. — Você não quer vir comer?

— Não sou muito chegada a comer de manhã, não.

— O Dênis vai tostar um pão pra mim, quer que eu peça para ele fazer um pra você?

— O Dênis? E esse homem cozinha desde quando?

— Lá em casa é sempre ele quem vai para o fogão.

— O Dênis. — Laura repetiu, incrédula, se levantando de sua cadeira e

seguindo para a cozinha, largando Iracema para trás. — VOCÊ É UM PORRA!

— Ish, Maria, que foi que eu fiz? — Imerso em seu conto de fada perfeito, Dênis deu até um pulo com a espátula na mão.

— Na casa dos outros você cozinha, é?

— O quê?

— Iracema acabou de dizer que é você quem faz as refeições na casa dela, e aqui você não fritar um ovo!

— Ahhhhhh! — Pego no pulo. Nunca imaginou que teria que se explicar às duas mulheres de sua vida ao mesmo tempo. Sem chapéu dentro de casa, coçou a cabeça procurando desculpas.

— Vou comer sim, Iracema, faço até questão. — Puta da vida, puxou a cadeira e se sentou fazendo barulho, ainda medindo Dênis com raiva. — Pão tostado, o mesmo que cê faz pra ela lá em São Paulo, abusado!

— Laura, lá em São Paulo ele faz gemada pra mim. — Iracema ria olhando Dênis desconfortável, e puxou a cadeira para se sentar ao lado de sua futura cunhada. — E é boa. Por que você não pede uma também?

— Com ovo de pata, né? Não vou fazer escândalo na frente da visita, Dênis, mas você que me aguarde. Iracema, acredita que eu estou há mais de dez anos com a barriga no fogão porque alguém, ALGUÉM, fica me dizendo que não sabe fazer comida?!

— E você caiu nessa conversa fiada?

— Laurinha — Dênis tentava se redimir —, é que a minha comida é muito ruim!

— Não é não, viu? Pelo contrário, o tempero do Dênis é bem gostoso!

— Maravilha — teria troco. O rosto vermelho de uma Laura enganada dava um recado bem explícito ao irmão —, pois ele vai mostrar esse tempero gostoso dele aqui na fazenda também. Filho duma égua...

— ‘Brigada, Cema. — Dênis resmungou.

— Laura está comendo na mesa, ué, não era isso o que você queria?

— Garota, gostei de você. — Laura se levantou para pegar um copo extra

para si e deu um tapa na cabeça do irmão antes de voltar à mesa — Pode ficar na minha casa pelo tempo que quiser.

Depois, quando terminaram de comer e Laura se levantou para voltar ao trabalho, cochichou para Iracema:

— Na verdade, eu não ligo de fazer comida, amo cozinhar, mas é que o homem que cê arrumou é folgado por demais!

— As duas se deram tão bem — Dênis resmungou quando Laura já estava na porta de seu escritório — que já estão até de cochichos.

## Capítulo 34

Iracema, com protetor solar fator cem em cada centímetro de sua pele desnuda, passeou por toda a fazenda de Dênis ao lado de seu pai, mas sem ver a Princesa que já corria pelos campos sem portão como se nunca tivesse visto um espaço tão vasto em toda a vida.

Viu a pequena plantação de fumo atrás do galpão, que ela não soube que era para álcool clandestino, e não entendeu para que ou quem aquilo servia. Por isso, quando ela lhe perguntou sobre o tabaco, ele tirou a carteira de fumo do bolso traseiro da jeans feito um menino pego fazendo coisa errada.

— Mas você não é viciado, né? — Iracema não entendia.

— Se deixar, eu boto fogo na plantação toda.

— Nunca te vi nem sair pra fumar...

— Quando eu tô contigo não fumo.

O Dênis que ela conhecia em São Paulo era só uma parte do homem. Em sua terra natal ele era muito mais atraente e reservado. Seu Geraldo quis ver a moagem da cana, e Iracema foi só de curiosa. Dênis, de frente para sua equipe de técnicos, não era o moço engraçado e da fala solta. Ali, estava mais para engenheiro sério. Falava de termos em inglês, jargões de profissional, e não sorria nunca.

Observando o bicho em seu habitat natural, conforme o desvendava mais gostava dele. Via a simplicidade no jeito de tratar os humildes, a humildade no trato dos arrogantes, o jeito familiar e convidativo de tratar até as duas meninas, Júlia e Juliana, que Iracema não entendeu suas funções dentro da fábrica, mas que viviam com pedaço de cana na boca.

E então, na noite do primeiro dia, depois de voltarem da missa onde o cochicho geral era sobre o solteiro cobiçado da cidade ter se envolvido com uma doentinha qualquer que ninguém nunca viu antes, voltaram para casa, e o Delegado Dias, com rosas na mão, sem saber que Dênis tinha visitas novas,

tocou a campainha como se soubesse que Laura faria empadão outra vez.

— Vocês são novos por aqui. — Ele sorriu para Iracema e seu pai, tirando uma rosa do buquê. — Essa aqui é para a senhora.

— Não dá confiança para ele, Cema, — Dênis sorriu colocando os pratos à mesa. — Esse daí é o delegado da cidade, o pior criminoso que tem por aqui.

— Ora, não me difame na frente da moça. — Chegando perto de Laura, Dias entregou o restante do buquê. — Esse daqui é para a senhora.

— Flor de novo?

— Não posso chegar na casa da dona de mão abanando.

— Isso é simples de resolver, Dias: — Ela sorriu bonito, virando-se para ele, ignorando o timer do forno que apitou — não venha.

Dias, se chegou sorrindo, agora esmaeceu. Entregou as flores e não disse mais nada. Iracema, que sabia pouco sobre delegados, mas sabia muito de mulheres, viu o gosto de Laura de vê-lo pisado e riu escondendo o rosto no ombro do amado que se sentou à mesa.

— Sua irmã não presta. — Ela deu um beijo no rosto dele, dando-lhe a mão por debaixo da mesa.

— Ninguém dessa família presta.

— Você presta.

— Só quando eu quero.

\*\*\*

A quermesse de Itumbiara acontece na praça, na frente da Matriz, e junta todo tipo de gente. Os agricultores da região normalmente fazem doações generosas para a igreja e as atrações da festa só não ficam mais ricas porque falta espaço. É tanta gente reunida na praça que as ruas ao redor ficam interditadas. Uma grande fogueira é montada no meio, em nome dos costumes, mesmo que desaconselhadas pelos bombeiros, e as barraquinhas com comida são comandadas pelas senhorinhas beatas e aposentados, que fazem todo o trabalho

com um sorriso no rosto.

Quermesse não é novidade para ninguém, Iracema conhece a festa desde quando nasceu, dançou em todas as quadrilhas da escola e, algumas, até noiva foi.

Mas, para seu pai, quermesse tinha o gosto bom de uma infância que ele não viveu. Junho sempre foi mais especial por conta de Seu Geraldo. Ali, olhando-o entoar conversa com o padre, os dois de vinho quente na mão, ela sorria largo, sentada numa cadeira que Dênis lhe arranhou, imaginando se seu pai seria feliz terminando seus dias numa cidadezinha como aquela.

— Tá pensando em que, anjo? — Dênis parecia ler seus olhos.

— Tô só olhando.

— Dênis! — Borges, vizinho, chegou na festa cheia com filhas, genros e netas. Sorriu amistoso, quase do outro lado da praça, e Dênis se levantou para cumprimentá-lo.

— Cema, corre daí. — Laura ria. — Levanta enquanto é tempo, que quando o Borges começa a falar, é discurso para mais de hora.

Dênis, menos ácido, já tinha se levantado para cumprimentar seu benfeitor e perguntou se Iracema ia com ele. Parada, perdida, entre os irmãos, ela preferiu ir com Laura do que desafiar a capacidade de falatório do recém-chegado.

— Quando ele te ver toda carequinha assim — Laura a arrastava para a fila da barraquinha onde se compram as fichas da comilança —, vai contar do caso da filha mais velha dele, que teve leucemia. Não me leve a mal, Borges é um santo, mas eu quero morrer toda vez que ele vem falar da Dita.

— Por quê?

— Porque ele acha que a menina é um milagre.

— E ele está errado?

— E Satanás lá faz milagre?

A fila para comprar fichas de comida estava grande e cheia de moças. Algumas, que viram Iracema na igreja alguns dias antes, comentavam com as

que não viram quem era a doentinha esquisita da fila.

Umas esticavam o pescoço para Iracema, a fim de medir a concorrência, e faziam cara feia. Laura via toda a situação, até cumprimentava com distância umas e outras, porém não disse nada.

— Vai ver — uma delas, a mais bonita, falou alto e olhando para Iracema —, vai ver ele fez promessa. Só isso explica: Porque bonita ela não é, carne não tem, se arrumar também não se arruma...

— Laura — Iracema falou baixinho, escondida entre os próprios ombros —, essa moça tá falando de mim?

Laura, novamente, não disse nada. Por ser nascida e criada ali, e por vender álcool para todo mundo, todos a conheciam. Uns a amavam, outros a odiavam, mas ninguém deixava a diaba ruiva passar despercebida.

As risadinhas aumentaram conforme a fila foi diminuindo. Aos poucos, Iracema percebia o motivo das risadinhas: Dênis era dono de terra, solteiro, muito bonito e ainda era simpático.

— Ele trocou a Marina por essa daí?! — Uma incrédula disse alto demais. — A Marina eu entendo, que é moça da estirpe dele, mas... essa?

— Não sei como vocês, solteiras da capital, se viram. — Laura se intrometeu quando o assunto das moças ao redor ficava ofensivo demais. — Mas cavalo, aqui, a gente laça e tomba logo, que senão a corda arreventa. Cê só laçou, Cema, tá na hora de tombar.

— Como é que é?

— Tô falando do meu irmão.

— Eu não vou brigar com elas! Não importa quem é do interior e quem é da capital, eu que não me meto em briga por causa de homem!

— Iracema, Iracema... — Laura sorriu envenenada e deu dois tapinhas em suas costas. — Por que esse homem não tá atrás de você igual cachorrinho?

— Ele foi falar com não sei quem, ué, você mesma...

— Você não é burra, então vou entender que namorou pouco na vida. Presta atenção, ô, candura do asfalto: por que esse homem não tá atrás de ti feito



cachorro? Não tem uma moça solteira que não queira tomar teu lugar. Põe esse homem pra dançar tua música, porque pra qualquer uma delas jogar baixo, basta você descolar o olho.

Iracema olhou para Dênis, conversando amistoso com o velho, e percebeu uma mocinha, bem mais nova que ele, lhe entregando vinho quente.

— Essa menina é amiga do Dênis? — Iracema duvidou das palavras de Laura.

— Que eu saiba, não.

Depois veio outra, logo em seguida, ajeitando o decote e o abraçando como se o conhecesse há anos. Mexeu em seu chapéu, toda rebolados, e apertou seu braço de um jeito que sequer Iracema tem coragem de fazer.

— O que você vai querer? — Laura era a próxima da fila, então abriu a bolsa para pegar dinheiro e começou a escolher o que compraria.

— Pega uma pamonha salgada e um chocolate quente com paçoca.

— Moço — Laura se adiantou e pediu para a caixa —, me vê duas pamonhas de sal...

Iracema não ficou para ouvir o resto do pedido. Avançou quente, para perto da moça mal-intencionada e do tonto de seu amado, e o puxou pelo braço, não porque queria chamar sua atenção, mas para cantar a música que ele devia dançar.

Puxou a gola dele para baixo, feito briga feia, e tascou um beijão em sua boca — coisa feita para pai não ver — bem ali, no meio da pracinha. A moça dos rebolados bonitos ficou ali por alguns segundos, esperando retomar a conversa, mas, quando o beijo não teve fim, desistiu logo de uma vez.

Só aí é que Iracema o soltou.

— Presta atenção: — Falou séria — Eu não vou competir por você.

— Mulher de Deus — Dênis continuou agarrado na cintura dela, embriagado e doido por mais, e sorriu lânguido —, se eu soubesse que você era o tipo ciumenta, tinha arrumado um rabo de saia para te cutucar há muito tempo.

— Dênis — ela sorriu, se desfazendo da quentura da raiva —, você é um

idiota.

— *Aham*, dona. — Encaixou melhor a cintura dela na sua, pega de baixo para cima, coisa indecente para fazer na frente da matriz, e só via a boca de sua pequena. — Me dá outro desses, vai?

— Não. — Ela sorriu, tombando seu cavalo.

A partir dali, para onde Iracema ia, Dênis corria atrás.

## Capítulo 35

Dançaram a noite inteira, riram, divertidos, os dois irmãos, pai e filha e o intrometido do Dias, que parecia agregado. Dênis, sempre agarrado na cintura de Iracema, sorria tanto, e tão largo, que parecia seu aniversário. A alegria dele contagiava Iracema, que se permitiu ficar mais um pouco debaixo do sereno, mesmo toda coberta, até quase amanhecer.

E, quando voltaram para casa, no sábado de manhã ensolarado, não quiseram levantar da cama até depois do almoço.

Seu Geraldo, que ria porque perdeu as contas de quantos vinhos quentes tomara junto do padre, levantou da cama e assumiu a cozinha. Passou café para todo mundo, assoviou no quintal para chamar a Princesa que andava pelo canavial como se fosse seu e lhe deu comida, e então obrigou Laura a se sentar à mesa.

— Onde já se viu moça adulta pular refeição desse jeito?

Laura demoraria pouco para compreender o porquê Dênis gostava tanto do pai da moça. Três palavras trocadas e ela já sentia vontade de chamá-lo por pai também. Sorriu obediente, sem coragem de desafiá-lo, e se sentou à mesa a fim de assisti-lo fazer cuscuz.

— Diz pro Dênis que vou lá no Borges.

— Vai fazer o que lá, Seu Geraldo?

— Matar porco.

— O senhor tá de férias. Tem certeza que é isso o que quer fazer?

— Gosto por matar não tenho, Laura, mas amanhã o Borges quer fazer churrasco no chão.

— Ah — Ela esquentava as mãos na caneca e sorria sentindo o gosto familiar da reunião —, será que eu posso entrar de bicão nesse churrasco?

— Falei que só mataria porco pra ele se pudéssemos comer.

— E o que ele respondeu?

— E o Borges é homem de negar um convite desses? Se tô indo cumprir minha parte no acordo, é porque amanhã o almoço é lá!

— Ê, Seu Geraldo... — Laura sorriu e deixou escapar um pensamento — Quanto tempo será que vai demorar para o senhor vir morar nessa casa, hein?

— Vai tudo depender de Iracema. — Ele se virou para a advogada séria, que mais se parecia menina, e sorriu sábio. — Pra onde minha rosa for, eu sigo.

— E o que o senhor vai achar se ela escolher vir para cá?

— Bom dia — Dênis cortou a cozinha e o assunto.

— Depois a gente vê isso, filha. — Seu Geraldo respondeu para Laura e deu bom dia a um Dênis especialmente mais vibrante que o resto dos dias.

— Pai, posso levar a Cema para passear?

— E tu vem pedir pra mim, cabra?

— Pra saber... se o senhor vai achar ruim...

— Seu Geraldo, o Dênis tem medo do senhor. — Laura riu.

— Assim que é bom. Enquanto tiver medo, tem juízo.

— Posso?

Assim que Iracema acordou e colocou um dos pés para fora do quarto, Dênis estava ali, plantado, cesta de piquenique na mão, chapéu na cabeça e pronto para sair.

— Osh... — Ela sorriu desconfiada — Tá querendo o que, me comprando com comida?

— Vou te levar pra ver a vista mais bonita daqui. Põe botina, Cema, que é estrada de terra.

Encapada com protetor solar, echarpe de lã e lenço vermelho, Dênis abriu a porta da sua caminhonete para ela, colocou o cesto de comida no banco de trás, seguro no assoalho, e deu a partida.

Iracema não aguentava mais ver galpão de fábrica quando estacionaram na beira da estrada, quase no meio do nada, entre o fim do mundo e o sétimo dia, descanso de Deus. Olhou o sol forte, fazendo cara feia para ele, estranhou o roteiro, o carro estacionado e o pequeno morro de acesso para dentro do hectare

de alguém, que Dênis violou a cerca sem pedir licença.

— Boa parte do óleo que cê consome na capital vem daqui. — Ele sorriu, puxando Iracema pela mão e a ajudando a subir o morro de terra fofa.

— Óleo de quê?

Ele esperou que ela estivesse ao seu lado, de frente para o campo plantado, para poder dizer:

— Girassol.

Vista mais linda que aquela, o mundo vai ter que se esforçar para superar. Girassol amarelo, de pétalas espalmadas, vibrantes, caule comprido e folhas largas até onde os olhos eram capazes de chegar.

Um mar amarelo, com cheiro de planta fresca, aromático. Sorrir era inevitável. Se não era a coisa mais linda que Iracema já vira, era só porque ela já conhecia o oceano.

Para Dênis, olhando Iracema, que se emocionava devagar, a visão bonita não estava nas plantas.

— Valeu a pena pisar num cadim de terra?

— Dênis! — Não como da primeira vez que o beijou intensamente para marcar território, daquela vez o beijou daquele jeito, meio desesperado e urgente, só porque sentiu vontade.

Só porque queria.

Enquanto o beijava, se deu conta de que nunca ficaram sozinhos. Sempre tinha alguém no quarto ao lado, alguém prestes a chegar, alguma coisa deixada por fazer. Se uniam nos extremos, quando alguma coisa de ruim acontecia, mas não se uniam do jeito que os casais novos se unem, a todo momento, a cada brecha possível.

Ali, beijando-o rápido e amolecendo o ritmo, deixando-o conduzir uma dança que sempre foi dele, sorria pelos cantinhos sentindo um prazer que ela temia nunca mais sentir.

— Vem, anjo.

Quebrando o beijo, Dênis a puxou pela mão e começou a correr com ela

para dentro do campo florido, até perder a estrada de vista.

Era fresco, ali, entre as plantas. O único barulho que Iracema ouvia era o chiado das folhagens. Baixinha, os girassóis eram maiores que ela, então, quando olhava para cima via duas coisas: ele e as flores. Sorria tão grande e emocionada que se Dênis dissesse para ir embora, já seria o bastante para que declarasse aquele como o melhor passeio por Itumbiara.

Contudo, Dênis, desde o beijo na quermesse, tinha outros planos. Todo dia ele se controla, não fica olhando demais, respeita sua condição, a casa do pai dela, o pai. Todo dia ele vê um vestidinho amarelo, uma boca fresca de batom, um sorriso apaixonado, e engole qualquer pensamento mais obsceno.

Aprendeu a ser de ferro pelo tempo que precisasse.

O único problema foi o puxão em sua roupa, a fala endurecida, o beijo incandescente de moça com ciúmes.

Por isso, sozinho ali com ela, finalmente sozinhos e blindados do mundo, só flor de testemunha, ele se atreveu a chegar junto diferente, de um jeito que ele aprendeu enquanto ela não via, de uma maneira que ele sempre dá a entender quando sorri meio cafajeste e diz coisas de duplo sentido.

— Eu sempre corri atrás de você, Cema. — Ele sorriu lascivo. — Corre por mim.

— O quê? Não!

— Corre, anjo.

Feito moleque de dez anos, talvez menos, correu pelo campo de girassol, rindo alto sob pena dos muxoxos dela, e desviou do curso reto e óbvio a fim de fazê-la se perder.

— Dênis, não faz isso comigo! — Ela falou mais alto que o normal, com medo de tossir se gritasse. — Eu não sei voltar para casa!

Correu por mais algum tempo, levemente desorientada, ainda sorrindo pela brincadeira idiota, sem saber se perseguiu ou se era perseguida.

— E pra ajudar, ainda sou baixinha! — Resmungou. — Não enxergo nem pra que lado fica a estrada!

— Cê não é baixinha, anjo — De trás dela, ele surgiu e a assustou sem querer. Escorregou a mão por sua coluna, brincando com seus quadris, e encostou a boca em sua orelha só para trazer de volta quem nunca devia ter dormido —, é perfeita.

— Tá, beleza. — Rindo, ela se virou de frente para ele. — “Perfeita” é pegar pesado.

— Fique quieta, eu tô falando. — Deu-lhe um puxão na bunda, tomando posse, de um jeito que fez Iracema corar. — Pode me chamar de doido e desregrado, Cema, pros meus olhos, você sempre foi a garota mais bonita. A única que combina comigo.

— Dênis...

— Me chama do outro nome.

— Qual? O que você me proíbe?

— Não, anjo, o único que tu nunca quis chamar.

— Qual? — Puxou a lapela de sua camisa, com gosto e um pouco de atrevimento, ficando na pontinha dos pés para tratá-lo de igual para igual e sorriu como a doida que combina com o Cão e que é a única capaz de lhe dar um lar. — Amor?

— A partir de agora, é só assim que você me chama.

Procurou por seus lábios, a baixinha que encaixa perfeito entre suas costelas, querendo dizer o que não tinha coragem. Sorria, sorria tão bonito, que Dênis não quis fechar os olhos. Ela fez carinho em seus cabelos fartos, brincando com sua nuca, descendo para sua camisa, e se atreveu pelo primeiro botão.

Todos os demais simplesmente foram no embalo.

Iracema parou de beijar para ver, o homem não podia vestir camisa a vida inteira sem ter alguma coisa para esconder por baixo. Sorriu para o jeito como o corpo dele se dividia ao meio, meio moreno, como sua barriga ondulava de desejo, e deu um passo atrás, só um, para puxar o vestido pela cabeça.

— Perfeita. — Ele sussurrou quando a viu nua, apenas de botinhas e

calcinha.

Pegou sua camisa do chão e cobriu sua nudez para que não pegasse friagem. Estivessem deitados, beijaria o corpinho franzino da cabeça aos pés, do jeito como merecia ser adorado, mas, ali, ele largava beijos por onde passava, ajoelhando diante de sua musa, olhando nos olhos dela, tão lascivos quanto os próprios, enquanto descia sua calcinha.

Em seu habitat natural, no meio das flores, Iracema sentiu sua língua encostar e fechou os olhos. Com uma mão em seus cabelos, sentia as mãos dele percorrerem por seu corpo, e os dedos tão firmes contra sua pele branquinha, que cada toque imprimia uma marca.

Enquanto lambia, uma das mãos dele foi para seus seios, e Dênis parou por um segundo sem saber se podia tocá-la ali. Olhou para cima, procurando qualquer sinal de proibição, e encontrou um rosto sorridente que tratou de puxar a outra mão para cima de seu outro seio desnudo.

Aos poucos, virava flor. Segurava-o pelos cabelos com mais força. Apertava sua carne dura e deixava vergão, rastro por onde passava. Sentia o vento bater contra seu corpo nu e se sentia perfeita, do jeito como ele disse.

Então, pouco antes que chegasse sozinha ao cume para onde ele sequer avistara, Dênis abriu o cinto e o zíper da calça, sentou sobre seus calcanhares e pediu com a voz mais dengosa e aveludada que Iracema já ouviu na vida:

— Vem, anjo, faz comigo o que quiser.



## Capítulo 36

Escurecia quando voltaram para a caminhonete. Olhando-o sentar no banco de trás com ela, Iracema não tinha mais dúvidas de que Dênis era realmente um homem apaixonado. Seu discurso sempre foi bonito, só seu jeito de falar é encantador, mas ela já caiu de amores por discursos antes, e entende que em algum momento as palavras vão acabar.

Percebia-se amada pelo jeito como ele emudecia, no caminho de volta para a caminhonete, e a olhava. Dênis, quando goza parece um monumento, Iracema nunca tinha visto homem tão lindo em êxtase, mas o rostinho inchado do depois, os lábios vermelhos e as bochechas coradas, aquilo, o olhar dengoso e apaixonado é que dizia tudo o que ela precisava saber.

Abriram a cesta de piquenique, com fome, e Dênis serviu o café da garrafa térmica em duas canecas. Do banco de trás conseguiam ver o breu tomando conta do amarelo, e ficaram calados até que tudo ficasse escuro.

— Eu não quero ir embora daqui. — Ela confessou.

— Também não quero que vá.

Ela puxou um pedacinho do bolo de milho do pote, feito por Laura um dia antes, e não conseguiu comê-lo sem elogiá-lo.

— Tá vendo? — Ele sorriu. — Como que eu cozinho naquela casa se a Laura tem uma mão boa dessa?

— Tomei uma decisão. — Ela trocou de assunto quando engoliu sua porção de bolo.

— Decisão sobre o quê?

— Vou falar para o doutor arrancar meus dois peitos.

— É? — Ele testou, engolindo o sorriso. — Você tem certeza?

— Tem um monte de coisa que eu ainda quero viver. Eu tenho um monte de motivo para não desistir, um monte de alegria que ainda quero passar. Se tiver que fazer uma cirurgia reconstrutora depois, que seja, depois resolve. Nunca tive

peito grande, mesmo, sempre fui lisinha, então... é isso. Vou falar para tirar os dois, porque assim a chance do câncer voltar diminui, e vou aprender a aceitar que sou bonita e mulher mesmo quando não tiver mais que botar sutiã.

— Obrigado, dengo. — Dênis sorriu com os olhos cheios d'água. — Era só isso o que eu precisava ouvir.

— É uma decisão que se toma sozinha, eu sei. — Ela beijou seu rosto, sem medo de parecer carinhosa demais, ou boba demais, e sorriu. — Mas você podia ter dito alguma coisa.

— Seu pai e eu concordamos em não falar.

— Amor — Ela o chamou pelo apelido que lhe agradava mais, mas só para ralar —, o que eu te falei sobre o telefone sem fio, hein?

— Não dá, Cema. É teu pai, o homem que mais te conhece nesse mundo. Quando eu não sei lidar com você, é pra ele que eu corro. Se ele falou pra deixar você decidir, então obedeço e não retruco.

— Você percebe que meu pai tá virando um pouco o seu também?

— Tem homem que nasce para o ofício. — Ele sorriu, pegando um pedaço de bolo do pote. — Desde que eu sou menino respeito teu pai como se fosse o meu. De algum jeito, você e ele, enquanto eu estive em São Paulo na adolescência, foram a minha família. Ele eu respeito como um pai, e a você, eu respeito como irmã.

— É... — Arteira, roendo o cantinho da unha, ela o olhou procurando briga. — A mim não precisa respeitar tanto assim, não.

— Cema — ele devolveu o bolo para o pote e limpou a mão suja na calça —, cê aguenta mais uma?

\*\*\*

Seu Geraldo não disse nada quando viu a filha chegar, de mãos dadas com o Cão, bem na hora do remédio. Alguma coisa muda entre os casais depois da primeira vez. Era como se não tivessem mais medo de se tocar, de chegar

perto, de procurar aconchego. Dênis deu um beijo na testa de Iracema, tirou o chapéu para entrar em casa e cumprimentou o pai da moça com um sorriso gigantesco no rosto.

— Pergunta pra Cema o que ela decidiu, Seu Geraldo.

— Tá falando da cirurgia?

— Pergunta:

Iracema só contou da boa-nova no jantar. Esperou estar com Laura também, a única da mesa, fora ela, que sabia o que era ter seios. Dias chegou, sem ser convidado, com dois buquês de rosa, um para cada mulher, logo depois que Iracema se abriu.

Viu o choro preso nos olhos de todos sentados à mesa, e não entendeu se era choro de alegria ou de tristeza.

— Não tá vendo que é reunião de família? — Laura o colocou em seu lugar.

— Qual família? A sua ou a do pai da noiva?

— Família. — Dênis não queria briga. — Cata um prato e senta, Dias, você tá rodando demais a minha casa para que eu fique de cerimônias.

O resto dos dias passou depressa demais, na opinião de Dênis. Não houve problema com o governador, nem o prefeito e nem a polícia. Tudo correu tão bem e na paz de Deus que alguma coisa em seu ouvido sussurrava que a paz terminaria logo.

— Quando tudo vai bem demais, o diabo aparece. — Ele se confessou com Laura.

— O nome disso é síndrome do impostor — Laura o corrigiu, sentada à mesa para o café da manhã, bem antes que os paulistas acordassem. — Relaxa e curte a sorte que te sorriu.

Voltaram para São Paulo, na caminhonete velha de Dênis, decididos, os três — pai, filha e Cão Doido — a enfrentarem juntos qualquer desdobramento da nova fase de tratamento.

Entraram no consultório do doutor e o mesmo arregalou os olhos quando

viu sua paciente. Corada, sorridente, o cabelo despontando feito barba por fazer, e maquiada. Sempre acompanhada da infantaria que vai na frente, abre caminho e não a deixa cair.

— Quinze dias te fizeram bem, Iracema.

— Doutor, o senhor não sabe o quanto.

— Alguma reação alérgica, algum cansaço excessivo, alguma coisa de diferente aconteceu nas suas férias?

— Nem mesmo uma tosse!

— Diz que é pra gente voltar pra lá, seu doutor? — Dênis sorriu, puxando a cadeira para Iracema se sentar.

## Capítulo 37

Tudo aconteceu tão rápido, da escolha pela cirurgia para a escolha da data, que Iracema se sentia atropelada. Num dia fazia exame de sangue, no outro, tomografia. Depois mais uma mamografia. Ao longo dos vinte dias em que completou todos os exames prescritos como urgentes, Goiás e o campo de girassóis pareciam perdidos na roda da vida. Sequer mencionavam o paraíso particular porque não tinham tempo. Um laboratório levava ao outro, um exame levava a uma indisposição com alguma recepcionista que não tinha culpa de nada.

Dênis e Seu Geraldo estavam nervosos o tempo inteiro. Viviam de cara amarrada, resolvendo tudo muito rápido, não perguntavam o que Iracema sentia ou o que queria, só cumpriam o protocolo pré-cirúrgico, induziam-na a fazer mais um jejum ou beber mais algum remédio de cor duvidosa, e sem querer a atropelavam.

Iracema também, por estar o tempo inteiro preterida, deixada para depois em vista dos exames urgentes, preferiu ficar reclusa. Dênis e seu pai conversavam sobre qual laboratório ir no dia seguinte, e ela só saía da mesa.

Podiam ser seus últimos dias de vida, ela podia morrer na mesa, podia perder a batalha contra a doença, tanta coisa passando por sua cabeça... Ela sabe que seu aparelho familiar está cumprindo sua função, ficando a cargo de toda a burocracia e papéis, ela não pode exigir mais deles do que já fazem, mas, ao mesmo tempo, era tanta a solidão!

Deitava a cabeça no travesseiro pedindo para Deus dar um jeito em tudo. Pedia para sua mãe interceder também. Comia o que lhe mandavam, bebia o que pediam e engolia o choro quando tudo doía.

Voltar a São Paulo lhe lembrou o quanto estava doente. Aos poucos, dos vinte dias até a cirurgia, definhava. E não era porque tinha menos cuidado com sua rotina, ou porque não comia bem. Metade do tratamento, isso o doutor já lhe

dissera, é mental. Uma boa disposição e encarar tudo com bom ânimo garantia uma melhor qualidade de vida.

Então, com amor, antes que tudo piorasse, pegou na mão dos dois homens de sua vida, sorriu triste e explicou:

— Vocês só estão fazendo o trabalho de vocês. — Ela sorriu. — Mas eu não sou um cachorro que não sabe o que está acontecendo.

— Cema...

— Não terminei. — Cortou. — Eu preciso do meu pai e do meu homem, eu não preciso de dois enfermeiros. Do jeito que está, eu não chego nem na porta da sala cirúrgica.

— Bate na mesa para falar uma coisa dessas. — Seu Geraldo rebateu.

— Eu preciso de tempo. Não estou dizendo que não quero fazer exames, ou que não quero mais tomar os remédios: não é isso. Mas é que está demais!

— A gente só para quando tiver todos os papéis.

Iracema provou o gosto ruim do telefone sem fio. Até então, só sabia do gosto leve e doce, mas detestou conhecer o outro lado. Ainda foi espetada, medida, espremida e observada por mais cinco dias antes que conseguisse algum sossego e tempo livre.

Dênis e Seu Geraldo só reduziram quando tinham todos os resultados de exames e a data marcada da cirurgia. Só aí perceberam a flor que habita o corpo de mulher e voltaram ao ritmo normal. Saíram para comprar dois vestidos: o vestido de entrar no hospital e o vestido de sair. Laura recebeu fotos dos dois, rindo lá de Goiás, e achou bonito dois homens preocupados com esse tipo de coisa.

E, então, no último dia antes da cirurgia, sentindo o gosto de despedida, Dênis e Seu Geraldo passaram a tarde inteira na cozinha. Prometeram para Iracema, que teve que se contentar com a presença da Princesa porque sequer água podia buscar na cozinha, que ela teria um banquete digno de Natal.

Dênis fez uma chamada de vídeo com Laura, que pediu uma pizza de última hora para poder comer junto dos outros, e serviu a lasanha de massa

fresca, preparada do zero, acompanhada de molho bolonhesa e peru que Seu Geraldo fez do jeito que sua esposa fazia quando ainda era viva.

Engoliram a sensação de Santa Ceia e Iracema sorriu largo para o banquete. Só o cheiro, ela contava para Laura, já lhe abria o apetite.

— Isso, vaca — Laura ria e brindava com sua pizza —, faz vontade mesmo!

— Laurinha — Iracema fazia troça —, mas tá tão bommmmmmmmm!

— Ê, minha rosa... — Sem querer trocar o clima ameno entre a Laura e sua filha, Seu Geraldo sorriu pegando em sua mão. — Tá pronta para amanhã?

— Tô pronta, pai, igual abacate verde tá pronto pra cair do pé.

— Vai dar tudo certo. — Laura sorriu pela tela do celular apoiado na borda de um prato vazio, ocupando o último lugar da mesa.

— Vai, vai...

— Cê só vai parecer um menino que nunca entrou na puberdade, mas quem está contando, não é?

— Laura! — Dênis brigou.

— Qual é, alguém precisava fazer piada sobre isso.

— Achei que ia ficar só monoteta, mas o jeito é ficar sem teta mesmo. — Iracema sorriu.

— Pensa pelo lado bom: — Tem lado bom? — Ninguém vai te prender por atentado ao pudor se sair por aí sem camisa.

— Não sei se vou ter coragem de sair por aí sem camisa, viu?

— Fosse eu, ia.. — Laura abriu uma latinha de cerveja e fez tim-tim para os presentes. — Mas, se resolver pôr silicone, as tetinhas nunca vão cair.

— Pelo menos, com silicone, eu vou finalmente ter tetão.

— E o decote vai ficar bonito.

— São vantagens meio idiotas, mas, pelo menos, são vantagens.

— É como diz o dono do pão de açúcar: Na crise nós vende lenço. Sempre dá para tirar vantagem. O homem do seu lado é meio besta, vai gamar você com tetão ou com tetinha, o que já é melhor que a minha situação, então...

trata de ficar boa logo e vir morar comigo, que essa casa tá vazia demais sem vocês aqui.

— Cê não existe, Laura.

— Dá um tapa na cara do Dênis, que ele tá com cara de enterro, e quer me ver fodida é ver ele assim.

— Não posso dar um tapa na cara dele, Laura.

— É por mim. Diz pra ele imaginar que é a minha mão, não a sua.

— Não vai acontecer. — Dênis advertiu para Laura e se virou para Iracema: — E você não se atreva.

— Cê nunca teve irmã, e olha que a Graça quis me dar — Seu Geraldo sorriu —, mas se tivesse, seria igualzinha Dona Laura.

— Você me conhece pouco, Seu Geraldo, por isso que acha que é boa coisa ter uma filha que nem eu.

Laura bocejava, cansada e pronta para se deitar quando uma mousse de chocolate em camadas foi servida na mesa São Paulo.

— Tá certo, pessoal. — Ela disse, resmungando. — Eu vou desligar porque isso NÃO É JUSTO!

— Fica, Laura, cê tem que ver isso. — Dênis falou e se levantou da mesa.

— Vai rolar pedido de casamento, é?

Laura falou brincando, no entanto foi exatamente isso o que aconteceu. Dênis voltou com uma caixinha vermelha de veludo, tirou o chapéu e se ajoelhou diante da cadeira de sua mulher.

— Anjo...

— Dênis...

— Espera, deixa eu falar:

— Não faça isso!

— Você não quer? — Ele fez uma carinha tão doída que Iracema começou a chorar antes dele.

— Não é isso, amor, me perdoa. — Deu um beijo curto em seus lábios,



entristecida, e segurou em suas mãos. — Eu não quero te perder de novo. Já fiz besteira uma vez, já deixei você ir, e não sou louca de cometer o mesmo erro duas vezes.

— Então o que é?

— Faz o pedido quando eu estiver curada. Eu farei tudo o que puder, amor, acredita em mim. Eu farei tudo o que puder para ver você ajoelhado desse jeito de novo, com um sorriso no rosto e essa caixinha na mão. Eu vou curar, você sabe disso. A gente brinca sobre ficar monoteta ou sem teta, mas é sério. Eu vou curar, eu vou ficar boa e aí, sim, a gente casa. Só não faz esse pedido agora porque não mereço ainda.

Ele não gostou. Para ele, aquele era o melhor momento. Sua família estava ali, a comida de Natal estava à mesa, Seu Geraldo já tinha dado sua bênção. Para comprar o anel certo, que combinasse com ela, e para comprar sem avisar onde estava indo, Dênis teve de combinar um cronograma de guerra com o pai da moça.

E agora ela simplesmente não quer?!

— Eu não vou deixar você escapar de novo, amor. — Ela lhe deu um beijo na testa, limpando o cantinho de seus olhos, e sorriu bonito. — Não pensa que vai ser fácil fugir de mim, porque agora eu sei onde você mora. Eu só te peço para me esperar atravessar tudo isso.

## Capítulo 38

Iracema deu entrada no hospital quatro horas da tarde porque sua cirurgia aconteceria às oito horas da manhã do dia seguinte. As enfermeiras orientaram sobre como tudo aconteceria, trouxeram-lhe a janta, às sete horas, para que às oito não comesse, nem bebesse nada, até o horário da cirurgia.

Seu pai lhe sorria, disfarçando o medo de perder a filha, o medo de que mais essa etapa fosse em vão, e resmungava da televisão. Dênis, por outro lado, andava em círculos, perguntava de cinco em cinco minutos o que Iracema sentia e pedia desculpas sem ter feito absolutamente nada, só porque se sentia culpado pela situação toda.

Resolveram que o melhor a fazer era que Dênis fosse para casa e Seu Geraldo ficasse com a filha, uma vez que o hospital só aceitava um acompanhante por paciente fora do horário de visitas.

Então, duplamente entristecido, uma por não poder fazer nada para contornar a situação e duas por ter que passar a noite longe de seu amor, ele lhe deu um beijo às nove horas, quando não poderia ficar mais, e jurou que às oito em ponto, quando o horário de visitas começasse, ele estaria ali para dar outro beijo antes da cirurgia.

— Pai — Dênis pediu para Seu Geraldo —, não deixa levarem a Cema antes de eu dar tchau.

Seu Geraldo não dormiu. Ficou deitado na cama de armar ao lado da cama de sua filha, olhando para o teto, engolindo o choro que teimava em escorregar toda vez que ficava sozinho. Ele já devia ter se acostumado, sua esposa passou por cinco cirurgias até a derradeira, todas naquele mesmo hospital, porém nunca se acostumou.

Olhando Iracema de olhos fechados, o coração ficava pequenininho. Apertava uma saudade de quem já partiu, restava um cheiro de sua Graça no ar. Sorrindo porque a saudade sempre faz isso com ele, tudo o que ele pedia para

Deus é que Dênis não tivesse uma velhice tão triste quanto a sua.

— Tá acordado, papai? — Iracema só tinha os olhos fechados. Também não conseguiu dormir.

— Tô, minha rosa.

— Eu sei que eu vou voltar da cirurgia, tá tudo certo, não tô com medo. — Ela procurou sua silhueta no escuro e estendeu a mão por cima de seu leito procurando pela dele — Mas, se alguma coisa acontecer, vá morar com o Dênis, tá?

— De jeito nenhum que vou morar com aquele doido sem você.

— Vai, papai, eu tô pedindo. Vocês são amigos, ele te trata como um pai, você não tem família aqui para cuidar de você, só eu, e eu só sei dar trabalho.

— Você não dá trabalho.

— Dou sim, sempre dei. — Ela sabia que ele não era capaz de vê-la, mas, se pudesse, veria que Iracema sorria. — Você merece ser feliz, tá? Mesmo com a morte da mãe, você merece ser feliz, e toda vez que eu penso naquela cidadezinha e no senhor tomando um porre com o padre, eu sinto que aquele lugar vai te fazer feliz. Eu conheço o Dênis, ele não vai voltar para a cidade dele sem você se o senhor não virar as costas para ele. Vai com ele e cuida dele por mim. Cuida da Laura também.

— Eles são grandes, sabem se virar.

— E o senhor vai querer morar numa casa onde não pode dar ordem para ninguém? — Iracema sorriu, se levantando de sua cama grande, e então procurou um espacinho na cama do pai.

— Tá fazendo o quê?

— Posso dormir aqui?

— Volte pra sua cama, Iracema.

— Por favor, papai?

A cama, que não tinha espaço nem para um, agora cabiam dois. Deitou em seu peito, de lado para que ele coubesse de barriga para cima, deu-lhe um beijo no rosto e se cobriu com a coberta dele.

— Agora vê se descansa, porque amanhã eu vou precisar do senhor descansado.

— Dorme bem, minha rosa.

— O senhor também.

# Capítulo 39

## *Quinze Anos Antes*

O Dênis de dezessete anos não usava chapéu e tinha trejeitos paulistas demais. Estava pronto para voltar para casa, finalmente, depois de três anos em São Paulo, a mando de sua mãe, para fugir de agiotas.

Sentado no banco frio da rodoviária da Barra Funda, ele não queria voltar. Se tivesse um jeito de ficar, teria ficado. Com dinheiro suficiente para comer em apenas uma das paradas, ele calculava se seus pertences na única mala que levava consigo lhe garantiriam comida e teto até que arrumasse um emprego.

Na festinha informal de despedida da turma, no dia anterior, Iracema tinha deixado claro que nada aconteceria entre eles. Ele se aproximou, sem pedir, um ato de garoto desesperado, pronto para dar o mesmo beijo que ele tentava desde o primeiro ano, mas, daquela vez, beijo de adeus.

— Eu vou embora amanhã. — Ele tentou.

— Pois vá com Deus! — A Iracema de dezessete anos era bem mais feroz que a de trinta e um.

— E eu nunca mais vou voltar, Cema.

— Pois tenha uma vida longa e próspera lá com as suas vacas.

— Me beija. — Ele pediu, quase assustado, colocando a última carta na manga na mesa, e descobrindo que não lhe valia de nada. — O que custa? Amanhã eu embarco, sumo da sua vida. Me dá um beijo, porra!

— Que mané beijo, Cão Doido, se não te dei até agora é sinal que não quero.

— Quer, Cema, eu sei que quer.

— Tá lendo pensamento, é?

— Quer tanto como eu, senão mais.

— Usa essa sua telepatia toda então para caçar beijo com menina que te queira. Último dia, Dênis, aproveita e passa o rodo.

Mas Dênis não queria nenhuma delas.

Nada a fez mudar de ideia. Iracema passou incólume pelas investidas e só se rendeu ao choro quando chegou em casa. Se Dênis é telepata, isso ela nunca saberá, mas ele não estava errado quanto à sua vontade de beijá-lo.

Se ele fosse de São Paulo e não morasse no fim do mundo com data para voltar, ela o teria beijado logo no primeiro ano.

Olhando o movimento na rodoviária, Dênis sabia que não tinha mais o que fazer. Iracema não o beijaria, ele estava enganado, seu coração mentiu. Foi para a Barra Funda, cinco horas mais cedo por não querer ficar em casa, e não parava de pensar no que deixava.

Então, choroso, entristecido, odiando morar tão longe e saber que precisava voltar, ele foi até um orelhão, enfiou o cartão com seus últimos créditos e discou o número da casa de Seu Geraldo, que ele sabia de cor.

— Cema! — Ele deu um pulo quando ela atendeu.

— É... oi.

— Tô na rodoviária, já.

— Você está indo embora...

— É. Quer vir comigo?

— Mas neeeeeeeeeem!

— Cema.

— Chega disso, Dênis. Vá embora. Eu vou passar na segunda fase do vestibular, vou fazer Serviço Social, vou criar carreira aqui, trabalhar aqui e tocar a vida aqui. O meu sonho é esse, é isso o que eu quero fazer da vida.

— Tudo bem, Cema, mas dá para fazer faculdade onde você quer fazer e namorar comigo!

— Mané namorar contigo, deixe de loucura.

— Cema, eu tô indo embora.

— Eu sei!

— E eu não volto mais se você não me quiser.

— Pois se é por falta de adeus...

— Se alguma parte de você gosta de mim, por favor, me diga e faz isso agora. Eu volto para cá quando der, a gente se vira, eu não quero ficar longe de você!

— Dênis...

— Cema, diz que me ama. Olha, me dá um beijo de tchau, vem comigo pra Goiás.

— Você tá ficando doido.

— Eu tô aqui, na Barra Funda, portão F. O meu ônibus vai partir às sete horas da noite, hoje ainda. Por tudo o que você mais ama, vem para cá, nem que seja para dar tchau, olhar na minha cara e falar, com todas as letras, que não me ama e não me quer.

Sem comer, sem ir no banheiro e sem dormir, Dênis esperou, sentado na frente do portão F, em vão, até o último segundo possível.

Iracema nunca apareceu e Dênis chorou como um diabo até pisar em Itumbiara.

## Capítulo 40

Dezessete anos de novo, o coração espatifado, sem notícias e sem saber o que fazer. Expulso do hospital. Sentado num canteiro, do outro lado da rua, ele esperava que Seu Geraldo ou alguém da equipe médica aparecesse. Ele só precisava saber se ela estava bem. Não queria se explicar, não queria estar certo, ele só queria saber que ela estava bem. Isso bastaria.

Ligava para o celular de Seu Geraldo de cinco em cinco minutos só para saber que continuava desligado. Fumou a carteira de fumo inteira, que seguia em seu bolso de trás mais por costume que por uso, para matar a ansiedade. O dia passou, o turno dos funcionários mudou sem ninguém da equipe que atendeu Iracema dar qualquer detalhe de seu estado. A fome chegou e foi embora, o medo chegou e foi embora, a raiva também, e então anoiteceu.

Um dia inteiro sem comer, sem ir ao banheiro, definhando na calçada como todas as pontas de seus cigarros. Não tinha um jeito fácil de lidar com aquilo e tudo o que ele escondeu de Iracema voltava, na cara, feito balaço.

Ele não quis entrar em detalhes sobre seu álcool fora da lei para não encher a cabeça de Iracema com problemas. Não falou sobre a batida policial, sobre o prefeito, sobre o governador. Ele não disse, e ninguém ao seu redor se atreveu. Iracema só ficou sabendo do incêndio no canavial porque apareceu na televisão, do contrário, sequer isso.

Seus problemas, quando com ela, ele enfiava na carteira. Escondia — do mesmo jeito que fazia com seu fumo. Iracema já tinha problemas demais, não precisava se preocupar com os dele. Por isso ficou quieto.

E, quanto ao noivado... ele diria para Iracema se pudesse: tem como continuar noivo de uma moça que quer passar por cima de tudo o que ele valoriza em nome de algum dinheiro extra? Tem como continuar noivo de uma moça cuja família manda a polícia atrás de si e que põe fogo em seu único pertence?



Pior: tem como continuar noivo de uma moça que está com ele apenas pelo que ele tem? Que disse, sem sequer se envergonhar, que sem fazenda ele é como qualquer cowboy chucro?

Para Marina só importa uma coisa: dinheiro. Ela não o queria e estava cumprindo o papel que Chicão do Mato, seu pai, lhe designou. Se tivesse que transar com o inimigo, se casar com ele, ou o que fosse, ela o faria. Inclusive aparecer no leito de uma paciente pré-cirurgia para acabar com sua felicidade.

Ligou para Marina quando a noite caiu, sem esperanças de ter Iracema de volta.

Se encontrou com ela, num café na Avenida Paulista, dentro de uma livraria, e não tirou o chapéu. Todas aquelas pessoas cultas e inteligentes olharam feio para o cowboy sem traquejo social e cinto de fivela grande, entretanto ele não se importou com nada daquilo.

Viu Marina sentada numa mesa, bebericando um café como se fosse parte da massa pedante, e se sentou sem cumprimentos.

— Tá grávida de verdade?

— Não. — Ela sorriu. — Mas, pelo visto, a sua nova namorada já entendeu que não se pode confiar num Mairinc.

— O que você quer para contar a verdade para ela e me deixar em paz de vez?

— Você sabe o que eu quero, Dê.

— Não, não sei. O que você quer, Marina?

— Assine o contrato que o meu pai te deu, que digo para aquela doentinha que abortei.

— Não posso fazer isso. E você não abortou!

— Então parabéns, papai. — Tendo dito, levantou-se da mesinha, abandonando seu café, e pegou a bolsa. — Tomara que seja uma menina, sempre quis uma menina!

— Espera! — Ele a segurou pelo cotovelo e as pessoas ao lado olharam feio.

— Só tem um jeito de resolver isso, Dênis. Me dá o que eu quero, que te dou o que você quer.

— Não é assim, Marina, a fazenda não é só minha, é da Laura também!

— A terra enquanto posse está no nome dos dois. A empresa da fazenda está no seu nome! Laura não pode ter empresa aberta, eu fui olhar, tá? A decisão sempre foi sua.

— Tá, Marina, senta aí, tá todo mundo me olhando feio. — Ele cedeu e Marina se sentou.

— E então, meu lindo, o que vai ser, hein?

— Cê tá com o contrato aí?

Triunfante, Marina tirou a pasta de couro da bolsa, puxou uma caneta também e entregou ambos.

— Visto em todas as páginas, assinatura na última folha.

— Eu sei como funciona um contrato.

— A essa altura, fico surpresa que saiba ler.

A fazenda e a ilegalidade inofensiva ou Iracema em um leito de hospital? Olhou para o entalho “Álcool Ferraz” na capa da pasta sentindo o ácido do estômago borbulhar. A fazenda ou Iracema? Ele já escolheu pela fazenda uma vez e olha para onde a vida o levou.

Sem respirar, deu visto em todas as páginas, assinou na última, o coração batendo tão rápido que conseguia ouvi-lo, e escreveu, com a mão trêmula, seu CPF e CNPJ.

— Cumpri minha parte no trato — Desgostoso, ele fechou a pasta e lhe devolveu —, agora vê se cumpre a sua!

— Semana que vem eu dou uma passadinha no hospital.

— Semana que vem?! Semana que vem não, amanhã de manhã!

— Semana que vem, lindinho, amanhã eu tenho um avião para pegar.

— Marina!

— Você quer fazer escândalo aqui dentro? Tem certeza? Se encostar a mão em mim digo que somos noivos e que você reagiu assim porque acabou de

descobrir que estou grávida.

# Capítulo 41

*Uma semana depois.*

Prometeu-se não chorar por ele. Dênis não merecia. A vida que tinha pela frente era muito maior, muito especial. Dênis achou uma brecha, aproveitando-se de sua condição, explorando seu ponto fraco.

Por isso, quando saiu da cirurgia, focou em ficar boa. Só isso o que lhe importava. Comia, mesmo quando não estava com fome, movida pela raiva. Tomava seus remédios, fazia cara feia quando algum técnico de enfermagem chegava para trocar seus curativos e só chorava quando a dor era excruciante.

Com dor era o único momento em que se permitia chorar por ele. Misturava dores — a externa e a interna — e se deixava levar. A técnica, moça nova e casada, morria de pena. Pedia desculpas a cada esparadrapo que descolava de sua pele, sem saber que o real motivo de choro também era por coração partido.

Seu pai evitou falar sobre o assunto. Seu Geraldo, conhecendo os filhos, tanto o parido quanto o de coração, duvidava da gravidez da outra moça. Quis convencer Iracema a dar uma chance para Dênis se explicar e foi rechaçado. Iracema nunca ficou tão brava com o pai como no dia em que ele insistiu sobre Dênis.

Também, o que ela poderia fazer? Aceitar Dênis em sua vida, deixá-lo contar mentiras, se preocupar com o filho que ele teria e que ela nunca poderia dar porque tratamento para câncer de mama pode gerar infertilidade, e nunca focar em si mesma? E viver atrás dele, do filho dele, da vida dele, e definhar em segredo?

Era hora de pensar num futuro só seu e de seu pai. Quase atravessava seu próprio vale das sombras, quase via a cura, só faltava dobrar a esquina... Talvez voltar para a faculdade e começar um mestrado fosse uma boa ideia. Com tudo o

que vivera, entrando e saindo do Sistema Único de Saúde, órgão responsável pelo tratamento de câncer no Brasil, ela, Assistente Social, poderia explorar as falhas e os acertos do sistema com base em quem passou por ele.

Desenhava, num caderninho qualquer, o próximo projeto de sua nova vida quando Laura entrou em seu quarto justamente no único momento em que seu pai saiu para comprar um café.

— Por favor, Laura — Iracema pediu sem cumprimentos, — vá embora.

— Querida, tecnicamente, eu não estou nem aqui. — Fechando a porta do quarto, Laura colocou a bolsa no criado-mudo e se sentou, com propriedade, na borda de sua cama. — Eu vou falar, você vai me ouvir, e só quando eu tiver terminado de falar é que vou embora.

— Nada do que você disser vai me fazer mudar de ideia.

— Não quero te fazer mudar de ideia. — A diaba ruiva sorriu, e não foi um sorriso bonito. — Eu vou te explicar o que o Dênis quis te poupar. Cê acha que só você tem problema, minha filha?

Cruamente, Laura explicou a fabricação caseira de álcool. Contou sobre o porquê Dênis foi estudar na capital e o porquê voltou. Como é que conseguiram quitar a dívida com zeros demais só fazendo álcool no fundo de casa, bem antes da compra dos tonéis chiques no subsolo do galpão de fermentação e bem antes que a mãe dos dois morresse.

— O governo colocou nossa família na lama, Iracema. Não tô falando de *score* baixo por atraso de cartão de crédito, estou falando de suicídio desesperado por não saber como quitar as dívidas. Nosso pai se matou e minha mãe se meteu com agiotas para colocar comida na mesa. Agiotas que me obrigaram a ficar três anos sem meu irmão. Então, não, a nossa vida não tem câncer, mas não é bonita.

Então, ela contou sobre o noivado de Dênis com Marina.

— Todo mundo era contra, mas Marina era filha da Dona Mercedes, e Dona Mercedes era muito amiga da nossa mãe. É só por isso. Chicão do Mato é um inferno de homem, todo mundo sabe disso e minha mãe quase perdeu a

amiga quando foi contra o casamento deles, mas Chicão trata Dona Mercedes como uma rainha.

— “Eu só fiquei sabendo que você existe num dia que achei meu irmão estacionado num acostamento, bem longe de casa, depois de dois dias sumido. Bêbado feito um condenado e chorando seu nome. Você sabe o que é ver seu irmão contar de uma moça, sempre quando bêbado, por quinze anos? Ele bebe e chora por você até hoje, se deixar. Aposto que está fazendo isso agora, em algum canto, só não descobri ainda qual”.

— Tá, Laura, mas e daí? O que muda?

— O que muda? Tudo muda!

— Ele vai ter um filho!

— Porra de filho, Cema. Marina jogou com isso porque ela não se importa com o Dênis, só liga para a fazenda. Chicão do Mato, o pai dela, quer transformar a nossa Princesa em rota de droga. E parabéns, porque agora ele vai, porque Dênis é um idiota e deu nossa fazenda na esperança que Marina voltasse aqui e te contasse a verdade.

— Dênis não faria isso. Ele ama aquela terra.

— Mulher, ele te ama tanto que daria qualquer coisa para você acreditar nele. Não tem filho, não tem noivado, não tem outra mulher. Desde o maldito dia em que ele te conheceu, só tem você. Você sabe disso, tá com raiva dele agora, mas, lá dentro, você sabe. Você sente. Não importa o que ele diga ou o que faça, a verdade não muda. Não adianta ficar de cara brava, chorar no seu canto, ou pensar em plano B. Dênis é esse imbecil cego, surdo, mudo e que não pensa quando se trata de você.

— Sinto muito que ele tenha assinado uma coisa dessas, Laura.

— Um caralho que sente, Iracema. O cara passou meses dormindo no seu sofá, te acompanhando para cima e para baixo, beijando o chão que você pisa, e na primeira e única vez que ele precisou que você confiasse nele, você virou as costas. E não foi a primeira vez, né? Você já virou as costas para ele outra vez.

— Eu tinha dezessete anos!

— Pois é, e até agora continua uma mulherzinha fraca, desconfiada, com medo de coração partido. Eu vou te falar uma coisa, Cema: te amo como uma irmã e irmãos têm que tirar a casca da ferida uns dos outros antes que seja tarde. Coração não é de vidro. Coração não é espelho que se perde quando quebra. Coração é forte, é o primeiro órgão a funcionar no embrião, e o último a parar. Você negou felicidade ao meu irmão mais do que qualquer outra pessoa no mundo, e basta você olhar para ele que ele te sorri de volta. Dênis tá sempre tentando, sempre atrás de você, sempre olhando e rezando por você. Nunca vai ter um homem mais devoto a você do que ele, e, se você o quiser, vai ter que ralar um pouco. Tem um jeito de reverter a loucura que o Dênis fez com a nossa fazenda, mas eu tenho que ter certeza que você é nossa aliada. Você é o ponto fraco dele, e eu preciso que seja o ponto forte.

“Eu nunca vou deixar meu irmão se casar com uma pessoa que acredita num desconhecido, mas não acredita nele. Dênis já te deu exemplos demais sobre o como o caráter dele é moldado, tá na hora de você mostrar o seu”.

— Você acredita que eu amo seu irmão, Laura?

— Quem ama corre atrás, porra. Se resolve com o Dênis, vai atrás dele, devolve um pouco do amor e carinho que ele te deu e me deixa ter minha fazenda de volta! O incêndio, o prefeito, o governador e a batida policial são coisas da família da Marina. E, mesmo com motivo de sobra para ficar em Itumbiara, ele vinha para cá para dormir no seu sofá. Retribua a merda do amor que ele te deu e confie no que sente. É só isso o que te peço. Confia, Cema, que se o Dênis não prestasse, eu não o defenderia.

— Obrigada por me contar tudo isso.

— Tá, agora faça alguma coisa. — Tendo dito, Laura pegou a bolsa no criado-mudo, deu-lhe uma cópia do contrato que Dênis assinou e se despediu. — Não diz que me enganei sobre você.

— Espero que você encontre um amor assim também, Laura. De coração.

— Ah, eu tive. Só que na minha vez, eu era o Dênis.

— E o que aconteceu?

— Ele quebrou meu nariz.



## Capítulo 42

Nas noites quentes, dormia abotado, como se diz em sua terra, na carroceria da caminhonete, na frente da casa dela e sem coragem de olhar para Seu Geraldo. Nas noites frias, deitava o banco do motorista e dormia. Sem cobertor e com um pouco do vidro aberto.

Um policial bateu no vidro uma vez, denúncia dos vizinhos. Perguntou o que ele fazia ali e por que a placa era de Goiás. Dênis passou dois dias dormindo em outra esquina e voltou, quando percebeu que era seguro, para a frente do portão dela.

Uma semana inteira dormindo assim. Esperando que saísse do hospital, que chegasse em casa, procurando um momento, qualquer momento, para falar com ela.

Viu o Uber encostar atrás de sua caminhonete e despertou assustado. Convalescente, ela saltou do carro com a ajuda do pai. Seus cabelinhos loiros já tinham começado a nascer mesmo antes da cirurgia. Uma pelagem curtinha, feito cabeça de criança. Sorriu de vê-la em pé, sentiu as lágrimas escorregarem para o queixo, e todos os seus discursos foram engolidos.

*Iracema voltava para casa.* O coração dele, que batera descompassado por não saber como ela estava, retornava ao ritmo habitual apenas por vê-la. Via Seu Geraldo segurar Iracema por um dos lados, a ajudando a atingir o portão de casa, e o motorista carregava as malas.

Enfraquecido, deu-se por vencido. Ele deu tudo e restava sem nada. Foi burro assinar contrato com o diabo, estava claro desde o entalho na pasta — “Álcool Ferraz” —, entretanto o desespero o fez acreditar que Marina revelaria a verdade. Uma semana sem comer direito, sem se banhar direito, dividindo banheiros de favor em lojas.

Vagando por aí sem saber como voltar para casa e encarar Laura, sem saber como encarar Seu Geraldo. Esperando, de tocaia, só para saber quando ela

voltaria para casa.

Se não vão ser felizes juntos, pelo menos, ele se contentava em saber que ela vai viver. Um coração quebrado era um coração vivo. Era só isso o que ele queria. Um coração vivo, Iracema viva e saudável, longe da doença, longe do medo de não durar muito.

Sentiu dois toquezinhos tímidos no vidro de sua caminhonete e limpou as lágrimas. Iracema, séria, estava ali. Sem chorar, sem sorrir, e sozinha.

— Anjo, vai para dentro, aqui está frio para você. — Ele não percebeu o quanto sua voz estava quebrada e trêmula até precisar falar.

— Por que não me disse sobre o pai da Marina?

— Você já tinha problema demais.

— Por que não me disse sobre o prefeito, sobre a ameaça do Ministério Público?

— Anjo, por favor, não se altera, você não está boa para...

— É isso o que você acha de mim, Dênis? Que eu sou uma fraca que não aguenta notícias ruins?

— Não, pelo amor de Deus, não é isso!

— Por que não me disse? Por que deixou que uma moça qualquer chegasse no meu quarto e inventasse uma mentira daquelas?!

— Cema, eu só queria resolver meus problemas e os seus. Eu não queria levar problema para você, não queria encher teus ouvidos, não queria atrapalhar seu tratamento! Seu foco devia ser ficar boa, e só isso! Desculpa trazer meus problemas para você, desculpa não ter previsto que Marina era doente por poder. Desculpa, anjo, me desculpa. Eu só estava aqui para saber se você ficaria bem, para ter certeza que a cirurgia seria um sucesso. Eu já vou embora, tá? Desculpa encher sua cabeça. Você merece mais do que eu sou capaz de te dar e, mais do que isso, merece mais sossego do que a vida que eu posso te dar. Desculpa, anjo, me perdoa.

— Quem decide a vida que eu levo sou eu, Dênis, não você.

— Tá correta, denço, desculpa achar que posso fazer parte da sua vida.

— Laura veio no meu quarto e me contou tudo.

— Ela não pode sair da nossa cidade, como que ela veio para cá?

— Ela veio no meu quarto e disse o que você devia ter dito.

— Foi encher sua cabeça com coisarada sem importância!

— Não briga com ela, a culpa é sua.

— Eu sei, anjo, eu sei.

— Se você tivesse me contado, eu nunca teria acreditado numa palavra da Marina. Você teria estado do meu lado na hora da cirurgia e no depois. Eu estaria do seu lado, te dando força, te impedindo de assinar aquela loucura com o tal do Chicão do Mato e teria poupado muito trabalho para a Laura.

— Desculpa, anjo, desculpa.

— Para de me pedir desculpa!

— Eu não sei mais o que te dizer.

— Não diz nada, Dênis. — O puxou para fora do assento da caminhonete e sorriu, pacífica. — Vem para dentro, vamos comer alguma coisa e tomar um banho.

— Você acredita em mim, sabe que não tem filho nenhum entre Marina e eu? — Com o máximo de cuidado, ele a segurou pelos ombros, ajustando o abraço, encaixando sem machucar e quebrando devagarinho. — Cê acredita em mim, Cema?

— Eu acredito no campo de girassol, amor. Eu acredito no amigo que abandonei na rodoviária e mesmo assim me ajudou quando eu mais precisava, quinze anos depois, sem ressentimentos e sem jogar nada na minha cara. Eu acredito no melhor amigo que riu, chorando, quando me deixou careca. Eu acredito no Cão Doido, amor. No meu melhor amigo que esconde coisas de mim para não me deixar preocupada. No cara que voltou para me ajudar na quimio e se preocupou com batom e vestidos depois que seu canavial foi destruído. É nisso que eu acredito.

— Tá. — Ele sorriu dando um beijo em seu rosto. — E em mim, cê acredita?

— Não esconda coisas de mim nunca mais, tá?

— Nunca mais.

— Prometa!

— Prometo, anjo. Vou te encher com os meus problemas, tá feliz?

— Na alegria e na doença?

Seu Geraldo, encostado no batente da porta da sala, sorria olhando os dois abraçadinhos. De braços cruzados, os viu dando as mãos e entrando em casa. Princesa, a cadelinha, fez xixi sem conter a felicidade. Não sabia se ficava mais feliz com Dênis ou com ela. Pulou em Dênis e quase pulou em Iracema também, se não fosse a bronca do pai que a fez enfiar o rabinho entre as pernas e chorar manhosa.

— Cão Doido...

— Perdoa, pai.

— Comigo não tem nada que perdoar, não. Eu teria feito a mesma coisa.

— Laura também falou com o senhor? — Iracema se intrometeu.

— Antes de entrar no seu quarto.

— Pai — Iracema fechou a cara —, se o senhor esconder coisa de mim, eu vou perder a paciência também!

— Tem coisa que mulher não precisa saber.

— É? — Brigava logo com os dois para não ter que brigar duas vezes. — Mulher não precisa saber, só se ferrar quando as coisas não derem certo, né?

— Não é nada disso, anjo...

— Se é para esconder coisa de mim, esconde muito bem escondido, porque se eu descobrir, a casa vai cair! Não importa se é o senhor, ou se é você, Dênis.

— Tá bom, minha rosa.

— Tá bom, né? Agora vai comer alguma coisa mastigável, que eu cansei de ver o senhor bebendo café. — Voltou-se para Dênis, que ria da bronca que ela dava no pai. — E, quanto a você, pro banho! Já!

— Eu vou te ajudar a...

— BANHO, Dênis, que você tá fedendo! Eu vou te falar, se homem não faz besteira na entrada, faz na saída... Bando de orgulhoso sem noção que acha que pode carregar o mundo nas costas!

## Capítulo 43

*Três semanas depois.*

Chicão do Mato entrou pela Princesa de Doce como se fosse dono do lugar. Ele e dois seguranças militares. A escolta contratada para proteger a fazenda apontou todos os seus fuzis e armas de longo alcance ao visitante que fora autorizado a entrar, mas que estava longe de ser bem-vindo.

Laura, na porta de casa, vestida como a dona do lugar, com seus cabelos ruivos brilhantes e soltos, com seu salto alto que não escondia a tornozeleira eletrônica, o esperava de braços cruzados e sorriso no rosto. Era briga de gigante, de vilão para vilão, e, se Dênis estivesse ali para perceber, sentiria um gelo percorrer sua espinha dorsal até arrepiarem todos os cabelinhos de seus braços.

— Dona Laura. — Ele estendeu a mão em cumprimento.

— Chicão. — E ela não retribuiu. — Vamos conversar em meu escritório, aqui não é seguro para o senhor.

— Vejo que a fazenda sofreu alterações desde a minha última visita... Quando foi? No noivado de Marina?

— Não, o senhor está enganado. Foi no incêndio. Não se lembra? — Deu as costas para ele, sorrindo um de seus piores sorrisos, e o conduziu para o escritório que, diferente de todos os dias, tinha as persianas fechadas. — Acredito que seus seguranças possam ficar do lado de fora, não é? Quero dizer, a reunião é apenas entre o senhor e eu.

— Claro, claro.

Nada, numa reunião com uma mulher, significaria perigo. Chicão fez sinal para seus seguranças, sorrindo um pouco pedante, e entrou pela porta que Laura deixara aberta.

Dênis, com seu olho ruim, o esperava. Sorria o mesmo sorriso que Laura,

mas pior, porque é homem, maior, e tem um olho de cada cor. Ajeitou o chapéu na cabeça, sem cumprimentos, e esperou que o outro encostasse o queixo no teto.

Em cima da mesa vazia, que sempre foi cheia de papéis, três fotografias de três fazendeiros encontrados mortos. O “Álcool Ferraz” já foi “Álcool Santa Luzia”, “Santa Inácia” e “Santa Clara”. Toda vez que a Polícia Federal fechava o cerco sobre a rota de droga disfarçada de destilaria, um fazendeiro, o dono nominal, era encontrado morto.

A polícia já sabia que fazendas alcooleiras se tratavam de fachada. Laura olhou para o senador que sequer se sentou e viu seu rosto amargar.

— Cortesia de um amigo meu. — Ela se sentou na beirada da mesa, afastando as fotografias e cruzou os braços. — Um canavieiro baiano, um alagoano e um mineiro. Os três assassinados em suas próprias casas depois de assinar um contrato que promete rios de dinheiro. O seu nome no contrato fica oculto e vem com severas penas ao fazendeiro que revelar a sua identidade. Esperto, admito. O senhor não quer se sentar? — Ela sorriu. — Está ficando pálido, prefiro que se sente.

— Já estou de saída.

— Aconselho se sentar. — Dênis interrompeu bem quando o senador colocou a mão na maçaneta. — Como minha irmã disse, é esperto manter seu nome longe do contrato, mas tem uma questão que qualquer policial preguiçoso perceberia ao analisar as fazendas: os três contratos são iguais. Engraçado, não é? Agora: qual a nossa surpresa em perceber que o contrato que o senhor ofereceu a eles é exatamente igual ao contrato que o senhor apresentou a mim? Não sou eu quem o senhor tem por *filho*? O “Álcool Ferraz” é exatamente igual aos outros álcoois dos fazendeiros mortos.

— E eu fico me perguntando: — Cruzando os braços, Laura o olhava com tanto ódio e pedantismo que era como se ela fosse a opinião pública. — O que será que aconteceria se eu levasse esse contrato e o meu testemunho até um posto da Polícia Federal?

— Menina, você não sabe com quem está falando?

— Sei. — Ela estendeu a mão e indicou a cadeira que Chicão recusava.  
— O senhor sabe? Porque o noivado de Dênis com sua filha serve para provar a nossa ligação. Quando Marina entrou na cafeteria e estendeu o contrato para ele assinar, embaixo da chantagem mais mesquinha que uma mulher pode fazer, a filmagem gentilmente concedida pelo dono do estabelecimento, e que está em meu poder, confirma a acusação que faremos à Polícia Federal.

— E não demorará muito até que o senhor seja descoberto e preso tanto por tráfico quanto por homicídio. — Dênis se levantou da cadeira do escritório da irmã.

— O que vocês querem? Ameaça de cowboy não põe medo em ninguém.

— Cowboy com muito orgulho.

— Nós não queremos fazer parte deste esquema de droga. Eu quero o acordo, que Dênis foi coagido a assinar, cancelado. Que o senhor nunca mais pise em Itumbiara e deixe toda a minha família em paz para eu esquecer que tenho todas estas provas contra o senhor.

— Combinado.

— Ótimo, porque se qualquer um de nós der o azar de morrer em batida de carro, suicídio misterioso ou qualquer outra fatalidade, uma cópia do arquivo com todas as provas que possuo será enviada direto à Polícia Federal e outra cópia irá direto para a Folha de São Paulo.

— Laura...!

— E, se minha fazenda pegar fogo de novo, ou se o Ministério Público vier à procura do nosso álcool outra vez, o senhor pode esperar por uma coletiva de imprensa à porta da sua casa procurando saber qual o seu envolvimento com o cartel de drogas.

— Dênis...

— Eu quero sossego e distância do senhor e sua família, e o senhor quer sigilo nas suas operações ilegais. Somos dois criminosos, não vou fingir que sou a mocinha da história. Você não mexe comigo e eu não mexo com o senhor.



Estamos conversados?

Saiu do mesmo jeito que entrou: com fuzis mirados à cabeça. A diferença é que, quando foi embora, espumava de raiva.

Os Mairinc, que o acompanharam até a saída, sorriam grande. E o leitor sabe que não eram sorrisos bonitos.

## Capítulo 44

Iracema fazia piada de seus cabelos, melhor, da falta deles, e da ausência de mamas. Decidiu que queria viver e não estava pronta para entrar em outra cirurgia, mesmo que fosse reconstrutora. Seu pai não ria, nem Dênis, mas ela sim. Foi o jeito que aprendeu a lidar com as queimaduras que a radioterapia provocou em sua última semana de tratamento.

Ela sorria, tirando a camiseta sem sutiã por baixo, e entrava na máquina. O fez por cinco semanas inteiras. Nas quatro primeiras semanas não sentiu dores, nem náusea, nem nenhum dos sintomas que o médico lhe alertara. Na última semana, todo o seu tórax queimava.

Sexta-feira, na última sessão, quando entrou novamente na máquina, não riu. Chorou pelos vinte minutos presa dentro do aparelho, de dor, rezando para Deus tirar sua doença do corpo porque ela não aguentaria nem mais uma bateria de quimioterapias, nem ter que voltar para aquela máquina.

No sábado de manhã, repetiu os exames tremendo tanto, com tanto medo, que não comeu. Seu pai e Dênis, cientes do medo e tão receosos quanto ela, acordaram cedo, foram à feira, deixaram frutas na mesa, prepararam vitaminas e um bolo de milho, que Dênis pediu ajuda de Laura para fazê-lo, e mesmo assim Iracema não quis comer.

Agradeceu o gesto, sabe que é do feitio deles agradar com comida, e ela fica feliz por serem tão simples.

Mas antes da tomografia, exame que checaria a insistência ou remissão de sua doença, só quis ficar sozinha.

Muito a contragosto, a respeitaram. Iracema só foi importunada quando era hora de sair e, depois de um abraço longo em cada um de seus amores, entrou na sala do exame, segurando o medo e o choro, deitou com o dorso nu e rezou.

Fez tudo o que pôde. Foi com essa sensação que saiu de dentro da

máquina. Chorava contida, segurando o fôlego porque não queria arruinar o trabalho dos técnicos, e se vestiu. Fez tudo o que pôde. Cortou os cabelos, enfrentou a quimioterapia, tirou ambos os seios, enfrentou a máquina de rádio. Tudo de mãos dadas, sempre amparada, vigiada, acolhida.

Abriu a porta da sala, sentindo o choro chegar, e se enfiou entre os seus. Um beijo para cada um, no pai e nele, que não tinha título, que quis se casar e foi recusado, que não a pediu em namoro, que nunca saiu de seu lado. Beijou o rosto barbeado e fresco do pai, agradecendo pelo cuidado, carinho e atenção por todo o tempo do tratamento, e beijou o rosto do outro, agradecendo também.

— Iracema? — Uma voz conhecida a interrompeu. Ela limpou as lágrimas, deu outro beijo em cada um e se virou. — Uau, quanto tempo!

Era ele, o médico. Seu ex-noivo. Ele trabalhava ali? O amor é mesmo um filtro muito esquisito. Olhou-o como ele a olhava, de cima a baixo, das canelas aos cabelos, e ele não era mais nem um décimo do que fora.

Olhando-o bem, era até um pouco feio. Um pouco esquisito, meio magricela. Perto do Dênis, esse sim que era moço de se olhar, ele não era ninguém.

Diferente do que poderia ter sido se tudo tivesse sido diferente, ela estendeu a mão em cumprimento. Sorriu e manteve a cortesia. O médico cumprimentou Seu Geraldo, que tem bem menos paciência, e quis saber como anda seu tratamento.

— Cabra, não é cara de pau demais, não? — Seu Geraldo ralhou.

— Deixa, pai. — Iracema sorriu. — Meu tratamento vai muito bem, sim.

— Nossa, parece que foi ontem, né?

— Para mim não pareceu ontem. Bom — ela sorriu —, eu vou indo.

— Você parece tão mais bonita agora!

— Pois é. — Ela pegou na mão do pai, na mão de Dênis, e foi embora.  
— Felicidade faz isso com as pessoas.

— Você é muito mole, Iracema. — O pai reclamou conforme os três saíam do hospital. — Tivesse me deixado, teria acertado as contas com ele ali

mesmo.

— Quem é aquele cara? — Dênis perguntou.

— Meu ex.

Ganharam a rua e Dênis estacou no meio da passagem.

— E você trata esse merda com esse sorriso?

— Se eu tivesse ficado com ele, eu já estaria morta. Se não fosse a doença, seria a depressão. Ele me deixar foi a melhor coisa que fez por mim. Isso me levou a você... — Sorrindo ainda, retomando os agradecimentos, ela deu um beijo em Dênis e depois deu um beijo nas mãos do pai. — E me aproximou de você, papai.

— Agora até eu vou agradecer esse sujeito. — Dênis sorriu.

— Só fiquei quieto em respeito a você, minha rosa. Se trombo sozinho com ele...

— Bom, ainda tem mais alguns exames pra fazer, né? — Iracema sorriu mudando de assunto e caminhando até o carro. — Vamos?

\*\*\*

Ela inverteu os papéis e acordou mais cedo para fazer o café da manhã deles. Dênis, mesmo depois de tudo, continuava dormindo no sofá, e acordou quando ouviu o liquidificador.

Roto, ele demorou para entender a figura baixinha de pé em frente à pia. Iracema é sempre a última a acordar, não a primeira.

— Cacete, que sorte a minha. — Ela sorriu esticando o pescoço a fim de olhá-lo se sentando no sofá. — Mesmo todo amassado de sono, o bicho ainda é bonito.

— Tá fazendo aí? — E essa voz rouca de sono, meu Deus?

— Vai lavar o rosto, amor, estou fazendo o café. — Ela disse ligando o liquidificador novamente, coberto por três toalhas na intenção de diminuir o barulho.

Seu Geraldo abriu um sorriso feliz quando viu a mesa arrumada.

— É hoje, né? — Sentou-se à mesa, beijando a mão de sua filha, e sorriu para o pãozinho tostado com manteiga de garrafa que ela lhe preparou.

— Hoje.

— Não importa o resultado. Tem que saber que é amada, que é sábia e que importa.

— Eu sei que é feio cantar vitória antes da hora, mas eu tô com um bom pressentimento.

Iracema entrou no consultório médico com a cavalaria. Não tremia. Deu bom dia para o médico, contou sobre seus dias, fez até alguma piada sobre o cabelinho ralo que nascia de novo, sobre como as crianças na rua ficavam olhando para ela tentando entender se era uma mulher ou um menino muito esquisito, e apresentou os envelopes fechados dos resultados dos exames.

Dênis batia os pés, nervoso, e Seu Geraldo não piscava. Se sexto sentido de mulher funciona, e se é possível sentir quando estamos doentes, Iracema sabia de tudo.

— Agora é a fase da remissão. — O médico sorriu. — Alerta constante, Iracema. Vou te prescrever remédios que você consegue na Farmácia de Alto Custo, e é para tomar todo dia.

— Espera: — Dênis sorriu sem entender.

— Iracema está curada, doutor? — O pai da moça atropelava o genro.

— Consideramos cura quando a paciente não apresenta quadros depois de alguns anos.

— Mas e aquela coisarada de máquina e agulha, doutor? Ela vai ter que continuar?

— Não, não. Depois da cirurgia não foi constatada nenhuma metástase.

— DESAPARECEU?!

— TUDIN, TUDIN???

Iracema ria. Ela não disse nada. Pai e Dênis pareciam duas crianças que não acreditavam no que ouviam. Parecia manhã de Natal. Seu Geraldo, feito de

pedra, pegou a mão de sua rosa, do jeito que ele fala, e levou ao peito. Como se guardasse a coisa mais preciosa que tem junto ao coração.

— Os exames estão ótimos.

— Eu sabia. — Ela sussurrou envergonhada.

— Parabéns pela bravura. — O médico sorriu, descansando os exames sobre a mesa. — E parabéns para os acompanhantes, também. Parte da remissão é devido a quem está ao lado da paciente.

— E agora, doutor? — Ela retomou. — O que a gente faz para eu ter a cura?

— Remédio todo dia. Iracema: nada de álcool, nada de cigarro. Faça exercícios, mantenha uma vida ativa, evite gorduras. Você é magrinha, mas magreza não quer dizer saúde, ok?

— Espera: — Dênis repetiu.

— Dênis, deixa o doutor falar!

— Não, Cema, não dá.

— O que foi?

Dênis se levantou da cadeira e se ajoelhou na frente dela. Mais feliz que aquele homem vai ser difícil de arrumar. Mexeu num dos bolsos e tirou a mesma caixinha de veludo de antes, guerreira, que esperou sentada, socada na mochila de Dênis, até o momento perfeito.

Ali, quando finalmente aberta, seu conteúdo parecia brilhar. Não era o valor monetário do anel que importava. Poderia ser só um anel de coquinho, ou pesar cinco quilos de puro ouro 24 quilates: era o que aquilo significava. Para Dênis, remissão era o mesmo que cura. E cura significava envelhecer junto.

— Anjo meu, casa comigo?

— Cê ainda me quer, Dênis?

— Deixe de frescura, Cema.

— Agora que não tenho peito e não posso te dar filhos?

— Coração é um só por casal, e o meu nasceu contigo.

— Dênis...

— Iracema, responda logo pro coitado, até eu tô com gastura. — Seu Geraldo se intrometeu e o doutor riu.

— Amor — ela ajustou o nome para chamá-lo do jeito certo —, se mesmo assim você me quer, então eu caso.

Dênis, se fosse quinze anos mais novo e muito mais doido do que é, teria saído gritando pelos corredores da clínica médica, girando a camisa na mão feito jogador de futebol em final de campeonato gritando:

FINALMENTE!!

Ali, tomou a noiva num beijo, na frente do pai da moça, sorrindo feito um doido, chorando mais doido ainda, e acertou os termos.

— Mas não é pra fazer noivado de anos, não, viu? É pra casar comigo no máximo até o fim do ano.

— Dênis, eu não vou fugir!

— Já brinquei demais com a sorte. Vamos casar logo duma vez, que não tenho sangue da barata, não.

## Capítulo 45

Arrumavam-se juntos, feito pai e filho, num quarto de hóspedes da fazenda. Seu Geraldo sorria, feliz, animado com o casório, e Dênis só sabia tremer. Ele esperava por aquele dia, aquele momento, há tanto tempo que, por muitas vezes, perdeu a fé.

Sonhou tanto com aquele dia que se conformou com a ideia de ser só um sonho.

Num terno azul de verão e gel no cabelo, ajeitado como nunca antes, ele arrumou a gravata do pai da noiva, dobrou o lenço de Dona Graça para colocar em seu bolso e o olhou com lágrima nos olhos.

— Cão Doido, Cão Doido...

— Pois é, Seu Geraldo.

— Você é cria solta do mundo, Cão Doido, mas minha rosa não.

— Já pedi que viesse para o mundo comigo uma vez, pai.

— E ela, o que respondeu?

— O que o senhor acha?

— Filha minha... — Ele sorriu orgulhoso da filha sem saber que ela teve a oportunidade de ir embora de casa antes mesmo de fazer dezoito anos. — Quer casa lhe dou, Cão, mas asa não lhe dou, não.

— Não quero asa, Seu Geraldo.

— Dei sorte e Ceminha vingou que nem a mãezinha dela.

— Pois o senhor teve sorte em dobro. E eu só tenho uma.

— E cuide bem da sorte que lhe entrego.

— ... Não é que o senhor tenha escolha, não é? — Deu uns passos para trás, abrindo a porta, porque vergonha não tinha, mas tinha medo. — Cema é mulher feita, decide por si. Eu só estou aqui porque ela me quer.

— Para pai, vai ter sempre dez anos. Tu e ela.

No meio do campo de girassol, Compadre Esteves, dono da plantação,



mandou carpir um campo de futebol inteiro, em nome dos noivos, quando ficou sabendo da história deles. Com os girassóis que restaram sem raiz, Laura mandou fazer decorações.

Iracema, que não sabia de nada, nem mesmo onde seria seu casório, chorou contida, emocionada, conforme foi se aproximando do local. Chorou quando entrou pela estradinha estreita entre os girassóis mais altos que seus ombros, e chorou quando viu o campo carpidado.

A cidade inteira estava lá. Iracema é moça de família pequena, Dênis também, mas os amigos eram muitos. Até o doutor foi convidado, até o Delegado Dias, até o prefeito. Todo o corpo policial, a tropa dos bombeiros. Todo mundo estava ali, arrumado, entre os seus girassóis, esperando por ela.

Iracema pisou no tapete branco estendido até a mesa do padre e trocou o buquê comparando com a decoração da última fileira de cadeiras: quis entrar na igreja vestida de flor que era sua: girassol recém-colhido, e não essas rosas brancas de boutique.

Dênis chorou quando viu sua pequena chegar. Mal se continha com sua beleza. Iracema não quis passar pelo trauma da cirurgia de novo e ostentava um peito plano, vazio de silicone, cheio de segredos e significados. O vestido foi ajustado para ela, para caber seu corpinho esguio, e os cabelinhos, que cresciam muito mais lisos do que antes, receberam uma grinalda sem véu.

— Tá linda. — Dênis chorou, beijando sua testa.

— Tá lindo também, amor.

— A cerimônia religiosa começa em quinze minutos — Laura assumiu o microfone e a mesa do padre, interrompendo os cumprimentos do noivo. — Agora, se os senhores nos permitirem, eu vou dar início à cerimônia civil e lhes contar como foi que um menino de dezessete anos obrigou uma cidade inteira a chamá-lo por *Cão Doido* depois que voltou de São Paulo.

Ela esperou que todo mundo se sentasse para que retomasse o discurso.

— Dênis nunca foi um garoto quieto. Borges, que é amigo velho da família, lembra bem. Não lembra, Seu Borges? Todo mundo chamava meu irmão

de Pimentinha, era a nossa piada com o Dênis do filme, e todo mundo sentiu muito a falta dele quando foi para São Paulo. Três anos de sossego para a mãe, que não gritou uma única vez enquanto ele esteve fora, mas três anos muito tristes também. (Vamos cortar a parte triste porque hoje é dia de alegria e eu tô aqui para comemorar a maior vitória dos Mairinc: Achar essa bendita Iracema, que eu levei quinze anos para saber quem é, e que atormenta meu irmão desde quando ele não tinha um pelo de barba!).

— Laura — Dênis cochichou enquanto a cidade inteira ria —, não estraga meu casório.

— Então, senhores, um dia ele voltou para casa. A mãe e eu, num gesto de saudades, o chamamos de Pimentinha. Só que o Dênis trouxe um novo apelido, coisa que Seu Geraldo inventou e que ele importou para cá. *Cão Doido*. Olho de Cão Doido é alcunha completa. Um olho escuro, um olho claro. O olho ruim brigava com todo mundo que o chamasse de Pimentinha. Tinha que ser Cão Doido, ao gosto do sogro.

— Dênis, você fez isso mesmo? — Iracema cochichou em seu ouvido.

— Qualquer outro apelido parecia errado.

— Então, conforme as pessoas foram tomando conhecimento, o apelido ficou. Cão Doido. Até o prefeito sabe quem é Cão Doido, não sabe, Seu Prefeito? Ó aí. Por um bom tempo eu fiquei pensando quem foi que deu esse apelido para ele. Combina, longe de mim discordar do homem que parece que é meu pai, meu irmão é um cachorro mesmo. A questão é que ninguém sabia de onde vinha.

“Até que um dia a Lúcia do Antunes me ligou avisando para buscar o Dênis no acostamento porque ele estava muito bêbado para dirigir. Foi a primeira vez que ouvi falar desse nome: Iracema. Dênis chorava com uma garrafa de aguardente na mão, perguntando para Deus por que Iracema não quis vir embora com ele. Naquela hora, eu odiei você, Cema, odiei muito. Dênis ficou tão alcoólatra que vivia só de beber. Eu nunca tinha visto uma coisa assim. Ele escapava do canavial e da faculdade para beber até chorar. Chegava a doer em

mim. Meu irmão é minha metade, meu elo, meu lado bom. O pai e a mãe foram embora e deixaram nós dois para crescer embrenhados, juntinhos, no jugo. Então eu comecei a beber com ele, um pouco todo dia, e ele ia me contando de você. Ele dizia sobre tudo seu. Até as suas notas de escola eu sabia. Quando você passou na UNESP, ele pegou o telefone para te ligar e nós brigamos feito criança, de tapa e puxão de cabelo. Como vocês devem imaginar, venci a briga, Dênis não ligou”.

— Venceu só porque chutou meu saco. — Dênis riu baixinho.

“E então, com o tempo, eu fui me apaixonando também. A Cema, que é como ele te chama, irmã, era toda certinha, o contrário dele. Passou em faculdade importante, queria fazer o bem para o mundo, nunca foi pega beijando garoto nenhum, nem fumando, nem bebendo. Dentro da minha cabeça, até que ele me mostrou uma foto que ele leva na carteira até hoje, você era alta, toda cheia de carne, e morena”.

“Então veio o dia em que você chegou na nossa casa, entre o tratamento e a cirurgia. Cê lembra, Seu Geraldo? Nunca vi meu irmão tão feliz. Ele parecia ter dezessete anos de novo, todo preocupado com a casa, a limpeza, a comida que tinha para oferecer para a visita, os passeios. E então... e então eu ouvi o apelido “Cão Doido” sair da boca de seu criador. É a palavra de carinho mais dura que já ouvi na vida. Não é xingamento, não é piada. *É carinho*. E por quinze anos, até o dia em que Iracema finalmente aceitou meu Dênis, ouvir esse apelido foi o jeito que ele encontrou para ficar sempre perto do pai dela, que é um pouco pai dele também. Toda boca bendita e maldita dessa cidade serviu de consolo para um coração que sangrou desamparado, fingindo sorriso, até o dia em que os dois se reencontraram. Dênis fez o apelido de lar. E, quando sai da boca do pai da noiva, é exatamente assim que é: é um lar. Se parece com casa.”

— Por que eu não posso te chamar assim então, Dênis? — Iracema cochichou em seu ouvido.

— Porque quando saía essa palavra da sua boca, era sempre só para ofender.

— Então, Cão Doido — Laura limpou os olhos nas mãos e o padre lhe ofereceu um lenço —, por favor, pare de beber. Cuida da minha irmã do jeito que ela merece, mas, mais que isso, aceite ser cuidado por ela. Você merece. Amor mais doído e puro, igual ao que você tem por ela, não tem. Cuida bem da minha metade, Iracema, que ele é todo o tesouro que tenho.

— Vou cuidar, Laurinha. — Iracema chegou perto da mesa, beijou o rosto molhado de Laura, afastando seus cabelos do rosto e sorriu. — E vou cuidar de você também, se você deixar.

— Nah. — rebateu com orgulho. — Só cuida dele, que pra mim tá mais que bom.

— Ô desgraça de mulher pra me fazer chorar — Dênis deu a volta na mesa do padre, deu um abraço longo na irmã, enchendo seu rosto de beijinho e concluiu: — Chega de falatório, né? Deixa eu casar logo, que mais um pouco de espera meu coração não aguenta.

— Tá, Dênis, assina lá o papel. Ê, bicho apressado!

— Espera! — Iracema disse.

— Cema, não brinca comigo que eu morro. — Voltando para perto de sua Cema, os olhos triplicaram de tamanho.

— Não, calma!

— Iracema, não tô brincando.

— O que foi? Cê precisa de alguma coisa? — Laura perguntou.

— Eu preciso te contar.

Dênis segurou o ar esperando pelo pior.

— É quase impossível que seja isso mesmo, mas exame de sangue não mente.

— O câncer voltou?

— Não, amor, é melhor que isso.

— O que é?

— Tô grávida.

— Tá grávida.

— É, tô grávida.

— Grávida.

— Tá bobo, é? Eu tô te falando!

— Corre aqui, Cema, assina o mais rápido que cê puder. — Deu a caneta na mão dela, indicando as linhas do contrato de casamento, e Dênis rabiscou qualquer coisa, o mais rápido que conseguiu. — Pronto, *tamo* casado.

— Como é que é? — Laura não acreditava.

— Laura, cancela o padre, manda os músicos começarem com a festança lá no salão, põe os garçons para servir comida e começa a festa sem a gente.

— Dênis, o que você...

Num puxão bruto, Dênis fugiu com a noiva, correndo, rindo feito moleque, doido para se perder no meio do campo florido. De volta ao habitat natural, entre o cheiro de mato fresco e plantas úmidas, bem longe da vista dos convidados curiosos, Dênis olhou bem dentro do olho de Iracema, corada e sem fôlego, a ergueu do chão com carinho e disse as palavras que achou que nunca fosse merecedor de dizer:

— Eu sou o homem mais feliz que essa terra já viu.

Fim.

# *Conheça a Editora e acompanhe as Redes Sociais*

[www.3deaeditora.com.br](http://www.3deaeditora.com.br)

Facebook: fb.com/3deaeditora

Instagram: @3deaeditora

# *Conheça a Autora*

[www.camilamarciano.com.br](http://www.camilamarciano.com.br)

Facebook: fb.com/marcianocamila

Instagram: @camilamarciano